



INTOLERÂNCIA

Casos de homofobia e transfobia aumentam 39% em João Pessoa

Número de registros passou de 115 para 160, entre 2023 e 2024; ações do Estado fortalecem direitos. **Página 7**

Foto: Leonardo Ariel



Obstrução de calçadas ainda é um desafio para pedestres

Apesar das fiscalizações, a ocupação irregular do espaço público por comerciantes prejudica a mobilidade e coloca em risco a população. **Página 5**

Produtos similares ganham espaço nas prateleiras dos supermercados

Criados com semelhança visual e sabores próximos aos originais pela indústria alimentícia, mas com valor nutricional menor, itens são mais baratos e podem enganar os consumidores.

Página 17

Botafogo-PB, Sousa e Treze buscam acesso no Brasileirão

A uma semana dos jogos de estreia, clubes reforçam as equipes e intensificam os treinamentos para fazer uma boa campanha nas séries C e D.

Página 21

Capela de São Gonçalo reúne traços barrocos e renascentistas

Também conhecida como Capela de Nossa Senhora do Patrocínio, edificação em Santa Rita é o único exemplar de igreja colonial rural em formato hexagonal do estado, atraindo a atenção de curiosos.

Página 25



Foto: Grifson Santana/Arquivo pessoal

Memórias

Foto: Carlos Rodrigo



Carreira uniu jornalismo e cinema

Sílvio Osias escolheu cedo a profissão, passou por diferentes cargos em **A União** e trilhou o caminho da crítica cinematográfica.

Páginas 14 e 15

■ “Desde que me entendi neste jogo, tento ver no assentamento da palavra o que sentia o menino de parques brinquedos a assistir à assentada de cada tijolo”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Costumo folhear as páginas do livro ‘Deu no jornal’ de forma aleatória. Rer o que Agnaldo escreveu mostra que a prosa, quando é boa, nunca envelhece”.

Angélica Lúcio

Página 26

Viver com saúde

Ter saúde é muito mais que não ter enfermidades. Não sentir sintomas de qualquer doença — e isso já é muito difícil de comprovar — é apenas uma das circunstâncias do que se pode considerar uma pessoa saudável. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), “a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social”, ou seja, uma associação de fatores, tais como qualidade de vida e aspectos do corpo e da mente.

Amanhã, 7 de abril, comemora-se o Dia Mundial da Saúde. A data foi criada pela OMS, exatamente, para motivar uma profunda reflexão acerca do bem-estar geral das pessoas. Implica, portanto, em uma maior conscientização da população em relação à higidez, o que motivaria, por sua vez, reivindicações junto às instâncias governamentais, no sentido da criação de novas e melhores políticas públicas voltadas à saúde individual e coletiva.

A data também objetiva difundir novas e antigas práticas relacionadas a cuidados pessoais, por meio de processos educacionais, além de promover um conhecimento mais sólido acerca dos direitos individuais e coletivos, no plano das legislações municipais, estaduais e federais. Ler constituições da maneira correta, ou seja, interpretando corretamente direitos e deveres estabelecidos por lei, deveria ser um hábito, e não uma exceção.

A cada ano, a OMS elege um tema, ou seja, uma espécie de emblema do Dia Internacional da Saúde, com a intenção de que ele diga tudo, seja em termos gerais, seja mais particularizado, acerca dos problemas que afetam a saúde da população mundial. Um exemplo: “Salvar vidas: hospitais seguros em situações de emergência” (2009). Já o deste ano — “Inícios saudáveis, futuros esperançosos” — aborda a saúde materna e neonatal.

A ideia que move o tema é “instar os governos e a comunidade da Saúde a intensificar seus esforços para acabar com as mortes maternas e neonatais e priorizar a saúde e o bem-estar de longo prazo das mulheres”. Nada mais urgente, como se vê. A OMS e seus parceiros vão mais além e compartilharão o que consideram “informações úteis para apoiar gestações e partos saudáveis, bem como melhor saúde pós-natal”.

Que o Dia Internacional da Saúde motive, então, governos, empresariado e sociedade civil organizada a se manter em permanente mobilização, com vistas à democratização do bem-estar. O mundo contemporâneo, além dos riscos associados à violência, oferece um variado cardápio de ameaças à saúde, sendo a poluição e a contaminação dos alimentos apenas dois exemplos dos perigos que rondam os seres humanos.

Artigo

Sem pressa, mas alerta

O ser humano é, por natureza, ansioso. Impaciente quando não vê seus desejos atendidos com a urgência almejada. Movido por emoções, apressa-se em cobrar providências num tempo que não é, necessariamente, o seu. É o caso de quem depende da Justiça. O tempo dela nem sempre é o mesmo da opinião pública. Estamos vivendo isso no momento atual da política brasileira.

Boa parte da população vive a expectativa de ver os responsáveis pelos ataques à democracia exemplarmente penalizados. Não se fala em outra coisa. Alguns já comemoram a finalização do julgamento e a consequente sentença condenatória dos acusados; outros compreendem que o devido processo legal deve obedecer ao trâmite normal, o que pode demandar mais tempo. Mas é perceptível a cobrança por urgência no encerramento desses processos que tratam dos atos antidemocráticos praticados recentemente em nosso país. Os indícios apurados pela Polícia Federal são fortemente identificados após um procedimento cuidadoso e rigoroso de investigação, consubstanciando um material probatório bem estabelecido.

É normal que muitos reclamem da morosidade da Justiça em nosso país. Mas, ainda que exista pressão popular, é importante garantir os direitos consagrados na Constituição e nas leis processuais penais, a fim de que, no futuro, o julgamento não seja prejudicado por falhas técnicas. Até porque os julgadores não devem formar juízo sobre uma causa com base no que se debate nas redes sociais, refletindo o pensamento da opinião pública. A Lava Jato é o melhor exemplo de como uma Justiça açodada termina por ser parcial e imperfeita.

A Procuradoria-Geral da República e o Supremo Tribunal Federal têm demonstrado que pretendem analisar o processo com cautela para bem fundamentar a sentença. É verdade que o cerco está se fechando. Diante da gravidade do conjunto probatório apresentado, a população pergunta-se se já não é hora de punir, rigorosamente, os criminosos que tentaram matar a nossa

Rui Leitão

Foto
Legenda



Jangadas ao mar!

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Lobato outra vez e sempre

Mercê de Deus ou da Senhora da Conceição, de imagem herdada de uma das remotas casas do Padre Ibiapina, ainda não fui eximido do exercício medido, pró-consciente da aplicação da palavra na construção da escrita. Desde que me entendi neste jogo, tento ver no assentamento da palavra o que sentia o menino de parques brinquedos a assistir à assentada de cada tijolo na obra de pedreiro de mestre Elesbão. A cada assentamento, o alisado da colher e a recorrência ao prumo do nivelamento. No final, a parede vermelha sem reboco, um tijolo amarrado no outro numa composição que só anos depois, muito depois, pude associar, mesmo por meio de reproduções de banca de revista, à fase cubista de Mondrian.

E fiquei na lição, ainda que ingênua, do mestre Elesbão. Mais ainda quando o texto era de responsabilidade editorial do jornal, da sua palavra, o seu tijolo. Se eu escrevia uma vez, lia 10, por mim e pelos que encarnavam a crítica da época: “O que Alfredo Pessoa de Lima vai achar disso? / E Armand do Frazão? / E Messias Leite?” — eram os Agripinos Griecos dos cafés que ladeavam o Ponto de Cem Réis.

Mas tive ajuda. Um grande brasileiro seguido de norte a sul em sua doutrinação e em seu mister de escritor militante da literatura e das ideias de soberania nacional, Monteiro Lobato, chegava a tempo na Biblioteca Municipal de Alagoa Nova. Biblioteca em que não pode faltar o nome do seu fundador, o prefeito Arlindo Colaço. Graças a “Urupês”, a “Cidades Mortas”, o menino de grupo escolar descobriu um nome novo e de luxo para o que, em casa e na rua, na escola, conhecíamos como mangação. Era a ironia e o modo crítico de julgar certas criaturas que nos pareciam falsas. E foi numa carta de Lobato ao parceiro de letras e amigo da vida inteira, Edgar Cavalheiro, que ele dava a fórmula: “Quer escrever exato, leia e releia o Código Civil de Bevilacqua. Ele não deixa brecha à equivocada ou falsa interpretação”.

Anos depois, no Ginásio Castro Pinto —uma seccional do Liceu no turno da noite — sobreveio-me a mesma recomendação de um velho professor de Português que se foi com a gramática de Eduardo Carlos

O menino de grupo escolar descobriu um nome novo e de luxo para o que em casa e na rua, na escola, conhecíamos como mangação

Gonzaga Rodrigues

Pereira, o professor Deloni: “A maior obra de Epitácio Pessoa não foi sua dedicação ao Nordeste, mas confiar a redação do Código Civil a um colega cearense de Faculdade, Bevilacqua. Rui Barbosa nunca o perdoou”.

Tudo isso irrompe da sombra ao deparar, no primeiro jornal da semana, com a notícia da aprovação, pelo Senado, do projeto de lei que “permite ao governo brasileiro retaliar medidas comerciais que prejudiquem os produtos do país no mercado internacional”.

Parei a leitura em “retaliar”. E fiquei mastigando: retaliar, retaliação. Não é que eu desconhecesse a palavra de uso tão frequente. É que não avultava à mente ensombrada, subitamente surpreendida com a palavra, a força radical do seu significado. Mente em desuso ante a realidade do noticiário, confinada ao pensamento e às leituras do meu particular agrado. E espantei-me em meus receios com a demência.

Corri ao dicionário mais próximo e retomei um cuidado da vida inteira. Lá está: “Retaliar: revidar com dano igual ao dano recebido.” A sinonímia prossegue, vária, rica, mas dispensável. Não há outra expressão, ela é única para a situação em que foi empregada ou em que estamos confrontados. Tijolo da construção de longe, alicerçada na cabeça velha do menino.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: Reprodução/Secom-PB

Agricultores familiares têm acesso a sementes durante todo o ano, fortalecendo um ciclo sustentável de produção na Paraíba

NO ESTADO

Bancos de Sementes fortalecem a agricultura

Espaços são essenciais para garantir a alimentação de milhares de paraibanos

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

Os bancos de sementes são espaços comunitários essenciais para garantir a alimentação e o sustento de milhares de paraibanos que vivem da agricultura familiar. Por meio deles, os agricultores têm acesso a sementes durante todo o ano, fortalecendo um ciclo sustentável de produção. Além de garantir o próprio sustento, esses produtores contribuem para a segurança alimentar de pessoas em situação de vulnerabilidade, abastecendo iniciativas como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), do Governo Federal, e levando comida para a mesa de quem mais precisa. Somente nos primeiros meses de 2025, mais de 1.200 produtores rurais participaram do PAA, com o Governo da Paraíba adquirindo 17,5 toneladas de alimentos advindos da

agricultura familiar para distribuir entre as famílias cadastradas nos Centros Sociais Urbanos. Espalhados pelos chamados territórios rurais paraibanos, em 2022, havia 83 bancos de sementes comunitários (BSCs) no estado. No entanto, em 2023, a gestão estadual anunciou a criação de 90 novos BSCs nas regiões de João Pessoa, Guarabira, Solânea, Campina Grande, Cuité, Monteiro, Patos, Itaporanga, Catolé do Rocha, Pombal, Cajazeiras, Sousa, Princesa Isabel, Itabaiana e Mamanguape, totalizando investimentos de R\$ 3,3 milhões. Para Carlos José de Araújo, técnico da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), vinculada à Secretaria de Estado do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca (Sedap), o principal impacto dos bancos de sementes é a independência

que oferece aos pequenos produtores. “Em vez de comprar as sementes junto às grandes multinacionais, eles podem adquiri-las no banco e serão variedades adaptadas ao clima e ao solo da região, sem falar na qualidade nutricional dos alimentos colhidos, que são livres de transgênicos e de modificadores artificiais”, comentou Carlos. Segundo o especialista, a variedade dos grãos

foi a mais importante contribuição dada pelo Governo do Estado, que priorizou a criação de um ciclo produtivo. “As sementes compradas são diferentes das vendidas por empresas, porque, quando o alimento é colhido, as novas sementes não se modificam, ou seja, não há segregação. Isso significa que o agricultor pode voltar a plantar a semente e terá o mesmo alimento ao fim de cada plantio”, explicou.

Saiba Mais

■ Os principais grãos distribuídos nos BSCs são de milho crioulo, feijão, fava, gergelim, jerimum, quiabo e gundu e, para cada um deles, há centenas de variedades armazenadas. Atualmente, as principais pessoas a acessarem os bancos na Paraíba são os produtores cadastrados no Garantia-Safra, programa do Governo Federal, que garante condições mínimas de sobrevivência aos agricultores familiares de municípios historicamente atingidos por longos períodos de estiagem ou enchentes. Na última semana, o Garantia-Safra começou a assistir mais de 42 mil pequenos produtores paraibanos com renda mensal de até 1,5 salário mínimo.

Segurança alimentar e a cultura agrícola

Além de assegurar o cultivo para o ano inteiro, a Empaer entende que há uma diferença evidente entre as grandes distribuidoras de sementes e os bancos: enquanto as primeiras focam no que é mais produtivo, os segundos se interessam pela segurança alimentar e a conservação ancestral da cultura agrícola. “Os agricultores adaptam as sementes, através da seleção natural, em um processo que ocorre ao longo de anos, então os alimentos não per-

dem as propriedades nutritivas, pelo contrário. São sementes tradicionais, que remontam à própria história da agricultura paraibana. Às vezes, chegam pessoas aqui para trazer sementes plantadas pelos avós e bisavós, o que significa que é parte da cultura também”, constata Carlos. Não suficiente, os BSCs mantêm e multiplicam sementes crioulas, que são adaptadas às condições climáticas locais e contribuem para a conservação de espécies vegetais amea-

çadas. Ao serem mais resistentes a mudanças climáticas, as sementes nativas exigem menos agrotóxicos, o que leva ao favorecimento de práticas agroecológicas. Por fim, contribuem para a recuperação de solos degradados e a redução do desmatamento. Ou seja, os bancos de sementes são muito mais do que simples estoques de grãos. Eles são instrumentos de autonomia para os agricultores, proteção ambiental e soberania alimentar.

■ Os BSCs mantêm e multiplicam sementes crioulas, que são adaptadas às condições climáticas locais

UN Informe DA REDAÇÃO

MINISTRO DA CASA CIVIL VISITA OBRAS DO NOVO PAC, AMANHÃ, NA PARAÍBA

O ministro da Casa Civil, Rui Costa, estará em João Pessoa, amanhã, para cumprir uma agenda de atividades com o governador João Azevêdo e com prefeitos do estado. O objetivo é monitorar as obras do Novo Programa de Aceleração do Crescimento (Novo PAC). As reuniões ocorrem, a partir das 9h30, no Centro de Convenções de João Pessoa. O secretário especial do Novo PAC, Maurício Muniz, e representantes dos órgãos federais ligados às áreas da Saúde, Habitação, Educação, Transporte e Relações Institucionais também acompanham a agenda, além de parlamentares. A previsão é que às 12h30 o ministro e o governador atenderão a imprensa em entrevista coletiva. A visita ao estado faz parte da estratégia da Casa Civil para mobilizar os entes públicos e acelerar a execução das obras e dos projetos que estão na carteira do Novo PAC. Na última sexta-feira (4), o Governo Federal anunciou que, na Paraíba, recebeu 1.311 propostas para o Novo PAC Seleções 2025. Dos 223 municípios do estado, 222 inscreveram projetos. A capital João Pessoa tem o maior número de propostas inscritas: 16. Cabedelo, Campina Grande e Santa Rita, todas com 11 propostas, seguidas por Bayeux, com 10, fecham o top 5 das cidades com mais propostas inscritas.



Foto: Wilson Dias/Agência Brasil

PEIXE DE GRAÇA (1)

A Prefeitura de Guarabira vai distribuir mais de 18 toneladas de peixes às famílias cadastradas nos programas sociais do Governo Federal, beneficiando mais de nove mil famílias. “Sabemos a importância do peixe na Semana Santa para os católicos, é uma tradição, uma crença de grande parte da população e nós estamos felizes em oferecer as condições para este momento especial”, destacou a prefeita Léa Toscano.

PEIXE DE GRAÇA (2)

Para a distribuição do alimento, a prefeitura utilizará como critério estar inscrito no CadÚnico e ser beneficiário do Bolsa Família. As fichas para os beneficiários serão entregues ao responsável familiar dos programas sociais, nos dias 10 e 11 de abril, nas escolas. A entrega dos peixes ocorrerá a partir das 7h da manhã, nas escolas municipais dos bairros e da Zona Rural, nos dias 14, 15 e 16 de abril.

PRESSÃO ABRANDADA

O presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), segurou a pressão dos bolsonistas para pautar o projeto da anistia aos envolvidos nos atos de 8 de janeiro. Agora, a oposição abrandou o discurso e diz que a obstrução será parcial e com responsabilidade. O entendimento de líderes partidários afinados com Motta reconhecem que esse não é o momento político ideal para debater a matéria.

PROJETO EMPODERA

O Ministério Público da Paraíba (MPPB) concluiu, na última semana, a segunda etapa do Projeto Empodera, com formações realizadas nos municípios de Cuité, Bananeiras e Guarabira. A primeira etapa ocorreu em março, em Sousa, Cajazeiras e Itaporanga. Até o momento, mais de 300 pessoas já foram capacitadas sobre ferramentas tecnológicas de transparência, canais de formalização de denúncias e noções de ética, cidadania e controle social.

“FOI LABIRINTITE”

O vice-prefeito de Sumé, Dr. Francisco Braz, descartou crise com o prefeito Manezinho e possibilidade de rompimento, após pedido de demissão de seu filho do hospital municipal. A ausência em eventos políticos recentes, garante o vice, não tem qualquer motivação política, e não existe qualquer turbulência no seu relacionamento com o gestor. “Foi crise de labirintite que me manteve afastado”, garantiu a jornalistas da região.

MPPB ESTIMULA DESTINAÇÃO DO IRPF A FUNDOS DA CRIANÇA E DO IDOSO

O Ministério Público da Paraíba aproveitou o início do prazo para envio da declaração do Imposto de Renda Pessoa Física para lembrar aos contribuintes que até 6% do imposto devido pode ser destinado aos fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente (FDCA) e aos Fundos dos Direitos do Idoso (FDI). Na Paraíba, existem 156 FDCAs municipais, além do FDCA estadual, e 12 FDI habilitados para receberem recursos.

Arimatheus Reis

Secretário de Estado da Saúde

“Nós temos a política de interiorizar a Saúde”



Em entrevista, gestor ressalta desafios da sua pasta, destaca os principais programas e a modernização no atendimento

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Oferecer atendimento médico especializado e de qualidade para os cidadãos que estão afastados da capital é o maior desafio enfrentado não só na Paraíba, mas em todo o país. O secretário de Estado da Saúde, Arimatheus Reis, explicou à reportagem do Jornal A União o que o Estado tem feito para tentar solucionar o problema e beneficiar a população do interior. Médico especialista em Medicina Intensivista e Gestão Hospitalar, antes de chegar à Secretaria de Estado da Saúde (SES), Arimatheus ocupou a superintendência da Fundação PBSaúde e o cargo de secretário-executivo de Gestão de Redes de Unidades de Saúde. Ele também foi diretor técnico e diretor-geral do Hospital Regional de Picuí, coordenador do programa Opera Paraíba e coordenador do corpo clínico multiespecializado do Hospital de Clínicas de Campina Grande.

Entrevista

■ Qual é o maior desafio na gestão da Saúde do estado, atualmente?

Desde o início do governo João Azevêdo, nós temos a política de interiorizar a Saúde, de interiorizar a medicina especializada no estado. Então, hoje, a maior dificuldade da secretaria é levar esses profissionais, médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, especialistas, terapeutas ocupacionais, para trabalhar no interior do estado. É um desafio que passa não só pelo aporte de recurso financeiro, mas pela disponibilidade dessa mão de obra em ir. Geralmente, esse pessoal se forma em Campina Grande, se forma em João Pessoa, se estabiliza nesses dois municípios e não quer mais, se for do interior, não quer mais voltar e, se for daqui da capital, aí mesmo é que não quer trabalhar [no interior]. Então, é um desafio grande não só para a gestão da Saúde da Paraíba, mas para todo o cenário nacional, interiorizar esses profissionais especialistas. Por isso, muitas coisas a gente continua resolvendo, trazendo paciente para João Pessoa, trazendo paciente para Campina Grande.

■ O que o Estado vem fazendo para melhorar essa situação?

Todos os nossos programas se voltam no sentido de interiorizar. O Opera Paraíba leva médico em esquema de mutirão para operar no interior. Eu não tenho cirurgiaão no Vale do Piancó, eu não tenho cirurgiaão em Sousa, em Catolé, mas eu reúno ali uma equipe a cada 15 dias; eles viajam, a gente paga incentivo, e esse pessoal vai fazer cirurgia. O Coração Paraibano da mesma forma. Nós pagamos mais para hemodinamicistas que trabalham em Patos, então eles também têm esse incentivo para ir para lá. O programa Paraíba contra o Câncer é da mesma forma. Veja que o primeiro acelerador linear da Paraíba, intencionalmente, foi comprado para ser instalado em Patos. Por ser o primeiro, nós poderíamos instalar em João Pessoa ou Campina Grande, mas o governador escolheu instalar em Patos. Por quê? Porque você atrai essa mão de obra para o Sertão. Então, todos os nossos programas são voltados para interiorização, para modernizar essa rede de Saúde no Sertão do estado.

Os novos tomógrafos, os novos centros de hemodiálise, os novos equipamentos de centro cirúrgico, sempre a gente tem a lógica de começar a distribuí-los do Sertão para a capital. O governador assumiu esse compromisso, nós tínhamos três centros de hemodiálise, nós vamos entregar, no fim do governo, com 10 centros, justamente para interiorizar e o pessoal deixar de viajar para Campina Grande ou para João Pessoa para fazer hemodiálise. Então, toda a secretaria e todos os programas especiais seguem essa lógica de tirar profissional daqui e levar para o Sertão, levar para o interior.

■ O senhor citou os principais programas voltados para a Saúde na Paraíba. Vamos explicar resumidamente como funcionam cada um deles e como eles beneficiam a população.

O Opera Paraíba, o Coração Paraibano, o Paraíba contra o Câncer e o Vacina Mais Paraíba são os quatro principais programas mais popularizados da Secretaria de Saúde. Todos, genuinamente, são do governo de João Azevêdo. O Opera Paraíba nasceu em 2019 para fazer 12,5 mil cirurgias e já fez 172 mil cirurgias de lá até aqui. O tempo de espera aqui era o de mais de cinco anos por um procedimento eletivo. Hoje, em cerca de 60 dias, algumas cirurgias já são agendadas. Essa fila de 12.500 pessoas que tinha em 2019 foi zerada. Mas a fila na Saúde é dinâmica e sempre surge paciente. Então, efetivamente, o resultado do programa é a redução do tempo de espera por um procedimento eletivo. A expectativa que o paciente tem de que a cirurgia seja agendada, ele consegue agora ser atendido. Essa expectativa é atendida, porque o programa tem feito mais de cinco mil procedimentos por mês.

O segundo é o Coração Paraibano, que já nasceu em 2021. Ele foi implantado entre 2022 e 2023, com o objetivo de criar uma estrutura de Saúde e de equipamento que atenda paciente infartado. Antes, na Paraíba, era comum a gente ver paciente infartado que ia a óbito e a família se consolava somente com esse discurso. Morreu de quê? Morreu de infarto. E esse paciente no interior não tinha o direito de ser atendido. Isso era comum acontecer. Hoje, não. Hoje, nós não temos, nes-

se momento, fila de paciente infartado aguardando vaga. Não existe mais na Paraíba. Todo mundo que é de urgência, precisa de um cateterismo de urgência para não morrer, chega à hemodinâmica. Inclusive, temos até vagas ociosas, então é eficiente. O programa já atendeu 23 mil paraibanos e dispõe de uma estrutura de 62 ambulâncias, duas aeronaves com UTI aérea e três hemodinâmicas, que dão suporte em todas as três regiões do estado.

O Vacina Mais Paraíba é um programa que paga incentivo financeiro às salas de vacinação que batem a meta. Essas metas de vacinação são dadas pelo Ministério da Saúde e nós estamos, hoje, em terceiro lugar nacional como o estado que mais cumpre meta de vacina. E a Paraíba nunca ficou abaixo do quinto lugar em vacinação desde o início do programa. Nós tivemos, inclusive, no dia D, recorde de vacinação. Foram 34 mil doses aplicadas no último sábado. E isso reflete bem a eficácia do programa. No cenário de hesitação vacinal provocada pelo Governo Federal anterior, nós conseguimos, sim, com muito esforço, mostrar resultados.

E o quarto programa, não menos importante, é o Paraíba contra o Câncer, que nasceu em 2024. Já vamos com 1.400 pacientes atendidos. E, hoje, nós não temos pacientes na fila de regulação do estado aguardando radioterapia. Isso é inédito, porque, até junho do ano passado, o Governo do Estado não regulava radioterapia para a Paraíba. Quem precisasse de radioterapia tinha que procurar os municípios de Campina Grande e João Pessoa. Essa demanda não chegava até a SES e, agora, não só chega, como é encaminhado e resolvido. Então, nós conseguimos dar uma resposta imediata a esses pacientes. Além de inúmeras outras cirurgias que já fizemos, consultas, esse paciente que tem câncer, hoje, na Paraíba, verdadeiramente é acompanhado pela SES e é uma coisa que há dois anos não era assim. Aqui, na secretaria, não se tinha dados sobre oncologia, tudo era na mão do município e o Estado assumiu isso e está conseguindo dar resposta.

Então, são os quatro principais programas, mas temos aí vários outros, seguindo o programa de transplante, programa de saúde prisional, programa de apoio aos municípios, programa de qualificação profissional, enfim, uma gama de serviços. Mas esses são os quatro principais programas especiais mais populares da secretaria.

■ O senhor citou a hesitação das pessoas em relação às vacinas. Como é que está isso? Reduziu a procura por vacina? Está normalizando?

A desinformação provocada pelo Governo Bolsonaro criou um cenário em que as pessoas eram desestimuladas a procurar e desacreditavam as vacinas. Será que essa vacina previne mesmo a doença? Será que essa vacina não é outro componente? Eu tenho outra inten-

ção sobre isso? Enfim, especulações que se criaram. E nós percebemos, no cenário nacional, até no cenário de Covid-19, no combate mesmo à pandemia, muitas pessoas que não vacinavam mais os seus filhos e sequer tomavam as vacinas do calendário habitual e do calendário de Covid-19. Esse cenário tem mudado, desde a chegada de um Ministério da Saúde que acredita na ciência, que acredita em evidência científica. Hoje, nós ainda encontramos resistência de alguns pais, resistência de familiares, até de pessoas adultas, mas nós conseguimos, inclusive com o trabalho aqui da Paraíba, de uma servidora aqui da Secretaria de Saúde, nós conseguimos comprovar estatisticamente que a hesitação vacinal está diretamente relacionada ao letramento digital. Ou seja, pessoas que não buscaram informação, pessoas que não leem, pessoas que não se interessam pelo assunto são pessoas que têm esse comportamento de resistência à vacina. Então, é falta de informação de qualidade chegando na ponta. A partir desse dado, é que nós vamos estimular cada vez mais essas informações em redes sociais, em campanhas de divulgação, para que a população volte a compreender e acredite que a vacina verdadeiramente salva vidas. Mas estamos, apesar desse cenário, conseguindo cumprir as metas do Ministério da Saúde e estamos na busca ativa por todo mundo que ainda tem esse comportamento, que nós sabemos, sim, que salva vidas e nós nos interessamos, sim, em levar informação.

■ Após a pandemia, houve uma mudança no perfil do paciente, na forma como as pessoas estão tratando a própria saúde?

Nós percebemos que, no serviço privado, há uma procura maior de consultas de rotina, de exames, até pelas próprias comorbidades e consequências daqueles pacientes que foram acometidos por casos graves de Covid-19. Esses pacientes herdaram problemas de saúde que os estudos estão acompanhando. Então, claramente, houve, sim, uma maior demanda em cima dos serviços privados de saúde. No ambiente público, nós tivemos aqui, na Paraíba, um aumento de pacientes cardiopatas que procuraram serviços das secretarias municipais e os serviços do Estado. Então, após a pandemia, problemas de saúde relacionados ao coração, com certeza, nós percebemos que aumentaram, mas os estudos ainda estão sendo feitos e atribuindo as verdadeiras causas a esse aumento dessa demanda. Não podemos esquecer que, coincidentemente, aumentou essa demanda em cima da cardiologia, mas nós temos um programa agora que cuida só do coração. Então, estamos acompanhando, dando o devido atendimento à população que nos procura. Mas, de maneira geral, as pessoas têm se cuidado mais, não só o autocuidado, mas aquela consciência coletiva de

cuidar da sua saúde e cuidar do seu ambiente. Ao se vacinar, você também está cuidando de outra pessoa diretamente. Isso é um exemplo no caso da dengue. Se você cuidar da sua casa, você está protegendo a sua comunidade. E, com a Covid, não é diferente. Você toma a vacina, você não vai agravar, você não vai tirar os sintomas, você não vai se contaminar, não vai ter uma carga viral alta. Então, você está protegendo também sua família, seus vizinhos. Então, essa consciência coletiva mudou bastante.

■ O Hospital da Mulher é a próxima grande obra a ser entregue? Qual a previsão?

Exato. Nós estamos, hoje, na secretaria, com 42 obras em andamento. Dessas 42, oito são novos hospitais. Dos oito, o Hospital da Mulher é o primeiro a ser entregue. Vai ser entregue agora, no fim do semestre. Onde funcionava a antiga Maternidade Frei Damião, agora vai ser o Hospital da Mulher, com 203 leitos. Então, ele praticamente duplica de tamanho, oferecendo atendimento a gestantes de risco habitual, de alto risco, de médio risco. E também vai ter um centro de diagnóstico por imagem aberto à população. Apesar do nome Hospital da Mulher e de 60% dos seus serviços estarem dedicados ao materno-infantil, que envolve mãe e bebê, a ressonância do hospital, tomógrafo, vai atender a mulher e vai atender o homem também, dentro da nossa necessidade. Então, é uma estrutura que vem para beneficiar ainda mais a população.

■ Quantas pessoas devem ser atendidas por dia?

Hoje, na Maternidade Frei Damião, nós temos em média 35 partos, entre normais e cesários. Então, duplicando essa estrutura e reunindo — nós vamos pegar a maternidade que funciona no Edson Ramalho, pegar a maternidade que funciona na atual Frei Damião e reuni-las em uma única maternidade grande —, a expectativa, em torno de risco habitual e alto risco, é que a gente chegue a 40, 45 partos por dia. Isso só de parto. E o atendimento, no geral, a 203 leitos. Entre o Centro de Diagnóstico por Imagem, pronto atendimento e ambulatório, quase 800 pessoas, com certeza, todos os dias. Porque aí é até muito dinâmico esse número na saúde. Você vê ali, nós vamos ter mais de 30 ambulatórios no Hospital da Mulher. Se todos eles funcionarem dois turnos, cada ambulatório desse atendendo a 10 pessoas, nós teremos só de consultas ambulatoriais, aproximadamente, 400 pessoas sendo atendidas por dia. Mas esse número flutua bastante. Nós construímos lá, estamos fazendo em todos os hospitais novos, estruturas de educação dentro. Então, vai ter uma sub-sede da Escola de Saúde Pública lá, com auditório, sala de aula, enfim, laboratório, tudo voltado para o ensino. Então, é bem grande a estrutura, bem robusta.

CALÇADAS OBSTRUÍDAS

Ocupação afeta mobilidade na capital

Às margens de vias movimentadas, a presença irregular de vendedores tem causado transtornos para os pedestres

Anderson Lima
Especial para A União

Tendas, itens comerciais, placas, bandeiras de lojas, vendedores ambulantes, lixeiras, entulhos e buracos. Todos esses elementos contribuem para a obstrução das calçadas, problema comum em diferentes localidades de João Pessoa. Essa realidade prejudica a mobilidade dos pedestres, especialmente pessoas com deficiência, com baixa mobilidade e idosos. O tema gera debates e abrange diferentes perspectivas: a de quem precisa de espaço para comércio e a de quem circula pela cidade no dia a dia.

Para ter uma dimensão do problema, a reportagem do Jornal A União esteve na Avenida Cruz das Armas, uma das mais movimentadas da capital — considerada um importante canal, tanto para quem se desloca para os bairros da região (como o Centro e o Bairro das Indústrias) quanto para quem está viajando para estados vizinhos. Os pedestres que precisam utilizar as calçadas na via principal enfrentam dificuldades para se deslocar e, muitas vezes, acabam se arriscando pela pista, expostos ao tráfego de veículos.

João Guilherme Medeiros, que se utiliza de uma muleta para andar, desabafa sobre o desafio frequente de passar pela avenida. “Durante a semana, o movimento é mais tranquilo, mas, aos sábados e domingos, a circulação se torna difícil”, observa, apontando para a movimentação dos feirantes que se concentram na área, aos fins de semana. Apesar de reconhecer que eles precisam trabalhar, João avalia que alguns comerciantes exageram no volume de mercadorias e equipamentos que espalham pelo local: “Isso torna o deslocamento ainda mais complicado para pessoas com dificuldades de locomoção, idosos e PcD”.

“Fica horrível para passar, porque o povo faz das calçadas estabelecimentos”, reforça Alanis Dias Viana, acrescentando que esses espaços “foram feitos justamente para

os pedestres, deveria haver fiscalização”. Já para Maria José — que transita, todos os dias, pela mesma avenida, acompanhada de sua mãe idosa —, a ocupação irregular das calçadas cria muitos obstáculos, “principalmente porque elas já são estreitas, o que dificulta ainda mais a passagem”.

Por outro lado, Josenilda Joaquim de Souza avalia que, de fato, a ocupação irregular causa um impasse entre a mobilidade urbana e a necessidade de geração de renda: “[Os vendedores] precisam de um espaço onde haja mais fluxo de pessoas, para que possam continuar trabalhando e garantindo o sustento”.

Informais

Um dos comerciantes atuantes na região é Marcos Correia, que vende espetinhos de churrasco, no mesmo ponto, há 17 anos. Ele ocupa parte da garagem de um edifício empresarial — algo, segundo ele, já acertado com o responsável pelo prédio. Todas as quartas, quintas e sextas-feiras, Marcos chega ao local, por volta das 15h, para montar sua tenda, distribuir mesas e banquinhos, preparar a churrasqueira e esperar pela clientela: “Os espetinhos começam a ser vendidos entre 16h e 17h, seguindo até por volta das 20h. O maior movimento é na sexta-feira, onde consigo vender mais”.

A trajetória dos trabalhadores informais se cruza em muitos pontos, principalmente, na busca por um espaço para exercer suas atividades. Assim como Marcos, outra vendedora ambulante, que não quis se identificar, confessa ter precisado dialogar com o proprietário de uma loja para garantir seu ponto de trabalho. Com um carrinho de lanches, ela se posiciona em frente ao estabelecimento, no turno da tarde, período em que a loja em questão está fechada. Sua jornada varia conforme o movimento dos clientes, como ela explica: “Fico até vender tudo. Tem dias em que termino cedo, lá pelas 14h, e já vou para casa. Em outros dias, quando a venda é mais devagar, fico um pouco mais”.

Problema envolve as necessidades de vendedores ambulantes e de pessoas com deficiência ou dificuldade de locomoção



Fotos: Leonardo Ariel

Em meio ao intenso fluxo de veículos da Av. Cruz das Armas, transeuntes arriscam-se ao se deslocar pela pista, buscando se desviar do volume de mercadorias e equipamentos nas calçadas

Sedurb informa que já fiscaliza irregularidades

Embora o Código de Posturas de João Pessoa deixe claro, conforme expresso em seu artigo 172, que é proibida a instalação de qualquer elemento fixo ou móvel sobre fachadas de imóveis e calçadas para a exposição de produtos ou serviços, a realidade observada nas ruas continua, de fato, contrastando com o que determina a legislação.

Procurada pela equipe de reportagem do Jornal A União para comentar a ocupação irregular das calçadas no município, a Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedurb) da capital declarou que já promove fiscalizações de rotina, a fim de cumprir a legislação sobre a questão e, quando identifica qualquer tipo de irregularidade, emite uma notificação,

para que o infrator adique-se às normas em vigor. Ainda de acordo com a Sedurb, as punições são aplicadas a todo aquele que obstruir o passeio público, seja pessoa física ou jurídica, e incluem desde o recolhimento do material irregular até o pagamento de multa.

Denúncias

Além da fiscalização, o órgão municipal ressalta que a população também pode denunciar irregularidades, por meio dos canais oficiais da Prefeitura de João Pessoa, a exemplo da plataforma digital 1Doc (<https://joaopessoa.1doc.com.br/>) e do serviço de ouvidoria, que funciona de acordo com o horário da prefeitura, por meio do telefone (83) 98841-9383.

Presidente do CAU-PB defende novas políticas

Na avaliação do presidente do Conselho de Arquitetura de Urbanismo da Paraíba (CAU-PB), Ricardo Vidal, a falta de conscientização sobre o espaço público é um desafio para a resolução dessa situação. Ele conta que é comum que muitos proprietários enxerguem a calçada como uma extensão privada do imóvel, resultando em obstruções, uso indevido e até pisos inadequados.

Além disso, Ricardo chama atenção para a diversidade de intervenções ao longo das vias, em que postes, árvores e o mobiliário urbano, muitas vezes, não seguem um planejamento integrado. “Isso agrava a dificuldade de circulação. É importante ressaltar que as calçadas são parte essencial da mobilidade urbana”, frisa. Para Ricardo, andar pela cidade deve ser uma prática vista como “eixo estruturante” dos deslocamentos urbanos, garantindo que todas as pessoas, com ou sem deficiência, possam transitar com segurança e autonomia. Nesse sentido, ele analisa que a ausência de uma fiscalização efetiva também contribui, diretamente, para a manutenção do cenário, pois, sem a aplicação de penalidades ou a exigência do cumprimento das normas, o desrespeito às regras se perpetua. “Mesmo que a legislação preveja responsabilidades, sua implementação depende de ações coordenadas entre o Poder Público e a sociedade”, salienta o presidente do CAU-PB.

Para promover uma cultura de respeito ao espaço público e garantir a mobilidade segura de pedestres, Ricardo ressalta, ainda, que o primeiro passo a ser tomado diz respeito à educação urbanística, incorporando esse tema no currículo escolar para formar cidadãos conscientes sobre a importância da acessibilidade e do direito à cidade. Além disso, a legislação urbanística deve assegurar, conforme o especialista, que novos loteamentos e empreendimentos sejam entregues com calçadas padronizadas, garantindo a acessibilidade desde a concepção dos projetos.

Outra estratégia fundamental, pontua Ricardo, é a inclusão efetiva do pedestrianismo nas políticas de mobilidade urbana, planejando a infraestrutura para pedestres com a mesma prioridade dada às vias para veículos: “Medidas como a ampliação de calçadas, a criação de áreas exclusivas para pedestres e a implantação de zonas de trânsito calmo são essenciais para fortalecer a mobilidade ativa e tornar a cidade mais acessível para todos”.

Por fim, o presidente do CAU-PB lembra que a comunicação pública desempenha um papel crucial para uma transformação real; assim, campanhas educativas e projetos participativos são necessários para engajar a população na construção de um ambiente urbano mais acessível e inclusivo, “promovendo uma mudança cultural que valorize o espaço público como um direito de todos”.

Segundo a Secretaria de Desenvolvimento Urbano da capital, casos de obstrução do passeio público são alvo de fiscalizações de rotina e passíveis de punições variadas, como multas



CRENDICES POPULARES

Por que somos tão supersticiosos?

Mesmo sem fundamento racional ou lógico, essas crenças atribuem sorte ou azar a determinadas ações ou objetos

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Transmitidas culturalmente, as superstições ocupam o domínio do imaginário e do sobrenatural. Para algumas pessoas, essas crenças são assunto sério, seja por sensibilidades próprias, seja pela maneira de entender os acontecimentos e o mundo. Em casos assim, as superstições podem ser elementos norteadores de escolhas, atitudes e hábitos.

A cientista social Noélia Nunes, também professora, diz que as superstições remetem a elementos simbólicos e abstratos responsáveis por direcionar o pensamento e a práxis humana, oferecendo sentido à existência. “Elas se localizam na psique, ou seja, no pensamento, fabricando comportamentos diversos. Passam a ser exteriorizadas por meio de ações que denotam simbolicamente uma espécie de ‘identidade’. O sujeito exterioriza as suas percepções de acordo com o que internalizou como crença, como material simbólico”, explica.

Do ponto de vista psicológico, a superstição surge como uma forma de cada sujeito lidar com o medo do desconhecido. Para o psicólogo e psicanalista Roberto Maia, essas crenças populares são passadas, quase como mitos, de geração em geração, manifestando-se no âmbito coletivo e indo para o individual ao serem colocadas em prática por cada pessoa. “O ser humano tende a encontrar significado no controle e naquilo que garante previsibilidade”, observa.



Frutos de uma visão mágica do mundo, quando se acreditava que fatores sobrenaturais interferiam no cotidiano, as superstições ainda estão presentes na atualidade

Face às incertezas ou ao desconhecimento sobre a própria realidade, o pensamento supersticioso, como também as ações e hábitos correspondentes a ele, ganham espaço. Segundo Roberto, isso era comum, em épocas passadas — muitas vezes, como uma forma de controle, pois tais “regras” do conhecimento popular conseguiam incutir certo medo nas pessoas. “À medida que a compreensão do mundo aumenta, esses conceitos vão sendo desconstruídos. Pensar que um gato preto trará má sorte, por exemplo, deixa de ter sentido”, ilustra. Ainda assim, Roberto argumenta que, na dosagem certa, o pensamento e as práticas supersticiosas podem ter impactos positivos. “Cultivar rituais e hábitos, de maneira leve e moderada, ten-

do em mente o alcance de objetivos definidos e agindo de acordo com esses mesmos objetivos, pode fortalecer mentalmente uma pessoa que está se preparando para algo desafiador ou querendo melhorar algum aspecto da própria vida”, diz. Dar centralidade às superstições e colocá-las num lugar de definição do destino, por outro lado, pode comprometer a saúde mental e até mesmo a sanidade. Conforme o psicólogo descreve, quando as superstições se convertem em hábitos fixos e repetidos, por exemplo, pode ser desenvolvido um transtorno obsessivo-compulsivo. “A grande questão é quando esse sujeito deixa de seguir uma rotina funcional por causa desses comportamentos obsessivos. Se esses

processos desorganizam a pessoa de modo limitante, pode ser necessário procurar uma psicoterapia”, alerta.

Laico
A história da humanidade se confunde com a existência das crenças. Conforme Noélia Nunes, elas sempre estiveram presentes, já que ofereceram — e continuam oferecendo — uma elevação existencial e espiritual sobre os infortúnios e sobre a própria condição humana. Houve um momento, na história ocidental, quando se pensou que o enfraquecimento da religião, em razão dos processos de secularização e racionalização, fenômenos produzidos com a instalação do capitalismo, ocasionaria a extinção do pensamento “abstrato”, “má-

gico” e “supersticioso”. O que aconteceu, porém, foi que a religião, a superstição e a ma-

“
Cultivar rituais e hábitos, de maneira leve e moderada, pode fortalecer mentalmente uma pessoa que está se preparando para algo desafiador
Roberto Maia

gia continuaram coexistindo, agora valorizados na dimensão individual. “As crenças continuaram sendo muito importantes, mas legitimadas no âmbito privado, muito embora tenhamos observado tentativas de retorno do pensamento abstrato para outras esferas, como a política”, analisa. Nesse ponto, conforme observa a cientista social, vemos como a crença, mesmo em um contexto contemporâneo — o qual se supõe composto por indivíduos, em sua maioria, altamente influenciados pelo pensamento racional —, continua sendo expressiva a ponto de subsidiar argumentos para o resgate da sua centralidade pública, contrapondo-se a princípios ocidentais consolidados, como o da laicidade do Estado.

Não custa nada cruzar os dedos e jogar sal sobre o ombro

Cultivado como um legado entre a cultura e a espiritualidade, o pensamento supersticioso pode carregar significados e acompanhar a história de quem o leva adiante. A funcionária pública Maria Rubenilda Braga se considera uma pessoa supersticiosa. Segundo ela, essas crenças criaram raízes no imaginário da sua geração desde muito cedo. “Eu nasci no Sertão paraibano, em 1962. Cresci ouvindo meus pais

e os mais velhos falando todas essas histórias. Como eram figuras respeitadas, acreditávamos em tudo o que diziam. Até hoje eu sigo acreditando em boa parte dessas superstições”, conta. Mesmo tendo, hoje, uma visão crítica sobre essas crenças e uma compreensão mais abrangente de como elas se disseminavam, Rubenilda não deixa de levá-las em conta — como a posição da cama nos quartos

ou um chinelo emborcado em algum canto da casa. “Isso indicava que a mãe daquele lar morreria, o que me dava medo. Minha mãe já faleceu, mas eu não consegui tirar isso de mim. Não posso ver uma sandália virada, seja lá onde for, que já quero desvirar”, diz. Esse e outros medos foram passados para ela, além de uma intensa criação religiosa, já que os seus pais eram católicos. “Com o tempo, eu fui dei-

xando de acreditar em algumas superstições, como a de não passar por debaixo de escadas”, relata ela, referindo-se à crença de que isso “daria azar”. Mas há outras que Rubenilda segue à risca, como manter um pé de espada de São Jorge à esquerda da porta, na parte externa da casa, e bater três vezes na madeira — a primeira credita à planta a capacidade de proteger a casa contra a inveja e a negatividade, enquanto a segunda é indicada para atrair boa sorte.

A artesã Andréa Maria de Araújo guarda as superstições no mesmo lugar em que estão os demais ensinamentos dos seus antepassados. Jamais varrer a casa de trás para frente, nunca abrir um guarda-chuva dentro de casa e não passar debaixo de escadas são alguns dos hábitos influenciados pelos mais velhos e levados para a vida como forma de cuidado com as consequências do acaso. “De uma forma ou de outra, essas superstições me trazem segurança”, diz. A espiritualidade caminha ao lado da crença nas superstições. “Sou católica, mas faço vários rituais de outras religiões, para atrair boas energias. Ter mais proteção é sempre bom”, diz. Além de acender velas para santos católicos e orixás, a artesã tem costumes como colocar sal grosso em alguns cantos da casa e soprar

canela pela porta principal, no primeiro dia do mês. Andréa acredita, por exemplo, que passar andando por cima das pernas estendidas de uma pessoa vai “enguiçá-la”, o que pode atrapalhar o seu crescimento ou lhe trazer mau agouro. Ela lembra que passou por uma situação inesperada, quando um moço fez isso com ela. “Eu precisei pedir a ele que passasse de volta, de trás para frente, para anular o efeito. Ele não entendeu, mas, depois que eu expliquei o que era, ele achou engraçado”, conta.

Rituais e amuletos criam a falsa sensação de que algo foi feito para garantir um desfecho positivo de alguma situação, o que proporciona uma sensação de alívio e conforto aos seres humanos, por isso as superstições são tão disseminadas. Como diz um antigo ditado espanhol, “No creo en brujas, pero que las hay, las hay” (ou “Não acredito em bruxas, mas que elas existem, existem”). Sendo assim, para a maioria das pessoas, não custa nada cruzar os dedos e jogar sal sobre o ombro esquerdo.



Tanto Andréa (ao lado) quanto Rubenilda (acima) se assumem supersticiosas e não abrem mão de observar os rituais que aprenderam em casa

HOMOFOBIA E TRANSFOBIA

Crimes aumentam quase 40% em JP

Quantidade de ocorrências registradas subiu de 115 para 160 entre os anos de 2023 e 2024, respectivamente

Anderson Lima
Especial para A União

Os crimes de homofobia e transfobia cresceram 39% em João Pessoa, entre 2023 e 2024, segundo dados da Delegacia de Repressão aos Crimes Homofóbicos, Étnico-raciais e Delitos de Intolerância Religiosa (DECHRADI). O número de registros passou de 115 para 160 ocorrências, nos respectivos anos, chamando a atenção para a situação da população LGBT-QIAPNb+ que vive na capital.

Esses números não são apenas estatísticas, por trás deles há vidas marcadas pelo preconceito, como a da cozinheira Lillyan Alcântara, mulher transexual, de 35 anos, que conhece bem os desafios de ser quem é em uma sociedade carregada pela discriminação.

Em 2015, ela conquistou seu primeiro emprego formal em um shopping de João Pessoa, depois de se destacar em um curso de manicure e pedicure. A recomendação dos seus professores garantiu-lhe a vaga e Lillyan iniciou sua jornada profissional. Contudo, como tantas outras pessoas trans, seu caminho no mercado de trabalho não foi permeado apenas por talento e dedicação. O enfrentamento de barreiras invisíveis que as estatísticas ajudam a evidenciar fizeram parte da realidade dela.

Apesar da felicidade pelo novo emprego, Lillyan foi discriminada pelo uso do banheiro feminino. Mesmo tendo alterado seu nome desde 2014 — sendo a terceira mulher a conquistar esse direito na Paraíba — ela foi alvo de preconceito praticado pelos funcionários terceirizados responsáveis pela limpeza do shopping. Com frequência, essas pessoas a abordaram, questionando sua identidade de gênero e tentando impedi-la de usar o banheiro feminino. “Eles me chamavam de ‘traveco’ e ‘via-do’”, frisou. Isso fez com que Lillyan evitasse ao máximo o uso do banheiro, mesmo que isso prejudicasse o seu bem-estar.

“Eu não estava roubando, não estava fazendo nada de errado. Estava uniformizada, maquiada, trabalhando como qualquer outra mulher. E, mes-



Cada vez mais, população LGBTQIAPNb+ enfrenta violências psicológicas e físicas originárias de pensamentos discriminatórios

mo assim, no meu próprio local de trabalho, simplesmente por usar o banheiro feminino, eu ouvia absurdos”, relata a cozinheira.

Justiça

Diante das constantes agressões, ela decidiu expor a situação no Disque 100, serviço de denúncias de violações de Direitos Humanos. Em seguida, Lillyan registrou um boletim de ocorrência e entrou com um processo judicial contra o shopping e a empresa terceirizada. A ação, que já se arrasta por uma década, chegou até o Supremo Tribunal Federal (STF). Em uma decisão recente, foi estipulada uma indenização por danos morais no valor de R\$ 15 mil. No entanto, para ela, a maior conquista não é o dinheiro, mas a luta pelo respeito e pela garantia de direitos.

A situação teve um forte impacto psicológico. Durante dois anos, ela precisou de acompanhamento psiquiátrico e tratamento com medicação, além de enfrentar crises de ansiedade e depressão. A experiência a afastou da ideia de trabalhar

em shopping novamente, mas não a impediu de buscar novas oportunidades. Atualmente, ela é formada em Gastronomia e trabalha na cozinha de um restaurante. “Agora, me sinto respeitada e acolhida”.

Medo em denunciar

A violência sofrida por Lillyan condiz com o relato do delegado da DECHRADI, Marcelo Falconi. Segundo ele, os principais tipos de violência registrados por estas vítimas são insultos verbais, ameaças, agressões físicas e violência doméstica. Muitas pessoas hesitam em denunciar por medo de represálias ou descrença na Justiça.

No entanto, Marcelo destacou que a delegacia atua para incentivar as denúncias e garantir a segurança. “A delegacia trabalha no sentido de humanizar o atendimento, informando as vítimas dos seus direitos, registrando as ocorrências, e deixando-as mais seguras”.

Sobre as ações da polícia, o delegado explicou que é aberto o inquérito policial (investigação). O primeiro passo é apurar as denúncias prestadas pelas vítimas na delegacia, onde são ouvidas com detalhes a respeito dos fatos, indicando

meios de provas (testemunhas e provas técnicas). Por último, o acusado é identificado e ouvido. Com a finalização das investigações, os autos são enviados para o Ministério Público da Paraíba e o Judiciário. Marcelo conta que um dos desafios nesses casos é com relação às provas. “Quando o crime não deixa vestígios ou não existe sequer prova testemunhal, é mais difícil”.

A DECHRADI também realiza ações preventivas e educativas para combater a LGBTfobia, mantendo parcerias com as secretarias do Estado, além de Organizações Não Governamentais (ONGs) e entidades envolvidas no atendimento às vítimas LGBTQIAPNb+. O delegado ressalta que, com essas ligações, muitas vezes esses órgãos prestam orientações e já encaminham as vítimas para a delegacia especializada.

Saiba mais

A denúncia desses crimes podem ser feitas por meio do 197 da Polícia Civil, pelo Disque 155 ou 100, serviço de violação dos Direitos Humanos. Ambos funcionam 24h. Outra forma é de maneira presencial, na sede da DECHRADI, localizada na Rua Avelino Cunha, nº 230, no bairro de Tambiá, em João Pessoa. A delegacia funciona de segunda a sexta, das 8h às 18h.

Anuário da Segurança também aponta alta

Na Paraíba, o número de crimes motivados por homofobia aumentou, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2024. Em 2022, foram registrados 60 casos, enquanto que em 2023 esse número subiu para 83. Os registros incluem diferentes tipos de crimes, como racismo por homofobia, lesão corporal e homicídio doloso, evidenciando a persistência da violência contra essa população.

O Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu, em 2023, que atos de homofobia e transfobia podem configurar crime de injúria racial. O crime de racismo por homofobia acontece quando uma pessoa LGBT-QIAPNb+ é discriminada de forma coletiva e generalizada. Isso significa que a ofensa não é apenas contra um indivíduo específico, mas contra toda a comunidade, negando direitos ou colocando essa população em posição de inferioridade

Assim, o STF equiparou ofensas contra pessoas LGBTQIAPNb+ a crime de injúria racial, penalizando quem ofende a dignidade de outra pessoa, utilizando elementos referentes à raça, cor, etnia ou procedência nacional.

Assistência jurídica

A Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE-PB) atua oferecendo assistência jurídica gratuita para pessoas em situação de vulnerabilidade, garantindo o acesso à justiça para aqueles que não podem arcar com os custos de um advogado.

Desde 2023, o STF reconhece que atos de homofobia e de transfobia podem configurar crime de injúria racial

Nos casos de indenização por danos morais, Remédio ressalta que a Defensoria protocola a ação, que é encaminhada para uma vara judicial. O processo é conduzido pelo defensor público titular da vara, responsável por acompanhar o caso até sua conclusão. “Apesar de não poder intervir diretamente no processo após essa fase, a Defensoria continua acompanhando e fornecendo subsídios ao defensor responsável”, frisa Remédio Mendes.

É por meio do núcleo de Defesa dos Direitos Homofetivos, da Diversidade Sexual e do Combate à Homofobia, dirigido por Remédio Mendes, que os direitos dessa comunidade são garantidos. A defensora explica que quando uma pessoa busca a DPE-PB, ela recebe informações sobre os procedimentos legais adequados ao seu caso. Se for um crime de ação penal (como agressões físicas ou homicídios motivados por homofobia), a orientação é registrar um boletim de ocorrência na Delegacia de Crimes Homofóbicos.

Nos casos de indenização por danos morais, Remédio ressalta que a Defensoria protocola a ação, que é encaminhada para uma vara judicial. O processo é conduzido pelo defensor público titular da vara, responsável por acompanhar o caso até sua conclusão. “Apesar de não poder intervir diretamente no processo após essa fase, a Defensoria continua acompanhando e fornecendo subsídios ao defensor responsável”, frisa Remédio Mendes.

A defensora conta que há um fluxo de comunicação entre a Delegacia de Crimes Homofóbicos e a Defensoria Pública. A ideia, de acordo com ela, é que toda ocorrência registrada na delegacia seja encaminhada diretamente à Defensoria, permitindo, assim, um acompanhamento mais próximo das vítimas. “Busca-se estruturar a atuação de um defensor específico para esses casos, garantindo que seja alguém com afinidade e conhecimento na área LGBTQIAPNb+, oferecendo um atendimento mais humanizado e especializado”, destaca.

Governo oferece ações que fortalecem direitos

A Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana da Paraíba (Semdh-PB), oferece o Percurso da Cidadania, um conjunto de serviços voltados à promoção da dignidade e à proteção dos direitos dessa população na Paraíba. Segundo a gerente-executiva de Direitos Sexuais e LGBT-QIAPNb+ da Semdh-PB, Laura Brasil, o objetivo do projeto é garantir não apenas a prevenção e o combate a violações de direitos, mas também o fortalecimento da cidadania.

O Percurso da Cidadania tem como base os Centros Estaduais de Referência LGBT-QIAPNb+, que oferecem atendimento especializado e gratuito. Atualmente, existem duas unidades ativas, o Centro Estadual de Referência LGBTQIAPNb+ Pedro Álvares de Souza, em João Pessoa, e o Centro Esta-



Com esse processo de educação continuada, buscamos ofertar um serviço de aperfeiçoamento aos servidores públicos

Laura Brasil

dual Bezerra Vieira, em Campina Grande. Em breve, de acordo com Laura, um terceiro centro será inaugurado em Cajazeiras.

Ela explica que essas unidades funcionam de forma semelhante a um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas), mas com um atendimento específico. Os centros estaduais oferecem suporte socioassistencial, jurídico e psicológico gratuito, além de ações de promoção da educação em Direitos Humanos.

Há, ainda, o acolhimento para quem que se encontra em situação de vulnerabilidade habitacional ou em situação de rua, mas que não está sob risco iminente de morte ou ameaça territorial. Os centros de referência fazem o encaminhamento para a Casa de Acolhida Cris Nagô, que atende pessoas de 18 a 59 anos, mantidos pelo Gover-

no da Paraíba.

Nesse contexto, a Semdh-PB desenvolveu, também, o projeto Entrelace, que busca fortalecer os setores públicos e privados, com foco especial nas forças de segurança — como as polícias civil, militar e rodoviária. A ideia é promover acolhimento, sensibilização e letramento para pautas de violências de gênero, violência doméstica, violências contra a população preta, cigana, indígena e quilombola, além das agressões sofridas por seguidores de religiões de matriz afro-ameríndia e pela população LGBTQIAPNb+.

“Com esse processo de educação inicial e continuada, nós buscamos, enquanto governo do Estado, ofertar um serviço de sensibilização, de não revitimização e de aperfeiçoamento dos servidores públicos, na presteza de um bom atendimento”.

PAIXÃO DE CRISTO

Espetáculos atraem multidões e engajam comunidades locais

Eventos realizados nas cidades de Cuité e Pilões, no interior do estado, fomentam o turismo religioso

Sara Gomes
saragomesreporterauniao@gmail.com

A encenação da Paixão de Cristo é um evento tradicional em muitas cidades da Paraíba e representa uma verdadeira manifestação de fé, que envolve toda a comunidade, além de fomentar o turismo religioso. As cidades de Cuité e Pilões estão entre as que realizam o espetáculo em celebração à Páscoa, na Paraíba.

Considerado o maior espetáculo a céu aberto da Paraíba, a “Paixão de Cristo” no município de Cuité, localizado no Curimataú paraibano, acontecerá nos dias 17, 18 e 19 de abril, às 19h30, no anfiteatro Olho D’água da Bica. A estimativa de público é de cinco mil pessoas por noite. A organização do evento es-

Atrações

Além de artistas locais, apresentação em Cuité contará com a participação de atores globais: Giselle Tigre, Nil Marcondes e Roney Vilela

pera atrair multidões de cidades vizinhas como também caravanas de Pernambuco, do Ceará e do Rio Grande do Norte.

O espetáculo é executado por mais de 300 pessoas

— entre atores, produtores e figurantes, pertencentes à comunidade local —, e a novidade deste ano é a participação de três atores globais: a pernambucana Giselle Tigre, que interpretará Maria; o goiano Nil Marcondes, que performará Judas; e o carioca Roney Vilela, que dará vida a dois personagens: um açoiteador e um soldado romano.

O diretor teatral e secretário de Cultura de Cuité, Ismael Moura, explica que esses atores ficaram encantados com o diferencial de Cuité — o engajamento da comunidade. Por isso, voluntariaram-se para participar do espetáculo. “Eu fiquei muito feliz, porque eles pediram para vivenciar a ‘Paixão de Cristo’ de nossa cidade. Isso mostra o nosso potencial. Eles ficaram encantados com o engajamento das pessoas, com a essência do teatro popular”, disse.

Além disso, a “Paixão de Cristo” de Cuité é conhecida por inovar a cada ano, retratando passagens da “Bíblia” e de personagens que, muitas vezes, não têm visibilidade em outros espetáculos. Neste ano, o espetáculo terá mais cenas ao vivo e algumas modificações nas tentações sofridas por Jesus, além de novos efeitos visuais e figurinos.

“A cena da serpente, por exemplo, será muito mais realista, com um efeito de 5 m a 6 m de altura. A cena que Judas manda chicotear Jesus,



Considerado o maior espetáculo a céu aberto da Paraíba, a “Paixão de Cristo” realizada em Cuité acontecerá nos dias 17, 18 e 19 de abril, a partir das 19h30, no anfiteatro Olho D’água da Bica

queremos fazer ao vivo, porque é uma das mais fortes. Outro diferencial do nosso espetáculo é a cena do enforcamento de Judas; queremos deixá-la mais poética, ilustrando os demônios que o levaram para esse caminho”,

adiantou. A “Paixão de Cristo” no município de Cuité teve início em 1992, com o grupo Teatro Amador de Cuité (Teac), mas interrompeu suas atividades em 2004. Dez anos depois, a Secretaria

de Cultura de Cuité decidiu retomar esse evento tradicional na cidade.

Neste ano a Companhia de Teatro conta com o apoio da Prefeitura de Cuité e Fundação Espaço Cultural (Funesc).

Pilões aposta em profissionalização para enriquecer peça tradicional

Mais de oito mil pessoas devem prestigiar a “Paixão de Cristo” de Pilões, localizada no Brejo Paraibano, na Sexta-Feira Santa, no dia 18 de abril. Realizada há mais de 50 anos, a tradicional peça teatral será encenada às 18h, no Largo da Matriz do Sagrado Coração de Jesus. A entrada é gratuita.

Realizado pelo grupo de Teatro Padre Matheus, o evento foi tombado como Patrimônio Imaterial da Humanidade. Segundo o secretário de Desenvolvimento Econômico e Turismo do município, Nicolas Martin, as expectativas de público para a “Paixão de Cristo 2025” são altas. “O espetáculo

lo tende a receber as cidades vizinhas”, afirma.

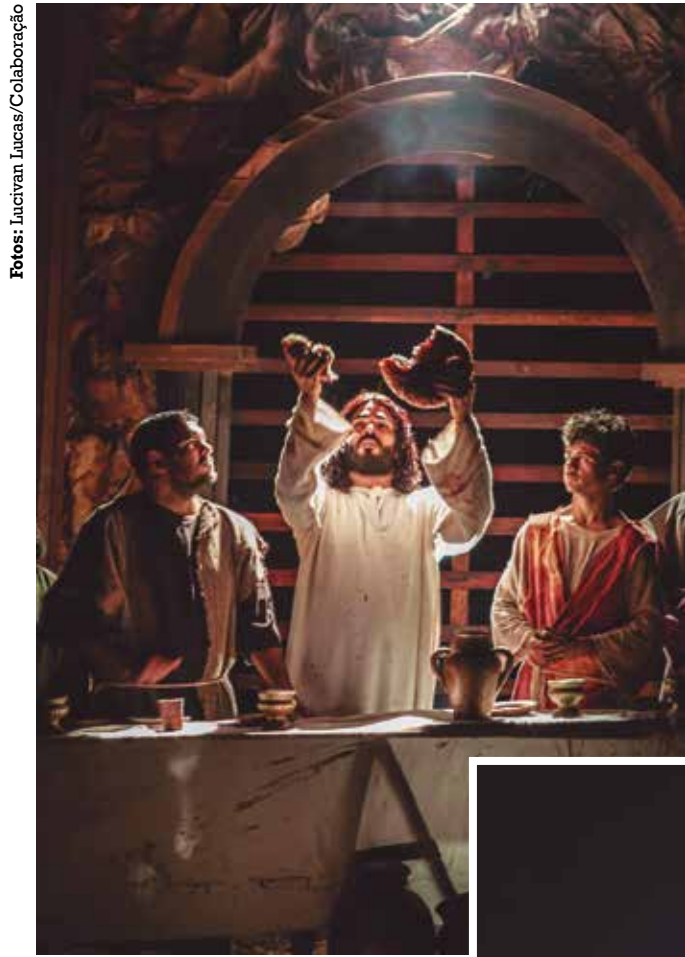
Entre as novidades, o secretário cita novos figurinos, materiais e nova direção. “Neste ano, estamos mais organizados, deixando de lado o amadorismo, mas sem perder a essência do espetáculo: a participação da comunidade local”, assegura.

Atualmente dirigido por um grupo de atores, o projeto é desenvolvido no município de Pilões e em regiões circunvizinhas. Além de contribuir para a cultura e turismo religioso, o membro da nova diretoria da “Paixão de Cristo” de Pilões, Netto Aprígio, enfatiza que a “Paixão

de Cristo” de Pilões fomenta a economia local.

“O evento é apoiado por todos os comerciantes locais e das cidades circunvizinhas. Além disso, recebemos o apoio da gestão municipal e pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado da Cultura”, diz.

Segundo Netto Aprígio, o espetáculo contribui significativamente para a preservação dos valores culturais, refletindo um gesto de amor, fé e devoção por parte de seus participantes de forma voluntária. “Nós somos o mais antigo e maior teatro ao ar livre da Paraíba. Por isso, somos conhecidos como a Novíssima Jerusalém”, conta.



Entre as passagens bíblicas a serem representadas no palco, estão os milagres realizados por Jesus Cristo e a Santa Ceia — última refeição do Messias junto a seus apóstolos antes de ser crucificado



Morte de Jesus e sofrimento de sua mãe, Maria, são alguns dos pontos altos da encenação e costumam emocionar os católicos



Fotos: Lucivan Lucas/Colaboração

Fotos: Miguel Oliveira/Colaboração

Foto: Lucivan Lucas/Colaboração

LITERATURA

No reinado de um escritor

Neste ano, é celebrado o centenário de nascimento de Marcos Rey, um dos cultuados autores de livros infantojuvenis

Rey era portador de uma forma severa de hanseníase, enfermidade que manteve em segredo até a sua morte, em 1999

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Os braços abertos do autor Marcos Rey para a cidade de São Paulo, na foto que ilustra esta página, contrastam com dois detalhes que ele mesmo manteve em segredo até a sua morte, em 1999. O primeiro foi que ele havia sido portador de uma forma severa de hanseníase, que deixou sequelas permanentes em suas mãos; e, por ter sido vítima dessa enfermidade, chegou a ser internado compulsoriamente. Infelizmente, outro dado de sua vida acabou sendo posto nas sombras: a data de seu nascimento, 17 de fevereiro de 1925, cujo centenário foi completado neste ano e é pouco lembrado pela imprensa especializada. O Jornal A União lança mão de matéria especial sobre Rey, tanto como pedido de desculpas pelo quase esquecimento, quanto como reverência ao seu legado.

Filho de um encadernador de livros e irmão de outro autor de destaque (Mário Donato, que pôs no papel o polêmico *Presença de Anita*), o menino Edmundo mudaria seu nome para Marcos Rey não apenas como homenagem à bisavó, com sobrenome europeu (del Rey), mas para fugir da perseguição do governo de seu estado, que manteve por décadas a política de internar pacientes de hanseníase (chamada de lepra até meados do século 20). O objetivo era evitar o espriaamento da doença, sem tratamento eficaz até então. Levado à força de casa pelo departamento médico que investigava casos como o dele, permaneceu “encarcerado” em uma instituição insalubre, dos 17 aos 20 anos, até fugir.

Ainda durante a internação, criou carinho pelos livros e começou a dar seus primeiros passos como tradutor e escritor (primeiro de peças e de poemas), conforme revelou o jornalista Carlos Maranhão, na biografia *Maldição e Glória*, de 2004. Libertado, transformou-se em boêmio, para tentar aplacar parte das dores provocadas por sua condição. Mas foi como essa “criatura da noite” que ele absorveu boa parte da matéria-prima de muitos de seus livros, a exemplo de *Memórias de um Gigolô* (1968).

Seu primeiro emprego formal foi conseguido por intermédio do irmão: redator da Rádio Excelsior. Apenas em 1951, conseguiu tempo para escrever seu romance de estreia — *Um Gato no Triângulo*, publicado dois anos depois.

A boa aceitação da crítica deu-lhe impulso para continuar escrevendo, de forma esparsa, ao longo dos anos 1950 e 1960; depois, mais frequentemente. Surgiram outros êxitos como *Café na Cama*, outro romance de 1960, além de *O Enterro da Cafetina* e *O Pêndulo da Noite* — coletâneas de contos que vieram a público em 1967 e 1977, respectivamente. Com a maturidade, vieram novas empreitadas: transformou-se em roteirista de televisão (ver a matéria na página 12) e de cinema. Para a grande tela, escreveu, inclusive, pornochanchadas, como *O Quarto da Viúva* (dirigido por Sebastião de Souza, em 1976), motivo pelo qual foi maldito e criticado pelos pares.

No outro “extremo”, foi cultuado como escritor de livros infantojuvenis graças à sua incursão no catálogo da Coleção Vagalume, criado pela Editora Ática e adquirido, há poucos anos, pelo grupo Somos. Obras como *Sozinha no Mundo* (1984), *Dinheiro do Céu* (1985) e *Corrida Infernal* (1989) tornaram-no o escritor mais vendido no gênero entre 1980 e 1990, segundo informação do pesquisador Marcelo Duarte.

Foi casado com Palma Bevilaqua e não teve filhos. Manteve em segredo tanto sua doença quanto o seu tratamento contínuo até seu falecimento, fato que não foi revelado nem em sua autobiografia, *O Caso do Fi-*

lho do Encadernador (1997), que retoma, no título, sua primeira referência literária.

Influência perpétua

O legado de Marcos Rey não sedimentou apenas diversas gerações de públicos exclusivamente consumidores, mas influenciou jovens que viriam a se tornar escritores, nos anos seguintes. A escritora Débora Ferraz, pernambucana que vive em João Pessoa há mais de duas décadas, menciona que desenvolveu esse hábito a partir de sua observação das lombadas de livros, nas estantes das bibliotecas. “Um dia, como uma pré-adolescente que adorava terror e aventura, me deparei com uma lombada chamada *O Diabo no Porta-malas* [publicado pela Vagalume, em 1995]. Foi maravilhoso. Me deixou com os olhos grudados na página”, recorda.

Já Egberto Vital, natural de Esperança, no Agreste paraibano, teve uma “ajudinha” da mãe para consolidar sua base literária e ter contato com Rey: ela, que amava a Coleção Vagalume, apresentou ao filho *O Mistério do Cinco Estrelas*, original de 1981. O então menino foi arrebatado pela história de Léo, mensageiro do hotel onde um crime acontece, e logo procurou outro título do mesmo autor: *Um Cadáver Ouve Rádio* (1983). “Este ampliou ainda mais minha admiração por sua escrita, com aquele suspense inteligente e uma ambientação urbana fascinante. A forma como Marcos Rey criava histórias acessíveis, mas, ao mesmo tempo, repletas de camadas, me marcou profundamente”, pontua.

A presente reportagem foi incitada pela postagem em redes sociais de outro autor, que também fez parte da Coleção Vagalume: Marcelo Duarte, paulista criador do projeto multimídia *O Guia dos Curiosos* e que recebeu estímulo por meio daquele catálogo, mas de uma maneira curiosa: ele já era adulto. A interação se deu graças ao irmão caçula, que estava com *O Rapto do Garoto de Ouro* como leitura obrigatória da escola. “Vi o livro em cima da mesa e também peguei para ler, a ponto de começar a me interessar muito pela história. Não consegui parar e, quando eu terminei, umas duas horas depois, falei: ‘Uau, quem é esse autor?’. Fiquei encantado pelo livro dele”, relembra.

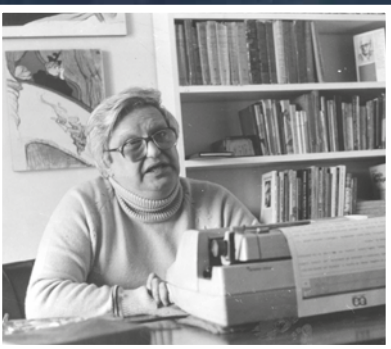
Mais antiga do que a descoberta de Rey por Duarte é a presença da Vagalume na vida do segundo, quando criança. Foi graças a outros títulos da coleção, como *Éramos Seis*, de Maria José Dupret, que o “curioso” passou a vislumbrar a possibilidade de fazer parte desta série, mas como um de seus autores, desejo concretizado com *Jogo Sujo*, de 1996. “Em contato com a então editora Carmen Lúcia Campos, comentei que minha grande inspiração para o livro havia sido o *Garoto de Ouro*. Assim que ele foi publicado, ela mandou um exemplar para Marcos Rey. Semanas depois, ele me retornou com o lançamento dele à época, *Gincana da Morte* (o último, de 1997), e uma dedicatória: ‘Bem-vindo ao time’”, confidencia.

Sobre o contato indireto, Duarte tem apenas um arrependimento: não ter estreitado laços, quando ainda ele estava vivo. Quanto à invisibilidade de Rey hoje em dia, não apenas por ocasião deste centenário, Duarte elenca alguns fatores, como o preconceito com seu sucesso em outras áreas e a distância temporal entre sua derradeira obra e o presente — quase três décadas. “Hoje, cada vez que vou montar uma nova história, lembro de todos os autores que eu li e que me ajudaram a construir o meu estilo, como no caso de Marcos Rey. Tenho me dedicado a não deixar que o legado literário dele desapareça. É muito importante mantê-lo na memória, aguardando essa arvorezinha que ele plantou”, finaliza.

Leia mais na página 12



Foto: Oswaldo Luiz Palermo/Estadão Conteúdo



Nos anos 1980 e 1990, o paulistano era um dos mais vendidos por conta da Coleção Vagalume



Foto: Marcelo Duarte/Arquivo pessoal

Artigo

Phil Connors e o dia da marmota

É tão estranha a sensação de que estamos vivenciando algo que já aconteceu. Senti isso algumas vezes. Sabe quando vamos ao cinema ver um filme “novo” e saímos com a impressão de ter assistido uma “reprise”? É mais ou menos assim. Nessas horas, eu fico meio confuso, falo sozinho e em voz alta: “Acho que já vi isso antes!”.

Teorias científicas tentam explicar o *déjà-vu*. Meu cérebro, dizem, não decodificou certos resíduos de memória que foram empuxados durante a nova experiência. Tudo não passaria de dados mal processados, fragmentos soltos de memórias que se perderam no emaranhado cerebral, incapazes de estabelecer ligações adequadas entre a experiência real do passado e a experiência real do presente. Um erro do cérebro que não armazenou determinadas informações no lugar certo. Essa desconexão é que criaria a sensação de “acho que já vi isso antes”. Explicações menos racionais também podem ser dadas: como a crença em reminiscências de vidas passadas, ou a de que um “demônio maldoso e astuto” pregou uma peça — raciocínio que deixaria René Descartes orgulhoso, mas que eu descartaria.

Digamos que um feitiço do tempo faça com que o dia de hoje, 6 de abril de 2025, repita-se indefinidamente. O que faria se todos os dias daqui para frente — estrutura lógica e acontecimentos básicos — fossem exatamente os mesmos e apenas você tivesse consciência dis-

so? Se tudo que aconteceu hoje acontecesse amanhã, depois de amanhã, e depois de depois de amanhã?... Não se trata de uma escolha entre viver em tais condições ou deixar de existir. A questão não é “se você viveria nessas condições?”, mas “como viveria?”.

O jornalista Phil Connors passou por isso em Punxsutawney, Pensilvânia, Estados Unidos. Tornou-se vítima de um feitiço do tempo. O personagem fictício, interpretado no cinema por Bill Murray, se viu preso repetidas vezes em 2 de fevereiro — dia em que é realizado o Festival da Marmota na cidade. Phil, que era um cara egoísta e boçal, quase enlouquece. É compreensível porque a mesmice é capaz de produzir tédio mortal. Ele tentou suicídio de várias maneiras: jogando-se do alto de um prédio, eletrocutado na banheira, atropelado, mas nunca dava certo. Nem a morte conseguia quebrar o feitiço. Ressuscitava sempre no mesmo dia, na mesma cama, às seis da manhã, ao som do rádio relógio que tocava “I got you baby”, de Bob Dylan.

Phil logo percebeu vantagens na ausência de continuidade. Podia quebrar regras, porque as punições seriam inócuas. Roubou um carro-forte, fugiu da polícia dirigindo bêbado sobre a linha do trem e ainda obteve informações de mulheres, que usava no dia seguinte como artifícios galanteadores para conquistá-las. Tinha a convicção de que suas decisões não gerariam consequên-

cias a longo prazo. Vivia como hedonista, o aqui e agora, sem se importar com o amanhã.

A antevisão é a característica principal da civilização ocidental, dizia o filósofo e matemático Bertrand Russell. Ela seria medida pelos seguintes fatores: a) o sofrimento presente; b) o prazer futuro; e, c) o intervalo de tempo entre eles. Desse modo, a antevisão é calculada “dividindo-se o sofrimento presente pelo futuro e multiplicando-se o resultado pelo tempo que os separa”. Pode ser analisada a partir das aspirações individuais e sociais, mas estou mesmo interessado na primeira. Ao menos como ponto de partida.

Phil percebeu que suas escolhas tinham efeitos duradouros sobre a própria subjetividade e que podiam trazer mais felicidade ao mundo, mesmo que por espaço curto de tempo. Por mais que o dia se repetisse, soube que jamais seria a mesma pessoa. Possuía a capacidade divina de refazer as coisas, o que levaria à perfeição. Algo que a vida real não permitiria. Aqui as situações e escolhas são únicas. Incomensuráveis. Carregadas de incerteza. Aprendeu a tocar piano. Desenvolveu um gosto que nunca imaginou por poesia. Virou homem mais sensível e preocupado com o bem-estar dos outros. Aprendeu que, se era possível reescrever o dia de várias maneiras, que fosse sempre pelo amor. Descobriu, então, que é possível transformar a realidade, por mais dura e miserável que ela seja.

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

Estética e Existência

Contra o ódio

Foto: Reprodução/United Artists



Chaplin: “Creio no riso e nas lágrimas como antídotos contra o ódio e o terror”

da situação ou do objeto de ódio, o que pode justificar ações violentas ou prejudiciais. O ressentimento prolongado solidifica-se ao longo do tempo, especialmente quando não é confrontado. Esse ressentimento destrói o bem-estar emocional de quem preserva o ódio dentro de si.

Os sintomas físicos do ódio são a tensão muscular; alterações no ritmo cardíaco, no apetite e no sono, problemas de saúde ao longo prazo. A tensão muscular gera um estado de alerta constante no corpo. Ela é uma resposta física com a pessoa sentindo os músculos rígidos, como se estivesse em um estado constante de defesa. As alterações no ritmo cardíaco geram o aumento da pressão arterial. Mudanças repentinas no apetite e no sono podem recorrer a comportamentos alimentares excessivos como uma forma de lidar com a emoção. O desequilíbrio do sono pode conduzir a pessoa a não dormir devido à agitação emocional. Os problemas de saúde a longo prazo resultam em doenças relacionadas ao estresse, como hipertensão ou e distúrbios digestivos. O impacto físico pode ser significativo, afetando o bem-estar geral da pessoa.

Os sintomas comportamentais do ódio são agressão, violência, isolamento social, preconceito, discriminação, culpa e justificação. A agressão ou a violência pode ser dirigida tan-

to a indivíduos específicos quanto a grupos de pessoas ou até instituições. O isolamento social pode provocar ao afastamento de amigos, familiares e colegas. À medida que a pessoa se concentra na fonte de seu ódio, ela pode se tornar mais reclusa, evitando interações sociais que possam desafiar ou suavizar seus sentimentos. O preconceito ou a discriminação direciona-se contra religião ou gênero. A discriminação alimenta divisões sociais e pode resultar em discriminação sistêmica. A culpa ou a justificação pode, muitas vezes, convencer que as próprias ações ou sentimentos são justificados, buscando racionalizar e legitimar sua hostilidade. Isso pode levar à normalização do comportamento hostil, dificultando a capacidade de reconhecer os próprios erros ou excessos.

Superar o ódio tem como consequência não apenas a sociabilidade, mas também a construção de uma sociedade mais justa e harmoniosa, em que as relações humanas se tornam mais autênticas e respeitosas. Quando o ódio é superado se gera a empatia. Esse sentimento é compartilhado entre algumas pessoas e, assim, gera-se um ambiente no qual as diferenças são compreendidas e valorizadas. Esse processo cria um diálogo respeitoso e colaborativo, que fortalece os laços sociais e promove o bem-estar coletivo. Superar o ódio, portanto, vai além de um ato de tolerância: é um ato de liberdade, de crescimento pessoal e coletivo, é um processo de desembrutecimento entre as pessoas. Segundo o ator, comediante, compositor, roteirista, cineasta, editor e músico britânico Charles Spencer “Charlie” Chaplin (1889-1877): “Creio no riso e nas lágrimas como antídotos contra o ódio e o terror” (*Vida e Pensamentos*. São Paulo: Martin Claret, 1997).

Sinta-se convidado à audição do 514º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 6, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar (clicar em rádio ao vivo) pelo aplicativo em radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm. Durante a transmissão, comentarei sobre a vida e as interpretações da virtuosa pianista ucraniana Anna Borysivna Fedorova (1990).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A cabeleireira Débora

Entendamo-nos: a liberdade é necessária, mais e mais nesses tempos pouquíssimos iluminados, é algo mais que indispensável e pode promover muitas idas e vindas ao céu e o inferno. Tal como os leitores também têm a liberdade de descompor um assunto que está a fazer um serviço humanitário.

Eu fiquei feliz, muito feliz quando li a notícia de que a cabeleireira Débora Rodrigues teve sua liberdade de volta, ela está de volta para casa, junto dos filhos e do marido, para cumprir prisão domiciliar, com tornozeleira eletrônica, e uma série de condições, como a proibição de usar redes sociais e de dar entrevistas sem autorização do STF.

A suplica dessa mulher parece ter tatuado na alma brasileira, da gente hospitaleira, de muita gente — gente que queria, independentemente de partidos, prantear-se de que o lugar da Débora era em sua casa. Não precisamos endeusar Débora. Nem sei se ela nasceu em Minas, ou outro lugar, fiquei feliz porque tal como muitos, tenho coração.

Muita gente sabe que eu não morro mais de amores por ninguém e se não sabe, fique sabendo. Depois de certa idade a gente fica mais seletivo, mas a verdade é que a ida dessa mulher para casa, não sei, e a culpa vai além do “perdeu, mané”, é um ato de justiça, sobretudo, quando assistimos coisas horríveis nas redes sociais sobre ela e outros, alvos de autocritica severa ou ofício de autocelebração. Não, comigo não.

Não sei o que pensarão vocês, mas, para mim, é uma mulher, esse ser adorável, e não vamos querer que a mulher vá viver sem mentir, como está na canção de Noel, que inspirou Caetano Veloso a fazer outra canção, com essa verdade — “como pode querer que a mulher vá viver sem mentir”, mas aí a história é outra — mas eu fiquei feliz com a volta de Débora para o seu lar.

Feliz porque não tem nada fácil em viver nesse país, que de uns tempos para cá, o ódio estampou na cara dos bandos e multiplica-se. Fiquei feliz no sentido, não nessa visão jornalística, mas de saber que as coisas podem e devem melhorar.

Ora, diante do descompasso permanente entre a ideia de “crítica” e a prática do jornalismo, é inevitável esta conclusão: eu não sou contra a crítica perversa, sequer quilômetro zero dessa crítica. Sou contra a chibata mental. Existe isso?

Na decisão, o ministro Alexandre Moraes entendeu que o tempo que ela cumpriu na cadeia e seu comportamento permitiram a remissão de tempo de sua eventual pena. O ministro levou em conta o fato de ela já estar há mais de dois anos presa, de ter apresentado bom comportamento na cadeia, ter trabalhado e ter sido aprovada no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) nesse período. Puxa vida! Aprovada no Enem é demais...

A decisão cita a carta de Débora pedindo desculpas. Avaliando isso, o magistrado decidiu que ela poderia ir para o regime semiaberto. Nessa agonia toda, certamente deve ter sido uma plethora de alegria estar em casa, dormir no seu quarto e poder acompanhar a vida dos filhos, nem sei quantos, nem os nomes.

Débora em parte contínua atada, não pode dar entrevistas sem autorização do Supremo, nem pode usar a rede social. A cabeleireira ainda sabe cortar cabelo? Claro que sim. Em outros tempos mais bárbaros, teria sido queimada na fogueira. Paz para ela. E juízo.

Débora deixou de ser o osso das evidências. Ailoviu, Débora!

Kapetadas

- 1 – Um benefício adicional ao planeta, à noite, traz: bilhões de pessoas de boca calada;
- 2 – Os impontuais sempre põem a culpa no relógio. É o seu mecanismo de defesa.

Foto: Reprodução/Instagram



Débora Rodrigues dos Santos passou dois anos na prisão após ter participado dos atos do 8 de janeiro, escrevendo, com batom, a frase “perdeu, mané” na estátua da Justiça

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Academia Paraibana de Cinema em nova sede

No fim da semana passada, como já vinha sendo anunciado, realizou-se a inauguração da unidade de Tambaú, em João Pessoa, da Fundação Casa de José Américo (FCJA). A celebração do ato contou com a presença do governador João Azevêdo, do presidente da FCJA, jornalista Fernando Moura, e de um considerável público que prestigiou o evento. A nova sede vai garantir o acesso da população aos novos serviços e ao arquivo cultural da entidade.

Além de seu acervo cultural histórico sobre a cidade de João Pessoa, com destaque ao homem público e historiador José Américo de Almeida, a nova unidade de Tambaú abriga também algumas importantes entidades, como é o caso da Academia Paraibana de Cinema (APC). A entidade é representativa do cinema paraibano, que passa a ter agora seu novo endereço na Av. Nossa Senhora dos Navegantes, em Tambaú.

Um vasto acervo iconográfico e publicações sobre as diversas fases do cinema paraibano, inclusive números da *Revista da APC* lançados durante as nossas duas gestões (minha com Willis Leal), podem ser encontrados a partir de agora na nova sede, que traz as honras a um de seus patronos, o jornalista, crítico de cinema e cineasta Antônio Barreto Neto.

A Academia Paraibana de Cinema, fundada em 2008, adveio das muitas aspirações de um movimento de cineclubistas dos anos 1950, também de instituições pessoenses de cultura, das quais fiz parte, a exem-



Na nova sede da APC, há uma sala que leva o nome de um de seus patronos, Antônio Barreto Neto

plo da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP) e do Cinema Educativo da Paraíba (CEPB). Entidade essa então criada pelo governador José Américo de Almeida, em 1955. Organismo do Governo do Estado, o CEPB só existiu de fato na gestão do governador Pedro Gondim, sendo dirigido por mais de duas décadas pelo fotógrafo João Córdula, de saudosa memória.

No dia 12 de novembro de 2008, sob a coordenação de uma Comissão Instituinte, a APC teve proclamada sua fundação durante o Fest Aruanda, no Centro de Convenções do Hotel Tambaú, em João Pessoa. Foram empossados, na ocasião, alguns nomes ligados à cultura cinematográfica local, quando a presidimos por duas gestões, até 2014.

De uma lista apresentada pelo Dr. Manoel Jaime Xavier, autor de livros sobre o cinema paraibano, foram empossados os já eleitos e presentes ao ato escritor Wills Leal para a presidência da APC; o professor, escritor e cineasta Alex Santos, na vice-presidência; o produtor José Bezerra Filho, na direção administrativa e financeira da entidade; e o professor e escritor Moacir Barbosa de Sousa para a secretaria-geral.

Hoje, na nova sede de Tambaú, sob a presidência do professor João de Lima Gomes, com a vice-presidência de Mirabeau Dias, a APC continua sua jornada em defesa do cinema paraibano e seus valores humanos e culturais. — Mais Coisas de Cinema, acesse nosso *blog*: www.alexssantos.com.br.



APC: Patrono homenageado em Santa Rita

A Academia Paraibana de Cinema congratula-se com a Câmara Municipal de Santa Rita por sua aprovação, nesta semana, ao Projeto de Lei nº 024/2025, de autoria do vereador João Alves, que dispõe sobre a nova Praça Severino Alexandre Dos Santos, à Rua Coronel Domiciano, próximo ao mercado público, no Centro da cidade. “Severino do Cinema”, como era bem conhecido dentro e fora do estado, foi proprietário de três salas de projeção fílmica durante muitos anos, em Santa Rita e municípios vizinhos. É considerado um dos pioneiros do cinema paraibano, hoje, patrono da cadeira nº 5 da APC. O regozijo da nossa entidade ao reconhecimento do eminente homem público.

GLOBOPLAY

Depois do circuito de cinema, o premiado *Ainda Estou Aqui* entra no streaming

Da Redação

A partir de hoje, *Ainda Estou Aqui*, o primeiro filme brasileiro a ganhar um Oscar, fica disponível com exclusividade no catálogo da plataforma Globoplay. No começo de março, o longa-metragem de Walter Salles venceu o prêmio de Melhor Filme Internacional, em um momento histórico para o cinema do país.

Inspirado no livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva e estrelado por Fernanda Torres (que concorreu na categoria de Melhor Atriz), o filme disputou a estatueta dourada com *A garota da agulha* (Dinamarca), *Emilia Pérez* (França), *A semente do fruto sagrado* (Alemanha) e *Flow* (Letônia).

Ainda Estou Aqui conta a história real de Eunice Paiva (Torres), advogada e ativista que passou 40 anos procurando a verdade sobre o desaparecimento de seu marido, Rubens Paiva (interpretado por Selton Mello). O ex-deputado federal foi assassinado pela Ditadura Militar.

Além de Melhor Filme Internacional e Melhor Atriz, a produção também concorreu como Melhor Fil-



Fernanda Torres em “Ainda Estou Aqui”, vencedor na categoria de Melhor Filme Internacional

me (perdendo para *Anora* nessas duas últimas categorias).

Coroação

Ainda Estou Aqui é o primeiro filme original no catálogo da plataforma. “Como nosso primeiro filme origi-

nal, essa obra é uma coroação da qualidade das nossas produções, especialmente no ano em que celebramos 10 anos do Globoplay e 100 anos de Globo”, disse o diretor de produtos digitais da Globo, Manuel Belmar, para o portal *g1*.

“Esperamos que aqueles que ainda não assistiram ao filme possam descobrir sua importância para o cinema brasileiro e que aqueles que já o assistiram possam revê-lo com a mesma emoção”, convidou o diretor de produtos digitais.

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Personagens no tempo

Quarenta e quatro nomes dizem muito de uma cidade, porque uma cidade, como canta o poeta, é mais que uma cidade. É, sobretudo, seus habitantes. Sobretudo, certos habitantes.

A paisagem conta, é verdade. Contam os acontecimentos, os vestígios do passado, os monumentos e edificações que ostentam, ainda, marcas de glórias e ruínas. Contudo, são os seres humanos que caracterizam certos aspectos seminais, tocados pelo elemento espiritual que forma, na história, a psicologia social de uma cidade.

João Pessoa: *personagens no tempo* (Editora Ideia, 2025) constitui o terceiro volume de uma trilogia assinada pelo jornalista Sérgio Botelho, cujo objetivo central reside na evocação histórica, afetiva e poética da velha Philipeia de Nossa Senhora das Neves.

Se nos dois títulos anteriores, o autor trouxe à tona as componentes materiais, prédios, praças, coretos, bares, festas e eventos; neste, procura privilegiar a presença de tipos, personalidades, notáveis, do mundo político, artístico, literário e cotidiano que, de uma maneira ou de outra, respondem pela fisionomia humana e humanística do burgo.

As figuras, aqui elencadas, por mais distintas que sejam na sua peculiar individualidade, carregam um traço comum que as identificam como pessoas visceralmente ligadas à vida e à cultura da cidade. Todas, independentemente de origem, classe, raça e gênero, são como que pessoenses da gema.

No vínculo, no afeto, na memória. Isso as fazem iguais e únicas na escrita amorosa de Sérgio Botelho.

Quer pela importância histórica (um Duarte da Silveira, um Peregrino de Carvalho, um Walfredo Rodriguez, por exemplo), quer pela intervenção jornalística e cultural (um Carlos Dias Fernandes, um Lúcio Lins, um Livardo Alves, um Ednaldo do Egito), quer pela singularidade de comportamento (um Caixa d’ Água, um Mocidade, um

Macaxeira, uma Vassoura), cada um, a seu modo e premido pelas circunstâncias que os envolvem, reflete e expressa virtualidades e estilos de época e de lugares. Maneiras de ser inconfundíveis.

Sábios, loucos, líricos, heroicos, grotescos, sublimes, anódinos, estranhos, esses personagens integram um cenário inesquecível. Representam um ângulo curioso e eloquente da mentalidade social, ao mesmo tempo que trazem o extraordinário, com seu fermento mágico, para a zona opaca do ordinário da vida. A aventura dentro da rotina.

De outra parte, não devemos esquecer que esses “personagens no tempo” também plasmam certas esferas do imaginário antropológico da cidade. E, dentro deste imaginário, transmutam-se em atores vivos e presentes, com suas histórias, seus causos, seus ingredientes pitorescos, condensando o tecido memorável da geografia urbana.

Sérgio Botelho, face a seu objeto de investigação, age com a habilidade natural do jornalista; lança mão de fontes históricas especiais, pesquisa inclinações culturais e índoles psicológicas; inscreve, aqui e ali, uma pitada poética, um lance humorístico, a graça de um dito espirituoso, uma boutade inesperada, como quem valoriza o sentido de organização do texto e do fato.

O estilo é simples, claro, conciso. A frase flui no ritmo cadenciado da prosa sem pretensão. O narrar, o descrever, o dissertar se mesclam no interior do discurso, sempre se ajustando forma e conteúdo na configuração final da palavra.

Associado aos outros, este novo livro de Sérgio Botelho compõe um percurso de reconhecimento e louvação diante da história de sua cidade amada. Contém, por outro lado, pertinentes lições. Lições que nos ensinam e deleitam, como sugere o bardo latino, na sua Arte poética. Leia e confira, caro leitor.

Colunista colaborador

MARCOS REY

Escritor mirava no grande público

Renomado autor paulistano deixou uma colaboração importante nos seriados e novelas de grandes emissoras

Foto: Luiz Paulo Lima/Estadão Conteúdo

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

O trabalho como redator da Rádio Excelsior naturalmente encaminhou Marcos Rey para o audiovisual, quando o mesmo conglomerado decidiu fundar uma televisão, nos anos 1960. A primeira experiência do paulista foi a telenovela *O Grande Segredo*, de 1967. Um ano depois, Rey propôs *Os Tigres*, um formato seriado híbrido, sobre o cotidiano de três detetives. A vontade de romper com a tradição melodramática do veículo fez-lhe com que escrevesse *Super Plá* (em coautoria com Bráulio Pedroso), mas na TV Tupi: o bancário Plácido (papel do ator Rodrigo Santiago), escondia uma identidade secreta como super-herói.

Em 1975, ele chegou à TV Globo para escrever, por encomenda, *Cuca Legal*, telenovela cômica para a faixa das 19h. O argumento partia do paraibano Paulo Pontes, e foi inspirado, por sua vez, na peça *Boeing Boeing*. Numa rápida volta à Tupi, dois anos depois, lançou *Tchan*, *A Grande Sacada*, sobre um trambiqueiro que fingia ser milionário (interpretado por Raul Cortez). “Nessas duas novelas, pelo que nos chega por meio da crítica e de pesquisas, o desejo do autor era o desenvolvimento de histórias leves, adequadas ao horário (às 19h, em ambos os

casos), com ascensão social, romance e humor, na intenção de manter seu estilo de cronista”, assinala o jornalista Fábio Costa, editor-chefe do portal *Observatório da TV*.

Ao mesmo tempo, o centenário de Rey foi celebrado com a chegada de outra de suas telenovelas (e a única na íntegra, ainda hoje) ao catálogo do Globoplay — *A Moreninha*, de 1975, adaptação do livro homônimo de Joaquim Manuel de Macedo. O autor seguiria transpondo outras obras literárias para a TV até meados dos anos 1980, uma delas, escrita por ele próprio: *Memórias de um Gigolô* (ao lado de Walter George Durst). Flertando com o público infantil também nas telas, integrou a equipe de roteiristas do *Sítio do Picapau Amarelo*, em sua primeira versão na Globo (1977-1986), os textos originais de Monteiro Lobato eram retrabalhados por ele e outros colegas, a exemplo de Maria Clara Machado.

Como também remonta Fábio Costa, a liberdade criativa de Rey permitia-lhe ajustar, quando possível, os materiais prévios. No caso de *A Moreninha*, além de incluir personagens de outros livros de Macedo (para dar corpo à novela, com 79 capítulos), deslocou a ação do livro para 20 anos mais tarde em relação à proposta do autor. “Mas ele deixa transpa-

recer em sua autobiografia a sua percepção de que a dramaturgia e a artisticidade nesse campo haviam ficado atrás das possibilidades da literatura e do cinema, e isso pode tê-lo desestimulado a criar novos trabalhos — especialmente telenovelas”, indica.

Lamentavelmente, não existem registros de boa parte dos produtos citados, seja pelo reaproveitamento das fitas por parte das emissoras de TV, seja pelos incêndios que assolaram esses arquivos. Isso, em alguma medida, amplia a invisibilidade de Marcos Rey também nesse segmento. “Mas ele nos deixou uma colaboração importante, com a ampla divulgação da obra de Monteiro Lobato, por anos a fio, apesar de diversas críticas acusadoras de desvirtuamento do original. Ele escreveu para viver e viveu para escrever, e tentou adaptar-se a cada forma de levar seu trabalho ao grande público”, conclui Fábio Costa.



Foto: Divulgação/Rede Globo

Cena de “A Moreninha” (E) e elenco do “Sítio do Picapau Amarelo” (D): ambas as obras adaptadas por Rey

Em Cartaz



Cinema

Programação de 3 a 9 de abril, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o *Cine Vieira*, em São Bento; o *Cinemaxxi Cidade da Luz*, em Guarabira; o *Cine Guedes*, em Patos; e o *Cine RT*, em Remígio, não haviam divulgado suas programações.

ESTREIAS

CÓDIGO ALARUM (Alarum). EUA, 2025. Dir.: Michael Polish. Elenco: Scott Eastwood, Sylvester Stallone, Willa Fitzgerald, Isis Valverde. Aventura. Joe (Eastwood) e Lara Travers (Fitzgerald) que são ex-agentes secretos que decidiram abandonar suas carreiras para viver uma vida tranquila. Durante sua estadia em um resort isolado, eles testemunham a queda de um avião e encontram uma pen drive ultrassecreta, tornando-se alvos de uma caçada internacional. . 1h35. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h30, 19h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 15h50; leg.: 15h45. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 18h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h50.

UM FILME MINECRAFT (A Minecraft Movie). Suécia/EUA, 2025. Dir.: Jared Hess. Elenco: Jack Black, Jason Momoa, Jennifer Coolidge, Danielle Brooks, Kate McKinnon. Comédia/aventura. Quatro pessoas são jogadas por um portal para um bizarro mundo onde tudo é cúbico. 1h41. Classificação não informada.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 2D: 14h, 20h45; leg.: 3D: 16h15, 18h30. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 19h15; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 12h30, 14h45, 17h, 19h30, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 3D: 14h15, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 13h15, 15h30, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (Macro-XE): 3D: dub.: 13h45, 18h30, 21h; leg.: 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): 3D: dub.: 12h45, 15h, 17h30; leg.: 20h, 22h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 3D: 13h30, 16h15, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h45, 17h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 12h30 (sáb. e dom.), 15h15, 18h, 20h45. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 15h30, 17h30, 19h30. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: 14h30 (qui.

a dom.), 16h30, 18h30, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h30 (qui. a dom.), 16h30, 18h30, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h30, 17h30, 19h30.

DESCONHECIDOS (Strange Darling). EUA, 2025. Dir.: JT Mollner. Elenco: Willa Fitzgerald, Barbara Hershey, Ed Begley Jr., Kyle Gallner. Suspense. Um predador implacável rastreia uma mulher ferida pela natureza selvagem de Oregon, nos EUA. 1h37. 16 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 19h45.

UM DIA DAQUELES (One of Them Days). EUA, 2025. Dir.: Lawrence Lamont. Elenco: Keke Palmer, SZA, Lil Rel Howery. Comédia. O namorado de Alyssa pega o dinheiro do aluguel. Ela e sua colega de quarto correm contra o tempo para evitar o despejo e manter sua amizade intacta. 1h37. 16 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 14h, 18h25.

MÁRIO DE ANDADE, O TURISTA APRENDIZ. Brasil, 2025. Dir.: Murilo Salles. Elenco: Luiz Antonio Rocha. Documentário. Em 1976, são lançadas, postumamente as anotações feitas por Mário de Andrade durante viagem realizada pelo Rio Amazonas, numa travessia que antecedeu a publicação de *Macunaíma*, de 1928. A viagem é recomposta nessa produção. 1h32. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 15h.
PELE FINA. Brasil, 2025. Dir.: Arthur Lins. Elenco: Ingrid Trigreiro, Tavinho Teixeira, Mariáh Benaglia. Drama. Luísa, uma dramaturga dedicada, embarca em uma viagem para uma praia isolada com sua família enquanto trabalha na adaptação da peça *Psicose 4.48*, da renomada autora inglesa Sarah Kane. No entanto, o que deveria ser um refúgio criativo se transforma em um mergulho angustiante nos temas sombrios da obra. 1h. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 19h30.
PRESENÇA (Presence). EUA, 2025. Dir.: Steven Soderbergh. Elenco: Lucy Liu, Chris Sullivan, Callina Liang. Terror/suspense. Uma história sobrenatural inteiramente pela perspectiva de um fantasma. 1h25. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.:

16h20, 20h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 22h15. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 21h.

ESPECIAL

RED VELVET HAPPINESS DIARY: MY DEAR, REVEIUV EN CINES. Coreia do Sul, 2025. Dir.: Sun Hyung Kim, Yoondong Oh. Documentário/show. Celebrando uma década de carreira, o Red Velvet convida os fãs a reviverem momentos da turnê 2024, *Red Velvet Fancon Tour <Happiness: My Dear, Reveluv>* in Seoul. O documentário também inclui entrevistas inéditas, nas quais as integrantes compartilham sua experiências e relembram os momentos mais significativos da trajetória de 10 anos do grupo. 1h54. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 15h (qui.), 19h (dom.).

CONTINUAÇÃO

BRANCA DE NEVE (Snow White). EUA, 2025. Dir.: Marc Webb. Elenco: Rachel Zegler, Gal Gadot, Andrew Burnap. Aventura. Princesa une forças com sete anões para libertar seu reino de sua madrastra, a rainha má, que quer matá-la. 1h49. 10 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3: dub.: 14h30, 16h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h15, 15h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 12h40, 15h15, 17h40; leg.: 20h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): dub.: 13h30, 16h; leg.: 18h40, 21h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 14h, 16h45, 19h10, 21h30. CINESERCLA TAMBIÁ 5: dub.: 15h40, 17h50, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h40, 17h50, 20h.

CAPITÃO AMÉRICA – ADMIRÁVEL MUNDO NOVO (Captain America – Brave New World). EUA, 2025. Dir.: Julius Onah. Elenco: Anthony Mackie, Harrison Ford, Danny Ramirez, Shira Haas, Giancarlo Esposito. Aventura. O novo Capitão América se vê no meio de um incidente internacional. 1h58. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 18h.

NOVOCAÍNE – À PROVA DE DOR (Novocaine). EUA/Canadá/África do Sul, 2025. Dir.: Dan Berk e Robert Olsen. Elenco: Jack Quaid, Amber Midthunder, Ray Nicholson. Aventura/Comédia. Homem que não sente

dor usa isso como vantagem para resgatar a garota dos seus sonhos de um sequestro. 1h50. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 13h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 22h. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 16h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: 16h40.

OESTE OUTRA VEZ. Brasil, 2025. Dir.: Erico Rassi. Elenco: Ângelo Antônio, Rodger Rogério, Babu Santana, Daniel Porpino, Antônio Pitanga. Drama/faroeiro. No interior de Goiás, dois homens brutos são abandonados pela mesma mulher e se viram violentamente um contra o outro. 1h38. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 15h

RESGATE IMPLACÁVEL (A Working Man). Reino Unido/EUA, 2025. Dir.: David Ayer. Elenco: Jason Statham, Jason Flemyng, Michael Peña, David Harbour. Aventura. Trabalhador da construção civil volta às suas velhas habilidades violentas para investigar o desaparecimento de uma garota. 1h56. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 22: dub.: 18h15; leg.: 20h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 17h30. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 16h35, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h35, 20h40.

VITÓRIA. Brasil, 2025. Dir.: Andrucha Waddington. Elenco: Fernanda Montenegro, Linn da Quebrada, Alan Rocha, Sílvio Guindane. Drama/crime. Idosa age para desmantelar um esquema de tráfico em Copacabana. 1h52. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h50, 16h15, 18h50, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 15h. CINESERCLA TAMBIÁ 3: 18h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: 18h50.

ESTREIA

ENTRE O BARRO E A ALMA. Individual da artista visual Herlene Sá.
João Pessoa: ESPAÇO ARTE BRASIL (localizado no térreo do Liv Mall, Av. Gov.

Flávio Ribeiro Coutinho, nº 500, Jardim Oceania). Visitação de segunda a sábado, das 9h às 21h, e sábado e domingo, das 13h às 21h, até 1º de maio de 2025. Entrada franca.

CORES QUE FALAM — MANIPULAÇÃO E PERCEPÇÃO. Mostra coletiva das artistas Lola Pinto, Luiza Bié, Maya Oliveira, Nadja Carvalho e Retiel.

João Pessoa: USINA CULTURAL ENERGISA (Usina Energisa, R. João Bernardo de Albuquerque, nº 243, Tambiá). Visitação de terça à sexta-feira (das 13h às 18h) e sábado e domingo (das 16h às 22h), até o dia 30 de abril de 2025. Entrada franca.

EXPOSIÇÕES ITERINAS NA ESTAÇÃO CABO BRANCO. Quando a gente chorou vendo o Sol se pôr, de João Peregrino; Fluxos AntiNaturais, do Coletivo UFPB; Maresia, mostra fotográfica de Deco Cavalcante; Aquarela Outono(s), de Rogéria Gaudêncio; A Saga do Vaqueiro, mostra fotográfica de Lenec Mota; Por Elas: no enfrentamento à violência, da Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres; Sem Regras, uma coletiva de sete artistas mulheres – Ana Christina Mesquita, Cláudia Verônica, Denise Costa, Raísa Filgueira, Raíssa Herculano, Wanessa Dedoverde e Juliana Xukuru; e Mulheres e Pássaros, coletiva obras das artistas Albina Santos, Celia Gondim e Gil Santana.
João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação de terça à sexta-feira (das 9h às 18h) e sábado e domingo (das 10h às 18h), até o dia 30 de abril de 2025. Entrada franca.



Espetáculos

ESTREIA

REAL CIRCO. Sob a produção dos irmãos Brandão, o espetáculo é uma junção de tecnologia e arte, com atrações inéditas e artistas premiados nos maiores festivais de circo do mundo.

João Pessoa: estrutura montada ao lado do Sam's Club Bessa, na Estrada de Cabedelo. Sessões: segunda à sexta-feira (exceto quarta), 20h; fim de semana e feriados, 16h, 18h, 20h30. Ingressos a partir de R\$ 20, no site oficial do circo (realcirco.com.br).

INCLUSÃO

Legislativo abraça a luta dos autistas

Lei que determina a criação de salas de estabilização sensorial é uma das iniciativas aprovadas no Legislativo

Da Redação

O Dia Mundial de Cons- cientização do Autismo, ce- lebrado no último dia 2 de

abril, foi uma oportuni- dade para ampliar o debate so- bre os desafios e direitos das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Na

Paraíba, tanto a Assembleia Legislativa (ALPB) quanto a Câmara Municipal de Campina Grande (CMCG) têm se destacado na proposição de

leis. A ALPB tem desempe- nhado um papel essencial na elaboração e na aprova- ção de legislações que bene- ficiam pessoas com TEA. E a

CMCG também tem se mo- bilizado na defesa dos di- reitos das pessoas com au- tismo. Durante a 21ª sessão ordinária da 19ª legislatura,

parlamentares reforçaram a importância da consci- entização e do fortalecimen- to dos serviços públicos vol- tados para essa população.

Legislação avança, mas ainda há dificuldades

A ALPB tem desempe- nhado um papel essencial na elaboração e na aprova- ção de legislações que be- neficiam pessoas com TEA. Dentre elas, destaca-se a Lei nº 663/2023, que determina a criação de salas de estabi- lização sensorial em ambien- tes públicos e privados. Essas salas são espaços adaptados para pessoas neurodivergen- tes, oferecendo um ambiente seguro durante momentos de crise sensorial.

Outra medida relevante é a Lei nº 11.647/2020, que ins- titui o Censo de Inclusão da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e Síndrome de Down. O objetivo é ma- pear a quantidade e o perfil socioeconômico dessas pes- soas, possibilitando a formu-

lação de políticas públicas mais eficazes.

A inclusão na educação também é uma preocupação da ALPB. A Lei nº 10.555/2015 proíbe a cobrança de taxas adicionais para matrícula ou mensalidade de estudantes com autismo, garantindo um ensino mais acessível. Já a Lei nº 10.504/2015 estabelece di- retrizes para o tratamento precoce do autismo no Sis- tema Único de Saúde (SUS), enfatizando a importância da intervenção precoce para o desenvolvimento infantil.

No transporte intermuni- cipal, a Lei nº 9.670/2012 as- segura a gratuidade das pas- sagens para autistas e seus acompanhantes, facilitando o deslocamento para tratamen- tos e consultas.



Deputados aprovam leis que ampliam atendimento e mudam conceitos para demandas da população autista na Paraíba

Depoimento

Shamara Rached
Colaboração

Não podemos parar de lutar dia algum

O que mais dificulta é a inclusão de faz de conta, por- que até pessoas que traba- lham pela inclusão, olham para as mães de forma dife- rente, julgando que a crian- ça é assim, porque é mal-e- ducada, mesmo sabendo que a criança tem diagnóstico de autismo, ou que a criança tem esse ou aquele comportamen- to. A criança acaba crescen- do sem amigos, sozinha na escola.

Então, é bem complica- do para as mães conviverem com isso, porque eles não são convidados para festas, eles não são inseridos em jogos, em ro- lês, principalmente os maiores, os adolescentes. Os pequenos, nem pensar, nin- guém chega perto e, algumas pessoas, chegam ao absurdo de ter medo dos comporta- mentos. Achem que vai ter agressividade. Outras pes- soas acreditam no mito de que todo autista é intelligen- te, mas quase 30% têm defi- ciência intelectual, então, são mitos e verdades que a ge- nte convive a vida toda, que a gente convive o tempo in- teiro, mas que a gente tenta vencê-los, matando um leão por dia.

Vou dar um exemplo: on- tem, postei, no meu Insta- gram, um estudo científico feito por uma universidade americana no qual eles inse- riram um gene no rato, desen- volvendo a fala. Muita gente começou a brincar nos co- mentários e dizer: “Ah, o que isso tem a ver com autismo?”. Eu explico, porque muitos au- tistas não têm a habilidade da



Shamara e o filho Alef Saad: luta pela inclusão

fala ou não desenvolvem a fala porque não são correta- mente estimulados. E, quan- do se tem um estudo desse, a gente tem uma esperança, porque a maioria dos com- portamentos autísticos acon- tecem por falta de comuni- cação.

Então, se ele se bate, é por- que não consegue dizer que ele está com dor de cabeça, que ele está com dor de den- te, que tem alguma coisa in- comodando. Se ele bate no ou- tro, quer um brinquedo, então morde, aprendeu que toda vez que morde, ganha o brin- quedo, que toda vez que grita, que chora, ganha o brinque- do, porque não se comunica.

E essa comunicação é impor- tante. Então, vêm os comentá- rios embaixo: “Ah, é o xaropi- nho do ratinho”. As pessoas brincam com coisas sérias da vida das outras.

O “mimimi” da internet só tem piorado isso tudo.

Aqueles com nível 3 de su- porte precisam de moradias assistidas. São muitas as ba- talhas. Lutamos há anos.

Só que essa luta nos deixa doentes, muitas mães matam os filhos e depois se matam, muitas porque não aguentam. É um índice gigantesco de di- vórcio e existe até uma máxi- ma que diz que, quando o autista entra por uma porta, o pai sai pela outra.

Então, existe um eterno luto de mães que não saem para luta, porque não têm condições financeiras para isso. As que têm conseguem melhor resultado, as que não possuem têm que abando- nar a vida, os empregos, tudo, para ir atrás de auxiliar esses filhos e muitas não têm força o suficiente e acabam ultra- jando a própria vida. As mães não são eternas.

No ano passado, perde- mos Sara, que foi a mãe que iniciou a caminhada azul. Neste ano, a nossa caminha- da vai ser no dia 6 de abril [hoje]. E nós, mães pioneiras dessa causa, vamos sair com a camiseta, com a foto de Sara, homenageando nossa ami- ga. Na camiseta, está escri- to: “Mães não são eternas”. A gente não está aqui para sempre, então o nosso maior medo é morrer. E a gente luta muitas vezes pelo direito de morrer.

Na Paraíba, a gente não tem tratamento, não tem ca- pacitação também para pes- soas autistas com mais de 18 anos. Quando chegam aos 18 anos, as mães não têm escola para colocar. Não têm trata- mento e esses autistas não en- tram no mercado de trabalho, ficam em casa e muitos cos- tumam dizer que só trazem despesa, mas a gente conse- gue, sim, inseri-los no mer- cado de trabalho e, se for feita uma capacitação, eles vão ser os melhores naquilo que eles forem treinados.

Não podemos parar. Nem em abril, nem em nenhum outro mês do ano.

Câmara de Campina também se mobiliza

A CMCG também tem se mobilizado na defesa dos direi- tos das pessoas com autismo. Durante a 21ª sessão ordinária da 19ª legislatura, parlamenta- res reforçaram a importância da conscientização e do fortaleci- mento dos serviços públicos vol- tados para essa população. A ve- readora Fabiana Gomes (União Brasil) enfatizou que a luta pe- los direitos dos autistas deve ser constante e eficaz, não se limi- tando ao Dia Mundial da Con- scientização do Autismo.

Outras iniciativas impor- tantes foram destacadas, como a atuação do projeto social Au- rineth Alves, que atende mais de 200 pacientes com autismo, e a ampliação da ala pediátrica em uma unidade de saúde lo- cal. A vereadora Carol Gomes (União Brasil) ressaltou a neces- sidade de diagnóstico precoce e de acesso às terapias adequadas, apontando sua experiência no

Capsinho (Centro Campinense de Intervenção Precoce).

No campo social, a vereado- ra Pâmela Vital (MDB) convidou a população para o Pedal Azul, um evento solidário cuja inscri- ção será feita mediante doação de alimentos para a Associação de Pais e Amigos dos Excepcio- nais (Apae) de Campina Gran- de. Já Ana Cardoso (Republica- nos) destacou as dificuldades enfrentadas por famílias para obter medicamentos e recursos adequados para crianças au- tistas, enfatizando a importância de centros de apoio, como o Afe- to e a Clínica Escola do Autismo.

A questão da infraestrutu- ra urbana também foi levan- tada, com a vereadora Waléria Assunção (PSB) apontando a necessidade de melhorias para garantir a continuidade de um projeto do Governo Federal vol- tado ao atendimento de crian- ças autistas.

Desafios e perspectivas exigem vigilância e ação

Apesar dos avanços legis- lativos, ainda há desafios sig- nificativos a serem supera- dos. O acesso a diagnóstico precoce e tratamento espe- cializado é um dos principais gargalos enfrentados por fa- mílias de crianças autistas. Além disso, a implementação de políticas públicas muitas vezes esbarra na falta de es- trutura e financiamento ade- quado.

Organizações da socieda- de civil têm desempenhado um papel crucial na comple- mentação das ações governa- mentais. Associações como a

ACPA (Associação Campinen- se de Pais Autistas) têm ofere- cido apoio direto a famílias, atendendo centenas de crian- ças e contribuindo para sua in- clusão social.

A criação de mais centros especializados, capacitação de profissionais e ampliação de serviços são medidas funda- mentais para garantir o pleno desenvolvimento das pessoas com TEA. A sensibilização e o combate ao preconceito tam- bém são essenciais para que a sociedade avance em dire- ção a uma inclusão verdadei- ra e eficaz.

Memórias

Paixão pelo cinema e sonho de ser crítico traçaram os caminhos à Redação

Ainda garoto, jornalista começou a escrever e foi em busca de referências na profissão para conhecer o caminho, fazer amizades e se comprometer com a qualidade da informação até chegar à Editoria Geral

Luiz Carlos Sousa
lulnlp@gmail.com

A história de Sílvio Osias com o jornalismo tem quase a mesma idade dele. Logo cedo, aos 10 anos, escolheu a profissão. E foi atrás de quem poderia abrir portas. Conheceu Antônio Barreto Neto e, a partir daí, chegou às redações. N’**A União** ocupou vários cargos, inclusive o de editor-geral, num período em que fez uma entrevista com Caetano Veloso, exclusivamente sobre cinema, que ganhou repercussão nacional e faz parte de um livro que o compositor lançou. Ao Memórias A União, Sílvio conta os detalhes. Também fala da primeira entrevista de que participou — na qual ficou calado, enquanto nomes consagrados do jornalismo conversavam com Gilberto Gil. Sílvio é taxativo ao reconhecer: “Eu entendo que o grande papel de **A União**, talvez o papel mais importante, sempre, há muitas décadas, que vem desempenhando, é o de formador de profissionais”.

Entrevista

■ *Como é que você descobriu que poderia trabalhar? O que foi que lhe encantou para trazê-lo para A União?*

É uma alegria estar aqui participando desse projeto, pelo significado que ele tem do ponto de vista de preservação da memória e pela minha história com **A União**.

■ *Mas como foi que começou?*

Eu queria ser crítico de cinema; botei isso na cabeça quando tinha 10 anos. O marco para mim é quando eu vi “2001: Uma Odisseia no Espaço”. Via Barreto Neto no cinema, tinha uma vontade de conversar com ele — aí eu fui com 13 anos. Comecei a escrever textos e publicar no Jornal Mural do Colégio Estadual de Jaguaribe. E, numa dessas tardes de cinema, vi Barreto sair e o segui. Ele saiu do Municipal, ali pela Praça Rio Branco, entrou na Duque de Caxias e na livraria de Bartolomeu. Eu entrei, aí disse: “Você é Barreto?”. Claro que era.

■ *E ele?*

“Sou”, respondeu. Apresentei-me, disse que era estudante, que tinha interesse por crítica de cinema, que escrevia uns textos, mas que tinha dificuldade com leitura, porque, enfim, a cidade não tinha grandes livrarias e tal. Ele disse: “Olhe, eu sou chefe de Redação da Secretaria de Divulgação e Turismo. Você sabe onde é?”. “Sei”. Ele continuou: “Passe amanhã, às 10h”. Fui para casa cheio de ansiedade.

■ *Na expectativa de que amanhã chegasse...*

“O que é que vai acontecer?”. Cheguei, Barreto veio com um saco plástico cheio de livros. E disse: “Leve. Isso aqui é para você”. Era técnica de montagem, como fazer o roteiro, a arte da fotografia, enfim, tudo técnico. O cinema russo, e tal, os clássicos do *western*. E acrescentou: “Fica aparecendo aqui”. Um dia ele disse: “Eu quero ver seus textos”. Fiquei inibido, mas acabei levando um texto para ele. “Vamos ali comigo”, convidou. Pegou a Rural da Secretaria e me levou no Correio da Paraíba. O editor era Jurandy Moura, crítico de cinema também, que disse: “Ah, conheço você”. E explicou: “É que você esteve lá em casa, Jurandy, para entrevistar meu pai, sobre astronomia”. Resultado, passei a escrever no jornal.

E a gente arrancava e ticava as maiúsculas. Mas ele disse: “Mago, se você quiser aprender sobre o bom texto jornalístico... Não estou falando dessas coisas que você escreve de cinema, não, porque aí tem um negócio meio literário no meio... Mas, se você quiser aprender, leia as notícias das agências”.

■ *E esse momento de A União, no fim dos anos 1970, início dos anos 1980, veja: Gonzaga, Nathan, Barretinho, Martinho. Aranha, brilhante.*

■ *E o pessoal que entrou... Não é porque eu esteja entre eles, não, mas veja: Wellington Farias, Frutuoso.*

José Carlos dos Anjos, você, Gisa Veiga, Naná, Lena Guimarães, Tião Lucena, Chico Pinto, aquele povo tudo.

■ *Que fermentação aquela Redação. É uma coisa impressionante, porque algumas dessas pessoas que você citou... Por exemplo, Martinho não trabalhava, mas frequentava. Tinha Gonzaga, que, quando deixou a direção técnica, foi secretário de Comunicação, no lugar de Carlos Roberto de Oliveira. Gonzaga, todo final de tarde, chegava n’A União. Então, chegava, sentava ali e “Ai, neguinho, tu já leste esse ‘Memorial de Aires’, de Machado de Assis?”, me perguntou. “Não li ainda”, respondi. “Não faça isso, não”, comento.*

■ *“Eu aprendi a ser comunista com Graciliano, em ‘São Bernardo’”, ele disse certa vez. Lembro-me dessa conversa. Então, essas histórias... hoje eu me pergunto muito em que nível elas se dão nas redações, se é que elas existem, não sei.*

■ *Porque o terremoto digital mudou tudo?*

Mas essas conversas, até hoje entendo como uma parte fundamental, essencial, da nossa formação. A gente ali fazia o jornal do dia, mas conversava sobre Beatles, sobre Gil e Caetano, sobre Godard, o homem na Lua, sobre Glauber. Era diferente demais. Sobre Sartre, sobre Marcuse.

■ *Lembra daquele teólogo tcheco que esteve na Redação, George Casalese?*



“Tive várias passagens, em várias condições, em vários postos e funções pela Redação de A União”



Sílvio: “O que mais me chama a atenção, mais me impressiona, é a própria resistência de A União ao passar do tempo”

Agnaldo, numa entrevista daquelas que a gente fazia para o Jornal do Domingo — acho que você participou —, perguntou: “O que é o pecado?”. Ele disse: “O pecado é a minha vida a qualquer custo, inclusive o de sua morte”. Rapaz, eu nunca me esqueci disso. Olha que isso foi lá...

Você agora deu uma deixa, que eu acho que inevitavelmente a gente ia falar, mas eu já vou aproveitar e entrar: o Jornal de Domingo. **A União**, historicamente, tem limites pelo fato de ser o jornal do governo. E, naquele momento, Agnaldo entendeu que a área de cultura, digamos, escapava, ultrapassava esses limites. Então inventou um negócio chamado Jornal de Domingo, que era um caderno de oito páginas que nós todos fazíamos coletivamente. E que, no caso, como você sabe, eu fiz a minha graduação e fui pro batente.

Eu não pensei em ser professor, nem em fazer mestrado, doutorado, nada. Mas até hoje, quando eu me lembro do Jornal de Domingo, eu fico me perguntando: “Será que não vai aparecer ninguém para fazer uma tese ou uma dissertação?”. Ou uma tese porque é um momento muito importante da produção de jornalismo cultural na imprensa da Paraíba e tinha brechas políticas boas. E durou anos.

■ *Agora o que é interessante, Sílvio, é que todo mundo era entusiasta daquele projeto. Qualquer escorregão que a gente desse, Martinho pegava. Começava com Martinho, terminava com Firmo Justinho.*

Firmo chegava lá, com terno e gravata, com o texto dele. E uma visita ilustre que a gente recebia, porque era uma figura histórica, inclusive de **A União**, era o Dr. Osias Gomes, um desembargador aposentado — teve papel central em 1930 —, já velhinho. Chegava com o motorista de tarde para entregar o artigo dele. Então era um negócio impressionante.

■ *Você vinha contando, voltando aqui para A União, que começou na área de cinema e depois foi entendendo o tipo de trabalho da Redação e chegou a copides-*

que, a redator, mas você também trabalhou como editor de segundo caderno, como editor de página. Você falou da resenha...

Eu fui editor de segundo caderno logo no começo, logo depois, quando eu voltei pelas mãos de Agnaldo. Eu logo assumi a editoria do segundo caderno. Isso foi em 1980, mais ou menos, 1981.

■ *Você trabalhou com Frutuoso Chaves? Frutuoso é um texto primoroso. Sempre teve. E ele também é um professor.*

■ *Dizem que era meio rígido? Dizem, não. Ele era.*

■ *Ele disse aqui que era folclore... Era nada. Ele era rígido, jogo duro. Eu tive a sorte de não passar por ele; digo por isso: nunca levei uma bronca dele. Mas ele era jogo duro, mas era bom. Ele ensinou muito. E tem uma coisa interessante: um dia ele chegou para mim e disse: “Sílvio, tu fica escrevendo essas besteiras aí de crítica de cinema (ele sabia que não era besteira), tu não vai ganhar a vida com isso, não. Você precisa aprender as outras coisas do jornal”. E ele nem sabe; acho que talvez seja a primeira vez que eu estou dizendo isso publicamente. Espero que ele saiba. Foi uma lição para mim. Como a de Nathan, de olhar o texto das agências.*

■ *Como você conheceu Agnaldo? Conheci Agnaldo no Correio. Ele tinha 24 anos e era repórter político. E conheci Frutuoso. Bosco Gaspar era o secretário de Redação. Você sabe que, em 1974, quando fui para o Correio e conheci Agnaldo, me identifiquei muito com ele, porque ele gostava de coisas que eu gostava também. E, quando foi no dia 1º de abril de 1975 — a data está na minha memória, vai fazer 50 anos agora —, eu conheci Gilberto Gil, de quem eu tenho orgulho de dizer que sou amigo. Gil veio fazer um show no Teatro Santa Roza e fomos. Foi a primeira coletiva que eu fui. Fomos eu, Galvão, Agnaldo, Aranha, Francisco Ramalho Júnior, que*

era um cara de rádio muito ligado em MPB, e Walter Cartaxo. Não tive coragem de perguntar nada, porque vi aqueles caras — Aranha, Agnaldo —, os caras com as perguntas, e eu fiquei só olhando. Gil, aquela maravilha, aquela fluência. Quando terminou, cheguei para ele e disse: “Gil, como é o conjunto que acompanha?”. A gente não usava “banda” naquela época, era “conjunto”. Ele disse: “Não, é um trio. Eu faço guitarra e violão, Chiquinho Azevedo na bateria e Moacir Albuquerque no baixo. É inspirado no Jimi Hendrix Experience”, que era o trio de Jimi Hendrix de quem ele era fã. Eu contei isso para ele.

■ *Além de com Gil, sei que você também tem uma grande amizade com Caetano Veloso? Lembro que você fez uma entrevista com ele, que foi publicada aqui n’A União. Eu acho que nessa época você era o editor. E essa entrevista acabou, agora há pouco, fazendo parte de um livro que Caetano lançou. Como foi essa história? Tem tudo a ver com A União?*

Essa é uma das histórias que, se eu tenho coisas para me orgulhar do que eu fiz, é uma delas. Eu tinha muita vontade... Li uma entrevista de Caetano sobre literatura na revista “Cult”, há muitos anos, e gostei muito. Eu disse: “Puxa, podia entrevistar Caetano só sobre cinema”. E propus a ele, que concordou: “Sim, vamos fazer”. Mas não fazia nunca. Ele viajava e, não sei quantos anos depois, ele veio fazer um show aqui e a gente foi comer uma pizza. Lá na Pizzaria conversando sobre cinema. Eu perguntei: “Caetano, isso é o ensaio da nossa entrevista?”. Ele: “É. Vamos fazer?”. Mandei as perguntas. Eu estava desempregado.

■ *E preocupado?*

Minha mulher é professora, hoje dá aulas na UFPB, mas na época ensinava na rede privada. A gente não estava sem o dinheiro da feira, mas era importante que eu tivesse minha renda, claro, e era importante que eu

trabalhasse. Um dia eu recebi um telefonema de Nelson Coelho.

■ *Foi presidente aqui no Governo Maranhão.*

Nesse último Governo Maranhão, 2009-2010. E Nelson disse: “Você quer ser editor d’**A União**?”. Eu disse: “Mas o editor é João Evangelista”. Ele: “É, mas ele saiu. Você quer ser?”. E eu disse que sim: “Quero”. Vim e assumi a Editoria. Dias depois, eu no computador, entrei no meu e-mail, e estava lá: “Caetano entrevista”. Ele não tinha me respondido, eu mandei as perguntas, e silêncio total. Quando abro, aquele cata-ta, entrevista gigantesca.

■ *E foi parar no livro dele.*

O que aconteceu? Geneton Moraes Neto, porque eu tratei a coisa de forma grandiosa... Geneton pinçou, jornalisticamente, um detalhezinho na entrevista, botou no *blog* dele e a coisa estourou. Caetano, na entrevista, fez críticas duríssimas a Wood Allen, mas deixou no corpo da entrevista. E Geneton: “Caetano, em entrevista na Paraíba, disse que o Wood Allen é um careta, não sei o quê, e tal”. Caramba. Nisso toca o telefone: Geneton, que era meu amigo.

■ *Nosso colega da Globo.*

E eu conheci Geneton através de João Muniz de Brito, no Recife. Geneton: “Sílvio, tu lê esse meu *blog*?”. Li. Ele continuou: “Desculpa não ter lhe pedido autorização, eu devia ter lhe ligado antes”. Eu: “Não, Geneton, está tudo em ordem”. Aí, três ou quatro dias depois, Nelson Coelho sugeriu: “Vamos ligar para Sebastião Neri”. Grande figura do jornalismo, do folclore político nacional. E Neri era colunista d’**A União**. Eu tinha assumido **A União** há poucos dias e não tinha falado com ele ainda. Ligamos para Neri: “Prazer falar com você. Lhe acompanho desde sempre”. Ele disse: “Parabéns, viu?”. Eu: “Parabéns por quê?”. Bom, não era meu aniversário e ele perguntou: “Você não leu o Globo ainda, não?”. Eu disse: “Não”. E ele: “A sua entrevista com o Caetano é capa do segundo caderno do Globo”. Eu disse: “Que história é essa?”. Ele disse: “Repercussão total da coluna de Geneton no segundo caderno do Globo”. E dando crédito.



“Eu queria ser crítico de cinema quando tinha 10 anos. O marco foi ‘2001: A Odisseia no Espaço’”

■ *Pinçou de sua entrevista?*

Sim: “Em entrevista a Sílvio Osias, do Correio das Artes, de João Pessoa”. E aí os cineastas, uns batem em Caetano, outros dizem que ele está certo, outros acabam com o diretor, outros dizem que o diretor é um gênio, maior repercussão. Isso em 2009. Agora, dois anos atrás, menos que isso, estou em casa, toca com o telefone. “Sílvio, meu nome é Mateus, sou um dos editores da Companhia das Letras, tudo bom?”. “Tudo”. Ele disse: “A gente sabe que você fez uma grande entrevista com Caetano sobre cinema e Caetano vai lançar um livro com os textos que ele, ao longo da vida, escreveu sobre cinema”. Ele quis ser crítico no começo da carreira, antes de ser compositor até. “E nós queríamos incluir a sua entrevista no livro”, completou. “Primeiro a gente precisa da entrevista, que a gente não tem. Depois a gente precisa da sua autorização”. Claro que eu dei. Eu perguntei: “Mas você soube como?”. Aí ele disse: “Caetano fez um artigo e cita a entrevista”. “Não conheço isso”. Pedi para ele mandar. Tinha um artigo de Caetano citando a entrevista. Mandei. O cara foi muito gentil comigo. Mas eu passei assim seis meses numa ansiedade...

■ *Esperando a notícia.*

Um dia, muito depois, num chute, eu fui à pré-venda da Amazon, e estava lá: Caetano Veloso, “Sine Subae” é o nome do livro, que é o nome de um dos cinemas da cidade de Caetano, Santo Amaro, quando ele era adolescente. Liguei para o cara: “Mateus, não quero ficar lhe aporriando, não, mas...”. Ele disse: “Não, manda seu endereço. O livro vai ser lançado tal dia (maio do ano passado) e, assim que estiver pronto, eu mando para você. Digo-lhe, desde já, que entrou completa a entrevista, na íntegra, a gente não mexeu em nada, e ocupa 18 páginas do livro”. Para mim foi um presente, porque é uma coisa que, enfim, tem tudo a ver com a escolha que eu fiz, a escolha profissional de ser jornalista.

■ *E tudo com A União, Correio das Artes, que é o suplemento literário, por onde passaram Barreto Neto, Jurandy.*

A outra história que tem a ver com livro, e que eu não posso deixar de mencionar, é que, quando Barreto era vivo, várias vezes o abordei sobre a possibilidade de a gente fazer um livro com as críticas dele. Ele era muito resistente a essa ideia. Barreto era um cara muito simples. “Não, boba-gem”, dizia. “E, ‘canhão’, isso não vale nada não”. Bom, Barreto morreu muito cedo, com 62 anos, no ano 2000. Em 2009, 2010, eu editor de **A União**, nesse mesmo período da entrevista de Caetano, disse: “Caramba, **A União** edita livro, tem o arquivo do jornal com as críticas de Barreto”. Fui a Nelson Coelho, disse: “Nelson, eu quero fazer um livro”. Ele perguntou: “Qual é a ideia?”. Eu disse, e ele: “Faça”. O livro se chama “Cinema por escrito”, que reúne quase 70 textos de Barreto. Nós lançamos o livro em 2010, no tempo em que Nelson Coelho era o superintendente e, por sugestão minha, rapidamente acatada,

nós relançamos em 2022. As duas vezes na Fundação Casa de José Américo. Eu conversei com Naná Garcez [diretora-presidente da Empresa Parabana de Comunicação (EPC)] e com William [Costa, diretor de Mídia Impressa da EPC], fiz a proposta, e eles aceitaram, porque eu tinha ainda uma quantidade de exemplares em casa e foi uma maneira de repor esse conteúdo no mercado.

■ *E Carlos Aranha?*

Aranha tinha uma versatilidade impressionante. E outra coisa impressionante em Aranha era a velocidade: ele redigia, editava uma página com um domínio daquilo e com uma velocidade; e ainda tinha outro detalhe: datilografava conversando. Ele estava ali datilografando o texto e conversando com você de lado. Eu conheci Aranha com 10 anos. Ele fez um programa sobre a morte de Paul McCartney, que foi uma história inventada na época. Botou uma gravação dos Beatles de trás para frente na Rádio Correio e ficou muito mal-feito, porque ele fez no dedo, a rotação ficou irregular. Meu pai disse: “Que porcaria! Eu vou fazer bem-feito”. Fez, levou uma fita para Aranha e eu fui junto. Eu tinha 10 anos. Foi no dia da morte de Costa e Silva. Outra coisa que estou lembrando aqui, porque acho que também é um marco na construção do meu desejo de ser jornalista: entrei na rádio, vi a discoteca, o programa, fiquei junto do controlista, fazendo o programa Diário Íntimo da Cidade. E foi nesse programa que tocou a música de trás para frente que meu pai gravou direito.

■ *Pergunto também sempre, aos colegas que sentam aqui, que avaliação eles fazem desse projeto que está dando certo há 132 anos, que é A União.*

Eu cheguei aqui, a primeira coisa que fui vendo nesse painel [cenário] foi a página da morte de John Lennon. Fui eu que fiz. Uma foto dele, com um capacete militar, bonita. Essa foto era um recorte de um jornal qualquer, que eu não me lembro qual era e eu achei bonita, recortei e fiquei com ela em casa. Acho que **A União**, com essa longa história, com grandes dificuldades, dependendo do contexto histórico, dependendo às vezes do próprio perfil de quem está no poder. Você lembra, na época em que a gente estava n’**A União** — eu cheguei, você chegou logo depois —, Buri, no primeiro governo dele, mesmo sendo um governador não eleito, biônico, portanto. Foi o último nomeado pela Ditadura.

■ *Você lembra-se da frase dele? “Não conheço democracia sem imprensa livre”.*

Sem imprensa livre. Naquele momento, você podia ter um noticiário político um pouco mais arejado, claro, respeitando sempre os limites. **A União** tem, em sua história, esse traço do qual ela não vai se desfazer nunca.

■ *Orlando no lugar de Ernesto.*

É, grande barriga, que custou várias cabeças, como a do secretário Noaldo Dantas.

■ *É bom dizer que só não caiu Aranha, que ocupava um cargo que não era um*

cargo de decisão editorial.

Para as pessoas entenderem: foi o momento em que ficou decidido que o presidente da República, o próximo general presidente, no lugar de Médici, seria Ernesto Geisel, e Ernesto Geisel tinha um irmão, igualmente general, que era Orlando Geisel, e **A União** deu na manchete que o próximo presidente era Orlando. Foi talvez a maior barriga da história d’**A União**. Mas, voltando a sua pergunta, eu entendo que o grande papel de **A União**, talvez o papel mais importante, sempre, há muitas décadas, que vem desempenhando é o de formador de profissionais, de escola. É um clichê até, lugar-comum. É interessante: eu passei várias vezes por aqui e em todas, com governos diferentes, com contextos políticos diferentes, orientação diferente, ainda na Ditadura, depois da Ditadura, já no Brasil democrático... em todos esses momentos, sempre encontrei n’**A União** essa traço de veículo que cumpre esse papel de escola, esse papel formador. E até hoje é o que mais me chama a atenção, mais me impressiona, a própria resistência de **A União** ao passar do tempo, às modernizações todas.

■ *Você gostaria de acrescentar algo que me esqueci de abordar? Por exemplo, recentemente você escreveu sobre Carlos Aranha...*

Ano passado, eu estava em casa e Naná me ligou pedindo um perfil de Aranha para um desses projetos editoriais de A União, da editora. Tinha um projeto de caráter literário, de perfis. E ela queria um de Aranha, que estava vivo, em processo de senilidade avançado, numa clínica de idosos. Ela disse que achou que eu era a pessoa mais indicada. Eu penderei: “Naná, eu faço. Agora, vou fazer algo muito pessoal. E eu queria dizer que, se você não gostar, que você ficasse inteiramente à vontade para não publicar. Sem ressentimento nenhum. É porque, ao mesmo tempo, vou lhe pedir uma coisa: não mexam. Se ficar bom, publique. Se não, deixa do jeito que está”. Publicou, então imagino que deve ter dado certo. Achei o livro bem editado, bonito, isso é legal.

■ *Última pergunta: você ainda acredita na plataforma impressa?*

Eu, sinceramente, não tenho convicção.



Acesse o QR
Code para assistir
à entrevista no
YouTube



SERVIÇO PÚBLICO

Edital da Conab oferece vagas na PB

Prefeitura de Caruaru também está com inscrições abertas; certames contemplam cargos de nível médio e superior

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Dois novos concursos públicos devem movimentar os candidatos paraibanos nas próximas semanas. Com abrangência nacional, o edital da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) conta com 403 vagas distribuídas por todo o país, sendo nove delas na Paraíba. Os salários podem chegar a R\$ 8,1 mil, e o cronograma já está fechado: provas em julho.

No Agreste pernambucano, por sua vez, a Prefeitura de Caruaru anunciou 36 vagas em diversas áreas, com salários de até R\$ 5 mil. Ambos os concursos têm conteúdos específicos e concorrência acirrada, então, vale antecipar a preparação para garantir sua vaga.

Oportunidades na Paraíba

Muito aguardado pelos concurseiros, o edital da Conab conta com 34 vagas para assistente administrativo e 369 para analista — cargo de nível superior —, totalizando 403 oportunidades em todo o país. Na Paraíba, são nove vagas disponíveis: uma para o cargo de assistente administrativo e oito para analista. Quem conquistar uma das vagas na Conab poderá atuar em áreas como administração, ciências contábeis, economia, engenharia elétrica, estatística, tecnologia da informação, agronomia e comunicação social, entre outras.

Segundo o edital, os futuros contratos serão regidos pela CLT. Os salários variam de R\$ 3.459,87 a R\$ 8.140,88, a depender do cargo, com jornadas de trabalho de 40 horas semanais. Se você deseja participar do concurso, atente-se às inscrições: elas estarão abertas de 14 de abril a 15 de maio, no site do Instituto Consulpam. A taxa de participação é de R\$ 50 para nível médio e R\$ 80 para cargos de nível superior.

A seleção será feita por meio de provas objetiva – para todos os cargos – e discursiva – voltada apenas aos candidatos à função de analista –, ambas de caráter eliminatório e classificatório. O conteúdo programático inclui questões de Língua Portuguesa, Raciocínio Lógico, legislação e conhecimentos específicos. Quanto ao cronograma, as avaliações serão aplicadas no dia 13 de julho em todas as capitais do país, incluindo João Pessoa, com resultado previsto para o dia 23 do mesmo mês. Vale destacar que a lotação dos aprovados seguirá a escolha feita no momento da inscrição.

■ No Agreste de Pernambuco, o concurso visa preencher 36 vagas de diversas áreas, com salários de até R\$ 5 mil



Companhia Nacional de Abastecimento abre 403 vagas, distribuídas em todo o Brasil, sendo nove delas na Paraíba; salários podem chegar a R\$ 8,1 mil

Caruaru abre concurso

Já em Pernambuco, a Prefeitura de Caruaru lançou edital com 36 vagas para cargos de níveis médio, técnico e superior, além de formação de cadastro reserva. Os salários variam de R\$ 1,5 mil a R\$ 5 mil, com jornadas de trabalho entre 30 e 40 horas semanais. As inscrições seguem abertas até 15 de maio, pelo site do Instituto Ibam, com taxas de R\$ 72 para

cargos de nível médio/técnico e R\$ 97 para superior. Em Caruaru, as vagas estão distribuídas entre as secretarias municipais e contemplam cargos como bibliotecário, engenheiro com especialização em segurança do trabalho, inspetor sanitário, técnico em arquivo e auxiliar de serviços administrativos.

Segundo o edital, todos os candidatos farão uma prova

objetiva, de múltipla escolha, prevista para o dia 6 de julho, com questões sobre Língua Portuguesa, Lógica, Informática, administração pública e conhecimentos específicos. Além disso, haverá etapas adicionais para os cargos de nível superior, incluindo uma prova dissertativa e análise de títulos. Pelo cronograma divulgado, o resultado definitivo do concurso será publicado em outubro.



Pelo QR Code, acesse o edital da Conab



Pelo QR Code, acesse o edital da Prefeitura de Caruaru

Biblioteconomia une gestão, curadoria e tecnologia

A imagem clássica da bibliotecária, por trás do balcão, nada tem a ver com o que a profissão representa hoje. Definitivamente, não é só sobre livros. A biblioteconomia envolve de tudo um pouco, desde gestão e curadoria até tecnologia e conexão com as pessoas. Lucineide Lima descobriu isso ainda na infância, quando sonhava em trabalhar rodeada de livros e acabou se encantando pela biblioteca. “Eu era apaixonada por esse espaço. Lembro de uma professora que falava que, na infância, não sabia o que iria ser quando ‘crescesse’, mas eu já me via em algo relacionado à leitura”, relembra. Mas esse fascínio foi apenas o ponto de partida para uma trajetória movida pela curiosidade e pela força do conhecimento.

Como bibliotecária, ela coordenou projetos interdisciplinares, formou leitores, promoveu eventos e tornou-se referência em Metodologia do Trabalho Científico, área que hoje ensina em sala de aula. Para a profissional, é essa versatilidade que torna a profissão — silenciosa para muitos — uma das mais relevantes para quem enxerga na Educação a base para qualquer mudança na sociedade. Com atuação em escolas e universidades, Lucineide

de passou por experiências que a fizeram enxergar o bibliotecário como um verdadeiro articulador do conhecimento.

Profissão multiplataforma

Segundo ela, não se trata de um cargo meramente técnico, mas de alguém que conversa com professores e alunos, transita entre setores diferentes e transforma essas vivências em aprendizado. “O bibliotecário é um indivíduo que atua em diferentes vertentes dentro de uma instituição de ensino, promovendo cultura e conhecimento por meio de ações como projetos de leitura, bienais etc. Ele também agrega valor à comunidade, rompendo com barreiras no processo de ensino”, reflete, sublinhando que a leitura sempre será a porta de entrada para a formação do cidadão.

Mas, se o perfil da profissão mudou, tornando-se mais digital e integrado ao universo acadêmico, o reconhecimento ainda não acompanhou esse movimento. Lucineide acredita que o maior obstáculo continua sendo a falta de valorização, já que a área acaba sendo subestimada. “O desafio é a falta de investimento. Seja em instituições públicas ou privadas, ainda se tem essa visão de que a biblioteca é apenas

um espaço que guarda livros”, observa.

Porém, essa visão superficial vai de encontro ao que se espera do bibliotecário hoje: um profissional que domina as plataformas digitais, saiba trabalhar com bases de dados, faça a curadoria de acervos híbridos-físicos e digitais e ainda dê suporte ativo à comunidade acadêmica. A profissão não é mais analógica, como muitos pensam. “A biblioteconomia jamais deixará de existir. Existe no mundo uma busca emergente por novas informações, e esse profissional nada mais é do que um disseminador de dados, alguém extremamente atualizado”, reforça Lucineide Lima.

Atuação versátil

Não por acaso, a área oferece múltiplos caminhos para além das estantes de livros. Obviamente, há quem atue em bibliotecas públicas, escolares e universitárias, mas também é possível trabalhar em centros de documentação, museus, editoras, empresas privadas ou mesmo em startups especializadas em gestão

da informação. Lucineide, por exemplo, encontrou seu lugar na docência e no empreendedorismo, mas reforça que cada profissional pode (e deve) descobrir onde mais se realiza. “Biblioteconomia é aprendizagem diária, é ser guardião de grandes conhecimentos e, acima de tudo, é mudar o ambiente onde se está inserido fazendo algo que parece simples, mas não é: promover o acesso ao crescimento por meio da informação”, finaliza.

Quem deseja seguir por esse caminho e se estabelecer no serviço público tem uma oportunidade no concurso da Prefeitura de Caruaru, que oferece uma vaga para bibliotecário com salário de R\$ 2 mil e jornada de 40 horas semanais. Para concorrer, é necessário ter graduação completa em Biblioteconomia e habilitação legal para o exercício da função. O cargo exige um perfil multidisciplinar: entre as atribuições estão o gerenciamento de bibliotecas e centros de documentação, desenvolvimento de ações educativas, tratamento técnico da informação e disseminação do conhecimento.

Lucineide Lima acredita que o bibliotecário atua como um articulador do conhecimento



Foto: Arquivo pessoal

Selic Fixado em 19 de março de 2025 14,25%	Salário mínimo R\$ 1.518	Dólar \$ Comercial +3,68% R\$ 5,835	Euro € Comercial +2,92% R\$ 6,386	Libra £ Esterlina +1,96% R\$ 7,520	Inflação IPCA do IBGE (em %) Fevereiro/2025 1,31 Janeiro/2025 0,16 Dezembro/2024 0,52 Novembro/2024 0,39 Outubro/2024 0,56	Ibovespa -2,96% 127.256 pts
--	---	--	--	---	---	--

NAS PRATELEIRAS

Produtos similares podem enganar consumidores

Mercado tem apresentado versões de alimentos, como iogurte, café e azeite

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

Quando perguntada sobre a presença de novos produtos similares no supermercado, Scheilla Costa não soube bem do que se tratava. Disse que havia percebido mudanças, mas não havia levado em conta. “Porque acho que é a mesma coisa. É erro meu não reparar e não ler tudo direitinho, mas eu nunca pensei nisso, na verdade. Eu fiz cirurgia bariátrica e olho mais a tabela nutricional, principalmente. Mas, nesse sentido aí que você tá falando, eu nunca percebi, não”, coloca Costa.

Por sua vez, Louise Campos, outra consumidora, não apenas percebeu, mas mantém atenção sobre esses produtos, não apenas com família, mas com amigas que trocam informações nutricionais por conta de filhos e filhas. “Percebi e sempre estou verificando as embalagens para não levar um produto que não seja 100% leite, para não levar o composto. Quando tem muita massa, muito aditivo, faz muito mal, é muito prejudicial à saúde da família. Levei uma vez por curiosidade, mas o sabor é totalmente diferente. Você sente os sais, os aditivos que colocam, e não têm a mesma dispersão. Não têm qualidade”, opina Louise.

Os produtos similares, de “segunda mão” ou “fakes” passaram a ocupar recentemente as prateleiras dos supermercados. Criados com semelhança visual e sabor de produtos originais, são uma saída da indústria alimentícia, e entre consumidores, para compensar a alta dos preços de produtos alimentícios. Contudo, componentes são trocados por outros de menor qualidade, com (mais) açúcares, corantes, aromatizantes, sais e emulsificantes, resultando em menor capacidade nutricional. São os casos da “mistura láctea”, que simula leite condensado; “bebida láctea”, usada no lugar de iogurte; “composto lácteo” no lugar de leite em pó; “creme culinário”, exposto como creme de leite; azeite, vendido com óleos vegetais como “óleo



Embora regulares, essas situações podem induzir ao erro. Ler os rótulos é fundamental



Foto: Carlos Rodrigo

composto”; e ainda “pó para preparo sabor café” no lugar do cafezinho — recentemente apelidado de “cafake”.

Preços mais baixos

A reformulação de produtos antigos e a criação de produtos novos, no caso dos produtos similares, de segunda mão ou “fakes”, seguem de perto a inflação que vem atingindo boa parte dos suprimentos e carregado ainda mais o bolso de quem compra. Em fevereiro deste ano, o Brasil apresentou o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado nos últimos 12 meses de cerca de 5%. Entre os produtos que mais puxaram esse valor para cima, estão chocolate em barra e bombom (16,56%), chocolate e achocolatado em pó (12,49%), leite e derivados (8,29%), leite condensado (8,98%), leite em pó (11,17%), iogurte e bebidas lácteas (6,21%), azeite (14,16%), óleos e gorduras (14,68%) e café moído (66,18%). Justamente, alguns dos produtos que mais têm apresentado novas “versões”.

No entanto, para os consumidores, mesmo os valores em conta desses suprimentos não compensam por conta da baixa qualidade dos novos produtos. Para Louise, a quantidade de aditivos, como açúcares, corantes e emulsificantes, alteram o sabor e a textura das receitas, e influenciam a alimentação em

casa. “Não vale a pena, porque você acaba gastando, o pessoal da família sente o sabor dos alimentos que não é um sabor legal, você acaba desperdiçando um produto”, opina.

Princípio da informação

A nutricionista do Instituto de Defesa do Consumidor (Idec), Mariana Ribeiro, ressalta que, sem analisar individualmente, não há como dizer se os produtos realmente sejam falsos, adulterados ou irregulares — inclusive porque, para estarem disponíveis nos mercados, passam por uma série de regulações e autorizações, como a vigilância sanitária. Por outro lado, a utilização de elementos específicos (frases, palavras, cores, imagens, desenhos etc.) podem induzir o consumidor ao engano com relação às características dos produtos que a embalagem abriga.

“O que a gente vê? As informações publicitárias estão em destaque, chamam mais atenção, estão junto com as imagens, cores chamativas. Mas e a denominação de venda? O nome específico da categoria do produto? Por meio dela que a gente consegue diferenciar o que é um café e o que é um pó para preparar sabor café. A venda desses produtos pode induzir ao erro. O consumidor pode acabar comprando um produto esperando outro”, explica Ribeiro.

Por sua vez, o secretário executivo da Procuradoria de Proteção e Defesa do Consumidor de João Pessoa (Procon-JP), Marcos Souto Maior, avalia que a lei do consumidor é clara. “A legislação apenas tem uma única observação, sempre respeitar o dever de informação ao consumidor. Ele [o comerciante] pode vender qualquer coisa, desde que não seja nociva à vida e que tenha a licença para ser vendida, pelos órgãos de controle, vigilância sanitária etc.”, esclarece. “Agora, se, o produto, ele [o comerciante] quer ven-

der uma coisa quando é outra, isso está maculando o princípio da informação e também vinculando uma propaganda enganosa, prática também vedada pelo Código de Defesa do Consumidor (CDC). Você pode vender um achocolatado como bebida láctea, porque ele tem gosto de chocolate, mas tem que dizer no rótulo”, explica Maior.

“É importante frisar que produtos similares não são, necessariamente, irregulares”, explica o deputado estadual Jutay Gomes, que tem tratado do tema do Direito do Consumidor na Assembleia Legislativa. Para ele, é preciso também fazer o debate nutricional desses alimentos. “Ocorre que por serem, muitas vezes, ultraprocessados, o consumo desses produtos extrapola a ótica do Direito do Consumidor, entrando na seara da Saúde. Para se obter sabor e textura próximas aos produtos referência, há adição de químicos e outros produtos que os originais não contêm. Sem falar na qualidade e no resultado final de receitas, por exemplo”, defende Gomes.

Leitura dos rótulos

Mariana Ribeiro indica que é preciso começar o hábito de verificar as informações mais importantes nos rótulos. Uma delas é a denominação de venda, que indica o que vem de fato no conteúdo do produto. “A denominação de venda vai estar no painel principal, mas não tem posição padronizada. Pode estar na lateral, na parte inferior, onde geralmente se encontra, mas não tem um padrão”, coloca Ribeiro. A nutricionista cita o segundo elemento: “A outra [informação] é a lista de ingredientes. Por meio dela, a gente consegue entender o que compõe o produto e identificar se é ultraprocessado ou não. Se for ultraprocessado, entra na categoria de produtos não recomendados ao público infantil e que devem ser evitados pelo público adulto”.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Taxa Selic e taxação dos EUA: desafios e impactos

A Taxa Selic, definida pelo Banco Central do Brasil (BC), continua a ser um tema central no debate econômico brasileiro no que diz respeito ao equilíbrio entre o controle da inflação e o acesso ao crédito para a população. Atualmente, diversas análises divergem quanto aos efeitos de uma Selic alta sobre a economia, especialmente, com a perspectiva de atingir 15% em 2025. Por um lado, críticos argumentam que uma taxa elevada prejudica o consumo e as iniciativas de pequenos empresários, que já enfrentam dificuldades para obter financiamentos. Por outro, defensores afirmam que é crucial para conter a inflação, que reduziu o poder de compra dos brasileiros.

Recentemente, a política internacional trouxe uma camada adicional dando mais complexidade a essa equação. Em 2 de abril de 2025, o governo dos EUA, sob a administração de Donald Trump, anunciou uma nova política de taxação para países considerados desiguais em suas práticas comerciais, sob uma lógica de reciprocidade. Essa medida pode impactar fortemente o Brasil de diversas formas.

O principal argumento dos críticos é que uma Selic alta encarece o custo do crédito, intensificando o impacto da nova taxação americana, que pode aumentar o preço das importações e reduzir a competitividade dos produtos brasileiros nos EUA, um dos principais parceiros comerciais do Brasil. Esse aumento nos custos se traduz em uma pressão adicional sobre a renda das famílias, limitando o consumo e, por consequência, afetando negativamente o crescimento econômico geral. Pequenos negócios podem se ver ainda mais prejudicados, diante de um acesso já difícil ao crédito e agora com potenciais novas barreiras comerciais.

Por outro lado, os defensores da política monetária alertam que a elevação da Selic é uma medida preventiva indispensável em um cenário global instável, para evitar uma escalada inflacionária exacerbada pelas novas tarifas. O BC continua a sinalizar compromisso com a estabilidade dos preços e com a previsibilidade econômica. Com a economia global enfrentando possíveis novos choques, garantir a estabilidade interna torna-se crucial. A inflação elevada pode corroer ainda mais o valor do dinheiro, complicando a recuperação econômica no cenário pós-crise.

Ademais, com o aumento potencial dos custos de importação devido às tarifas americanas, uma Selic elevada poderia, paradoxalmente, ajudar a controlar gastos excessivos com produtos externos, incentivando a produção local para atender ao consumo interno. Contudo, investidores estrangeiros podem hesitar em investir em um mercado em que o custo do crédito e a volatilidade política possam diminuir as margens de lucros.

Chegamos a um momento em que o cenário econômico brasileiro, para 2025, apresenta-se com desafios e incertezas significativos. A recente decisão dos EUA intensifica ainda mais a necessidade de equilíbrio cuidadoso entre a manutenção da Selic e as políticas fiscais e monetárias. O debate evidencia a importância de políticas econômicas transparentes e robustas que possam mitigar impactos externos, promovendo um ambiente de estabilidade para a população e os negócios. Portanto, um manejo criterioso entre inflação, crédito e políticas comerciais é fundamental para assegurar um desenvolvimento sustentável no futuro.

A depender de onde estejamos, no terreno da economia, vamos torcer para que essa equação Selic x Taxação Americana não seja, para nós, um “furacão Katrina”, no nosso território tropical.



Bebidas lácteas são expostas ao lado de iogurtes de leite



Evento ocorrido nesta semana contribuiu com um debate mais amplo sobre as ações e o papel do segmento de O&G na transição energética e descarbonização nas próximas décadas

PETRÓLEO E GÁS

Instituto realiza evento pré-COP30

Conferência contribuiu com ampliação do debate sobre as ações do segmento de O&G na transição energética

O Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP) realizou seu primeiro evento pré-COP30, na última quarta-feira (2), no Rio de Janeiro, com a presença de lideranças do setor, autoridades e especialistas. Na ocasião, foi lançado o estudo “Transitioning Away from Fossil Fuels in Energy Systems” (“Transição dos Combustíveis Fósseis nos Sistemas Energéticos”). O documento foi produzido pela consultoria Catavento, em parceria com o IBP e o Instituto Clima e Sociedade (iCS), para contribuir com um debate mais amplo e assertivo das ações e o papel do segmento de O&G na transição energética e descarbonização nas próximas décadas.

O presidente do IBP, Roberto Ardenghy, analisa que a COP30 é uma chamada para debater esses temas. “Temos a oportunidade de trilhar o caminho das reduções de emissões e fortalecer nossa posição da descarbonização, além de termos uma geração de recursos para financiabilidade de programas de diminuição de gases de efeito estufa (GEE) e substituição futura dos combustíveis fósseis”, analisa o executivo.

Segundo ele, o petróleo e gás são, atualmente, responsáveis por 80% da energia gerada globalmente. “A evolução energética é uma maratona: precisamos de uma preparação, encontrar caminhos e procurar estratégias. A transição não pode ser um processo de desequilíbrio social — as 77 milhões de pessoas mais ricas do planeta emitem cerca de 16% de GEE. Rejeitamos a ideia de que o setor de petróleo e gás não deve participar de fóruns públicos,

porque temos contribuições para a descarbonização e transição energética”, conclui.

Sobre o estudo, Ardenghy comenta: “Desde a COP28, em Dubai, quando começou nosso diálogo sobre o estudo ‘Transitioning Away’, nossa análise tem um perfil acadêmico e bem fundamentado para promover informações para o debate necessário da transição energética global”.

Victoria Santos (gerente de energia e indústria do ICS) ressalta todo apoio ao papel dos biocombustíveis, além de combustíveis mais avançados, e como devemos ampliar essa plataforma na cadeia de energia para apoiar a descarbonização global.

Alice Amorim (chefe da assessoria extraordinária da COP30) comentou que “este é o primeiro insumo de outros que virão, para que a gente comece a tirar do papel aquilo que foi acordado na COP28, em Dubai”. Ela indica que a transição ainda não é totalmente compreendida. “Qual é a escala que a gente precisa atingir? Tem uma série de dimensões no processo de transição e precisamos entender para conduzir da melhor forma possível”, completou.

Transição energética

Clarissa Lins, sócia-fundadora da Catavento, apresentou o estudo e disse que grandes produtores e emissores de gases de efeito estufa, caso de Estados Unidos e Rússia, colocam em risco a gestão de US\$ 350 bilhões em ativos.

Segundo a executiva, esse fato ocorre por existir o risco de as economias dessas nações serem fortemente impactadas em um ambiente mais

restrito de carbono no futuro próximo. Esse cenário gera, especialmente, uma possível modificação na formulação de políticas públicas globais e é diretamente conectado com o acesso de poupança interna e fundos globais, que são essenciais para a financiabilidade da transição e podem ser encarecidos em termos de crédito por notas de agências internacionais de *rating*.

“Avaliamos no estudo os produtores e consumidores, que nos levaram ao contexto de 11 países em sete regiões diferentes do planeta, para termos um equilíbrio e uma mostra robusta do mercado de O&G global relacionada com a transição energética”, avalia Clarissa. Ela defende que é essencial entender a demanda e oferta, além da necessidade de análise de cinco dimensões para

compreender todos os processos de transição energética: relevância da produção de petróleo e gás (como contribui para pauta de exportação, riqueza e PIB em cada país), competitividade, segurança energética, perfil de emissões e resiliência social (como as mudanças devem ser organizadas e promovidas no longo prazo).

Descarbonização

A diretora-executiva de Exploração e Produção (E&P) da Petrobras, Sylvia Anjos, destacou a posição diferenciada do país no cenário global. “No Brasil, o setor de energia [considerando transportes e outros] responde por 20% das emissões. Quando se olha mais especificamente para exploração e produção de óleo e gás, a nossa indústria responde por apenas

2% das emissões”, observou a executiva.

Flavio Rodrigues (vice-presidente de Relações Corporativas e Sustentabilidade da Shell) comentou que a empresa produziu um estudo durante oito meses em 2024 e concluiu que é necessária maior sinergia com as resoluções do Acordo de Paris. “O Brasil poderá ser um líder da transição energética e ser o primeiro a alcançar o *net zero* [compromisso de reduzir as emissões de gases de efeito estufa na atmosfera] em 2050. Temos debatido o impacto da inteligência artificial nos próximos anos em virtude do aumento da demanda por energia neste campo da tecnologia”, avalia.

Andres Guevara (presidente da bp no Brasil) aponta que a empresa tem foco em soluções de baixo carbono — com etanol e SAF (alternativa ao querosene de aviação) — que estão alinhadas com operações de petróleo da companhia em estágio de descarbonização. “O Brasil é um país privilegiado com um petróleo no pré-sal muito competitivo, combustíveis renováveis e uma política clara para abrir alternativas de tecnologias verdes, por meio do programa Combustível do Futuro”, analisa. Olivier Bahabian (presidente da TotalEnergies) analisa que devemos descarbonizar o setor de petróleo e gás em escala e maior velocidade.

Viviana Coelho (diretora de Transição Energética da Petrobras) indica que o petróleo é um insumo que está presente na conjuntura do *net zero* para as próximas décadas. “Devemos questionar como devemos nos inserir na cadeia de energia glo-

■ **Temos debatido o impacto da inteligência artificial nos próximos anos em virtude do aumento da demanda por energia neste campo**

bal e como podemos analisar a evolução energética. Precisamos de dados para avaliar todo este cenário”, complementa. Paulo Van der Ven (diretor de Operações e Logística da Equinor Brasil) analisou que a jornada de transição deve ser aprofundada e estar alinhada com o desenvolvimento de novas tecnologias verdes e rotas de desenvolvimento para inovação em descarbonização.

Fernanda Scoponi (gerente de Desenvolvimento de Negócios Renováveis da TotalEnergies) analisa que o portfólio corporativo estará mais direcionado para energias sustentáveis e reforçou que o Brasil tem políticas bem estruturadas para produção de petróleo, proporcionando segurança jurídica aos investimentos de longo prazo. Willian Nozak (gerente-executivo de Gestão Integrada de Transição Energética da Petrobras) analisou que a transição energética é um compromisso na Petrobras. Ele lembrou que o *diesel R*, combustível renovável, tem conquistado escala no mercado. Nozak ainda citou que é essencial a modelagem de um sistema de armazenamento e captura de carbono (CCUS) em projetos dedicados *onshore* e *offshore*.



Roberto Ardenghy: a evolução energética é uma maratona

COMPLEXO CIENTÍFICO DO SERTÃO

Governo da PB faz acordos com a Itália e a Espanha

Parcerias internacionais integram o programa Paraíba Sem Fronteiras

Ascom Secties

A ciência e a inovação têm encurtado distâncias e aproximado realidades com o objetivo de conectar o Sertão da Paraíba com o mundo. O Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), consolidou duas importantes parcerias com instituições da Itália e da Espanha para fortalecer o Complexo Científico do Sertão, ampliando as possibilidades de pesquisa, inovação e valorização do patrimônio científico e natural da região.

Esses acordos fazem parte do programa “Paraíba Sem Fronteiras”, iniciativa que busca internacionalizar o conhecimento e conectar o estado a centros de referência no exterior. O programa tem como objetivo estabelecer colaborações estratégicas em áreas como ciência, tecnologia e ensino superior, permitindo que pesquisadores e estudantes paraibanos troquem



Fotos: Mateus de Medeiros

Secretário da Secties, Claudio Furtado, durante reunião para discutir as novas parcerias

experiências com instituições renomadas e tenham acesso a tecnologias e metodologias inovadoras.

Os dois acordos estabelecem diretrizes para a implementação de projetos de grande impacto no Complexo Científico do Sertão, consolidando a Paraíba como um polo de inovação e pesquisa científica em escala internacio-

nal. Enquanto a parceria com o Museu MUSE, da Itália, tem como foco a pesquisa paleontológica e a capacitação profissional, o acordo com a La Salle Technova Barcelona, da Espanha, está voltado à inovação tecnológica e ao desenvolvimento econômico sustentável.

O Complexo Científico do Sertão é um projeto que busca integrar diversos espaços

de conhecimento na Paraíba, criando uma rede que fortalece a pesquisa e a popularização da ciência. Entre os equipamentos que o compõem estão o Monumento do Vale dos Dinossauros, em Sousa; o Museu de Arqueologia da Paraíba, em Cajazeiras; a Cidade da Astronomia, em Carrapateira; e o Projeto BINGO, em Aguiar.

Objetivo é trazer novas experiências ao estado

A cooperação com o MUSE (Museo delle Scienze di Trento), na Itália, foi formalizada durante o 1º Congresso Internacional de Paleontologia da Paraíba, realizado entre os dias 21 e 23 de março, em Sousa. O memorando de entendimento foi assinado pelo secretário da Secties, Claudio Furtado, e pelo diretor do museu italiano, Massimo Bernardi. O objetivo é estabelecer iniciativas conjuntas nas áreas de pesquisa paleontológica, curadoria de museus, inovação tecnológica e engajamento do público.

Segundo Claudio Furtado, a parceria permitirá o intercâmbio de pesquisadores e a troca de experiências entre instituições de renome internacional. “Esse acordo permitirá que nossos profissionais tenham acesso a museus científicos, com ampla experiência, promovendo um impacto significativo no Complexo Científico do Sertão e ampliando a colaboração acadêmica e cultural entre os dois países”, afirmou.

Massimo Bernardi comentou que o museu onde é diretor, na Itália, e o Complexo Científico do Sertão são muito se-

melhantes e podem contribuir um com outro. “Acredito que haja muitas coisas que podemos compartilhar e construir para empoderar ambos os projetos. O museu onde sou diretor é composto por vários anexos diferentes, e nisso ele é semelhante ao projeto desenvolvido aqui. Além disso, este ano, pudemos desenvolver competências específicas e profissionais que também acho que podem ser compartilhadas com o projeto daqui. Mas, ao mesmo tempo, há desafios que vocês enfrentam aqui que são semelhantes. Por exemplo, o fato dessa região da Paraíba ser longe do Litoral, e da mesma forma, a região onde estamos no nordeste da Itália não é próxima das cidades mais conhecidas do país”.

Claudio Furtado ressaltou que a troca de experiência será essencial, principalmente, no que diz respeito à estrutura de uma experiência turística que o complexo requer. “A ideia é que o turista que chega à Paraíba pela capital possa seguir até o Sertão e visitar não apenas um local isolado, mas um conjunto de espaços que completam essa experiência. Quando ele chegar aqui,

ele não visitará apenas o parque, mas também Carrapateiras e Cajazeiras, garantindo que essa trajetória seja enriquecedora”.

O adido científico da embaixada da Itália no Brasil, Fábio Naro, destacou que o acordo é importante para as duas partes e que o seu país tem muito interesse em se beneficiar da troca que será proporcionada com a parceria. “Temos um grande interesse em desenvolver parcerias com o Brasil, na área da paleontologia e na valorização da Bacia do Rio do Peixe. Como embaixada e como parte do sistema de pesquisa italiano, estamos entusiasmados em participar, pois esse sítio foi descrito cientificamente pela primeira vez pelo Padre Leonardi, um paleontólogo italiano”.

Parceria Espanhola

Já o acordo com a La Salle Technova Barcelona, instituição de referência global em ecossistemas de inovação, foi firmado em uma cerimônia virtual, no último dia 2 de abril, e tem como principal foco o desenvolvimento tecnológico da região. A assinatura contou com a presença do secretário Claudio

Ecos do Universo

Carlos Alberto P. da Silva
radioastronomia.educacional@gmail.com | Colaborador

A radiação cósmica de fundo

Em 1964, os físicos Arno Penzias e Robert Wilson protagonizaram umas das mais importantes descobertas para a cosmologia moderna. Assim como Karl Jansky, que décadas antes havia sido o primeiro a identificar sinais oriundos do espaço, Penzias e Wilson também trabalhavam no Bell Labs (Bell Telephone Laboratories) que, na época, era uma gigante em investimentos feitos em pesquisas no campo das telecomunicações.

O feito da dupla foi identificar o que se convencionou chamar Radiação Cósmica de Fundo em Micro-ondas — dada pela sigla em inglês CMB, Cosmic Microwave Background — como é mais conhecida. A descoberta não apenas forneceu uma forte evidência que apoia a Teoria do Big Bang como também revolucionou nossa compreensão do universo em si, na sua origem e evolução.

Arno Allan Penzias nasceu em 1933, na Alemanha, emigrou com sua família para os Estados Unidos fugindo do regime nazista.

Penzia havia se especializado em física experimental. Já Robert Wilson nasceu em 1936, nos Estados Unidos, e especializou-se em radioastronomia obtendo o título de doutor pelo Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech). Penzias e Wilson estavam usando uma antena de rádio originalmente projetada para comunicação via satélite. Ao realizarem testes com

o equipamento, perceberam a presença de um ruído de fundo persistente que não conseguiram eliminar. Toda sorte de fontes foram investigadas: interferência de emissões da Via Láctea, falhas no equipamento e, até mesmo, os pombos, que com frequência depositavam suas fezes nas antenas. O misterioso sinal persistia e vinha de todas as direções do céu.

Foi quando resolveram entrar em contato com físicos da equipe de Robert Dicke, da Universidade de Princeton. Dicke e seus colegas, incluindo Jim Peebles, tinham feito uma previsão de que deveria existir alguma radiação residual resultante do Big Bang, até então apenas uma teoria não confirmada. Ao ouvir o relato de Penzias e Wilson, Dicke, de pronto, percebeu que o que eles encontraram encaixava-se, perfeitamente, com a peça que faltava para sua teoria. Podemos comparar a radiação cósmica de fundo com um fóssil da arqueologia. Assim como um osso pré-histórico é capaz de trazer informações da vida daqueles seres, milhões de anos atrás, a CMB é um fóssil feito de luz. Um resquício do período imediatamente após o Bing Bang, quando o Cosmos ainda era quente e denso.

À medida em que houve a expansão, essa radiação foi esfriando e se espalhando, restando apenas um “brilho” fraco e uniforme na faixa de frequência das micro-ondas. Isso pois termo a outras teorias concorrentes como a teoria do estado estacionário, que propunha que o universo não teria um início definido.

Em 1978, Penzias e Wilson foram laureados com o Prêmio Nobel de Física pela sua contribuição. De lá para cá, medições ainda mais precisas da CMB, como as realizadas por missões como COBE, WMAP e Planck. Elas permitiram aos cientistas analisar as pequenas variações presentes nessa radiação, o que vem revelando detalhes cruciais sobre a composição e evolução do universo.

No próximo mês, abordaremos os principais radiotelescópios que existiram e ainda estão em funcionamento e o papel que desempenharam na evolução da nossa compreensão do universo.

Carlos Alberto P. Silva, Coord. BERG (Brazilian Educational Radioastronomy Group), atua na pesquisa e divulgação de temas voltados para a radioastronomia educacional.



Diretor do MUSE, Massimo Bernardi, e o secretário Claudio Furtado exibem memorando

CADÊ OS TATUÍ?

Crustáceos estão sumindo do litoral

Pesquisadores investigam a redução da presença dessa espécie na costa brasileira; problema é considerado global

Tâmara Freire
Agência Brasil

A ciência está em busca da resposta para o que muitas pessoas que frequentam as praias brasileiras estão perguntando: “Cadê os tatuís?”. A população dos simpáticos crustáceos está diminuindo, e, em alguns locais, já nem é possível encontrar os bichinhos. Pesquisadores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) estão investigando as razões para esse desaparecimento, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

“A gente entende que está havendo um problema global sobre as espécies emeritas, que estão sendo severamente impactadas pelas transformações do Antropoceno [período da história atual, em que o ser humano produz modificações no planeta]”, explica a pesquisadora Rayane Abude, do Laboratório de Ecologia Marinha da Unirio.

“O que acontece? O tatuí não chega na praia? O tatuí chega mas não sobrevive? São os pormenores que a gente precisa olhar, para cada uma das espécies ou para cada uma das localidades, para tentar destrinchar melhor”, acrescenta.

O trabalho se debruça sobre o *Emerita brasiliensis*, espécie mais frequente do litoral brasileiro, e estuda a presença e o ciclo de vida desses pequenos crustáceos em algumas praias do Rio de Janeiro. Historicamente, o local mais estudado é a Praia de Fora, na Zona Sul da capital fluminense, onde a presença de tatuís é observada desde a década de 1990, e vem diminuindo de lá para cá. Rayane também fez uma grande revisão bibliográfica e encontrou relatos científicos sobre a redução de outras espécies de tatuís em países como Estados Unidos, México, Irã, Uruguai e Peru.



Trabalho desenvolvido no Rio de Janeiro analisa o ciclo de vida do *Emerita brasiliensis*; esses pequenos crustáceos são observados desde a década de 1990



■ Presença de outras espécies de tatuís também está diminuindo em países como os EUA, o México e o Uruguai



■ Sumiço desequilibra o ecossistema, além de desfaltar a cadeia alimentar nos oceanos



Animais podem ser considerados bioindicadores da qualidade das praias, uma vez que são seres sensíveis a contaminantes, ou seja, a presença de tatuís é um indicativo de boa qualidade do meio ambiente; já a ausência pode significar a toxidade da água do mar

Movimentação nas praias pode afetar a reprodução

A pesquisa parte da hipótese de que algumas praias são “fontes”, onde novos indivíduos são gerados e depositados no mar, e algumas praias são “sumidouros”: recebem os tatuís, mas não fornecem as condições adequadas para o seu crescimento e reprodução.

“As fêmeas colocam ovos, esses ovos levam entre 10 e 19 dias em desenvolvimento. Depois, eles eclodem na água e liberam larvas. Essas larvas vão para o ambiente marinho, passam entre dois e quatro meses se desenvolvendo, em diversos estágios larvais, até que eles retornam para a praia. Um ponto que ainda está em aberto na minha pesquisa é se elas chegam na mesma praia de origem ou em praias diferentes. Eu estou tentando encontrar essa resposta a partir de marcadores genéticos”, complementa a pesquisadora.

Uma amostragem sistematizada de 189 fêmeas ovígeras, coletadas ao longo de um ano na Praia de Fora, verificou que a fecundidade média foi de 5.300 ovos por fêmea. No entanto, há uma perda significativa de ovos viáveis durante o desenvolvimento embrionário na areia e de larvas dispersadas no oceano. No fim, menos de 1% dos ovos resultaram em novos indivíduos.

Os tatuís que conseguem perseverar nessa primeira batalha retornam às praias como “recrutas”, como são chamados os animais jovens. Eles ainda têm uma carapuça frágil e passam a viver enterrados na areia, principalmente na região de espriamento, a parte que é constantemente molhada pelas ondas. Por isso, os recrutas estão constantemente vulneráveis ao pisoteamento ou esmagamento, em praias frequentadas por humanos, e as praias menos acessadas registram maior densidade de animais.

Qualidade das praias

Os tatuís também são muito afetados pela qualidade do mar, porque se alimentam com a ajuda de antenas, que retêm micropartículas orgânicas dispersadas na água, e levam esses nutrientes até o aparelho bucal.

“Os canais de drenagem ou os rios que desembocam nas praias, que podem trazer uma série de contaminantes e poluentes, podem estar afetando diretamente esses organismos. A toxicidade foi bastante experimentada e testada para espécies de tatuí, não só brasileiros, e é um fator que provoca altos níveis de mortalidade nessas populações”, alerta Rayane Abude.

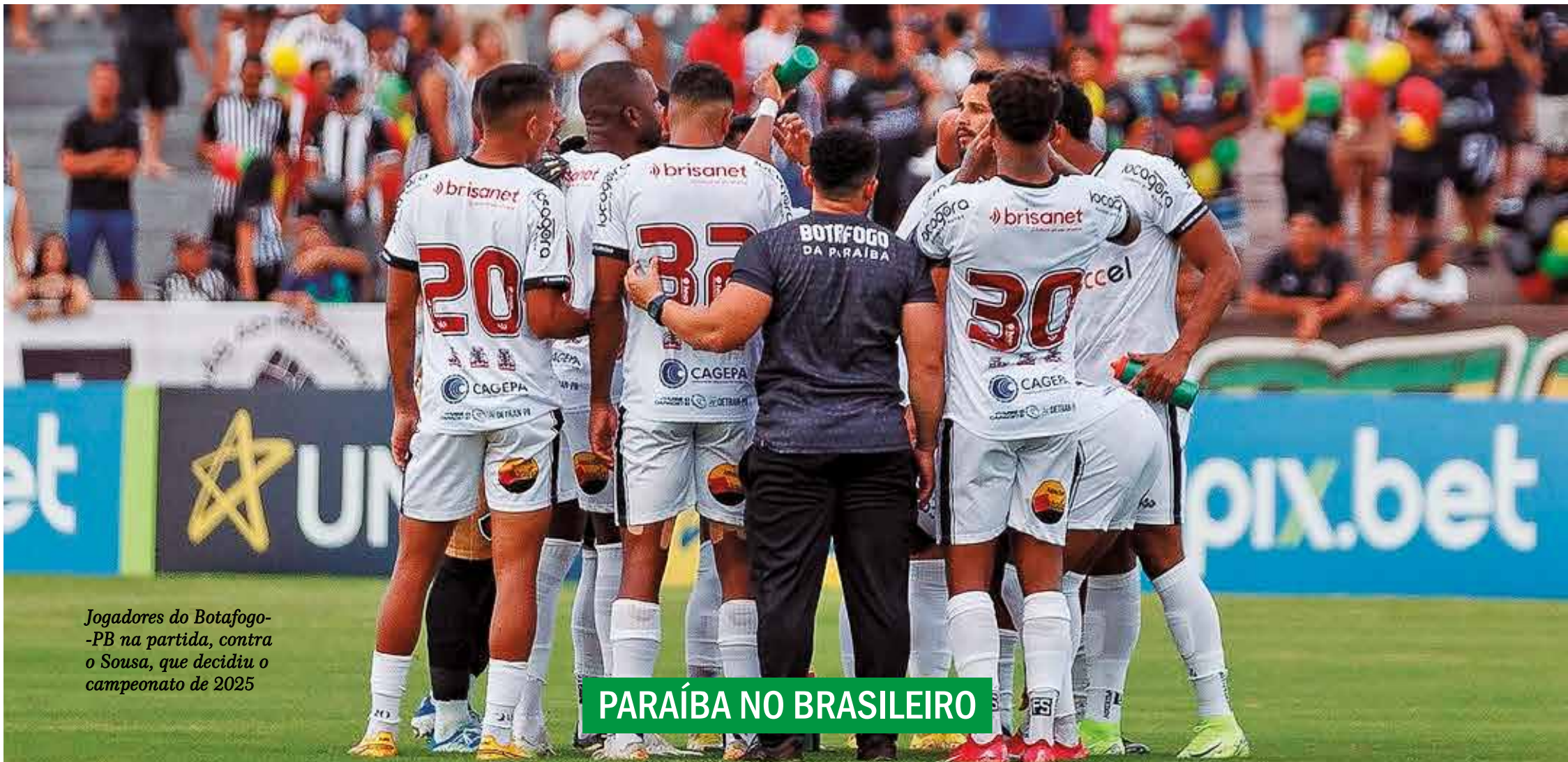
Além de desequilibrar o ecossistema das praias e desfaltar a cadeia alimentar, o desaparecimento desses animais representa um péssimo sinal:

“Eles podem ser considerados bioindicadores de qualidade porque são muito sensíveis a contaminantes. A sua presença é um sinal de boa qualidade do ambiente, mas, quando o nível de poluentes é alto, eles estão ausentes”.

“

Os canais de drenagem ou os rios que desembocam nas praias, que podem trazer uma série de contaminantes, podem estar afetando diretamente esses organismos

Rayane Abude



Jogadores do Botafogo-PB na partida, contra o Sousa, que decidiu o campeonato de 2025

PARAÍBA NO BRASILEIRO

Botafogo-PB, Sousa e Treze vão em busca do acesso

A uma semana da estreia, clubes se reforçam e intensificam os treinamentos para brilhar nas séries C e D

Danrley Pascoal
danrleyp.e@gmail.com

Com o fim do Campeonato Paraibano, Botafogo-PB, Sousa e Treze se preparam, agora, para o início do Campeonato Brasileiro, previsto para o próximo fim de semana. O Belo fará sua 12ª participação consecutiva na Série C, enquanto Dino e Galo representam, pelo segundo ano seguido, o estado na Série D.

O Botafogo-PB buscará alcançar finalmente um acesso para a Segunda Divisão. Em 2025, a esperança do torcedor é de que a nova administração do clube exorcize todo o histórico ruim da equipe na Terceira Divisão. Será o primeiro ano do Belo na competição como Sociedade Anônima do Futebol (SAF).

Já o Sousa aposta na continuidade de um trabalho que rendeu um bicampeonato estadual para chegar à Série C depois de nove participações na Quarta Divi-

são. O Treze, que fez uma grande reformulação após a eliminação na semifinal do Campeonato Paraibano, sonha em repetir a campanha de 2024, mas com um fim feliz, tendo uma vaga garantida na Terceira Divisão.

Botafogo-PB

Em 2025, o Botafogo-PB fará a sua 12ª participação consecutiva na Série C. A sua estreia será contra o Confiança-SE, no Almeidão. A competição deste ano terá o mesmo formato da de 2024, com 27 datas, somando a fase classificatória, o quadrangular do acesso e a final.

O Campeonato Brasileiro da Série C deve ir até dia 26 de outubro. Nesta edição, as novidades ficam por conta de Ponte Preta-SP, Ituano-SP, Brusque-SC e Guarani-SP, que foram rebaixados da Série B; e Anápolis-GO, Retrô-PE, Maringá-PR e Itabaiana-SE, clubes que ascenderam da Série D.

Além do Belo e dos oito clubes que vêm das séries B

e D, estarão na competição: ABC-RN, Caxias-RS, Confiança-SE, CSA-AL, Figueirense-SC, Floresta-CE, Londrina-PR, Náutico-PE, São Bernardo-SP, Tombense-SP e Ypiranga-SC.

Nas 11 participações anteriores, o Botafogo-PB acumula grandes traumas. O mais recente ocorreu justamente em 2024. O clube fez uma grande primeira fase, tendo uma campanha histórica no atual formato da fase classificatória. Somou 41 pontos em 19 jogos, com 12 vitórias, cinco empates e duas derrotas. Na segunda fase, o time teve um desempenho decepcionante. Nas seis partidas do quadrangular, os comandados de Evaristo Piza perderam três, empataram duas e venceram apenas o último jogo, quando apenas cumpriam tabela, sendo o lanterna de sua chave.

Outras duas edições que o torcedor busca esquecer são os torneios de 2016 e 2018. Nas duas, o Belo foi eliminado nas quartas de final, em situações nas quais estava garantido um lugar na Série B.

Na primeira, parou no Boa Esporte-MG, com gol tomado aos 50 minutos da etapa final.

Enquanto, em 2018, acabou eliminado pelo Botafogo-SP, com gol sofrido aos 48 minutos do segundo tempo, tento que levou a decisão para os pênaltis, na qual perdeu por 4 a 3. A temporada 2025 é a primeira do clube como Sociedade Anônima do Futebol (SAF). Diante da profissionalização, o torcedor espera que nesta temporada o roteiro das participações do clube na Terceira Divisão seja diferente.

Sousa—melhor campanha
Com um elenco mais

Foto: Luciano Soares/Sousa



Jogadores do Sousa cumprimentam a torcida na decisão do Paraibano no Almeidão

forte do que na temporada passada, o Sousa vive a expectativa de conseguir o acesso para a Série C neste ano. Será a nona aparição do time do Sertão na Quarta Divisão do Campeonato Brasileiro, a quinta consecutiva. Em 2024, o Dino decepcionou ao não se classificar ao mata-mata da Série D. Dos 14 jogos em que esteve em campo, venceu cinco, empatou três e perdeu seis, somando 18 pontos, ficando na quinta posição do Grupo A3.

Em 2023, o clube havia chegado às quartas de final. Naquele ano, o Sousa fez a sua melhor campanha na competição, alcançado o mata-mata do acesso. No torneio histórico, o Dino foi o líder de seu grupo, somando 26 pontos. Nos 14 duelos da fase classificatória, obteve oito vitórias, dois empates e apenas quatro derrotas. O bom desempenho seguiu nas fases posteriores: nas duas fases seguintes, bateu Falcon-SE e Atlético-CE, mas parou no terceiro e decisivo mata-mata, quando perdeu para a Ferroviária-SP. Em 2025, o time do Sertão estreia na competição nacional contra o Santa Cruz de Natal-RN, fora de casa.

A Série D 2025 terá o mesmo regulamento do ano

anterior. Os 64 participantes foram divididos em oito grupos com oito equipes, dispostas de acordo com a região em que residem. Os times jogarão em turno e retorno dentro das chaves. Os quatro melhores de cada grupo avançam para o mata-mata. Sousa e Treze estarão no Grupo A3, que tem ainda Ferroviário-CE, Central-PE, Horizonte-CE, América-RN, Santa Cruz-PE e Santa Cruz de Natal-RN.

Treze

Com a possibilidade de ficar sem calendário no segundo semestre de 2026, o Treze aposta todas as suas fichas na disputa da Série D. Sob o comando de Felipe Surian, a equipe inicia sua trajetória, na edição deste ano, contra uma grande força do futebol nordestino, o Santa Cruz-PE, no Amigão.

Em 2024, o Alvinegro de Campina Grande foi derrotado pelo Itabaiana-SE nas quartas de final do torneio; com o triunfo, o time sergipano garantiu uma vaga na Série C e eliminou o Galo. A campanha do ano passado foi quase impecável. O Treze fez uma grande primeira fase, sendo líder de sua chave, somando 31 pontos em 14 partidas. Além disso,

perdeu apenas um jogo, empatou quatro e venceu nove.

Nas fases seguintes, eliminou ASA-AL e Altos-PI, mas não conseguiu repetir as atuações do restante da competição nos confrontos que valiam o acesso. A equipe foi eliminada pelo Itabaiana-SE nas quartas de final, com um placar agregado de 3 a 1. A campanha do ano passado só não foi melhor que o vice-campeonato conquistado em 2018, quando a competição tinha formato diferente. Na decisão, o clube paraibano perdeu para o Ferroviário-CE.

Após anunciar Felipe Surian para o comando da equipe profissional, o Treze faz uma grande reformulação no seu elenco visando a disputa da Série D. O clube dispensou sete jogadores após o Estadual e trouxe vários reforços, alguns bem conhecidos do futebol paraibano, caso de Pipico, que esteve no Belo em 2024. Se não alcançar o acesso para a Série C, a equipe terá somente o Campeonato Paraibano para jogar no próximo ano. Ou terá que torcer para o Sousa conquistar uma vaga na Terceira Divisão; nesse cenário, o Galo herdaria a vaga do Dino na Série D de 2026.



Foto: Daniel Vieira/Treze

Pipico é aposta do Treze para fazer gols na Série D

RANKING DA FIFA

Brasil segue ainda na quinta posição

Seleção Argentina continua na liderança, mas a Espanha passa a França depois dos resultados da Liga das Nações

Campeã da Copa do Mundo Fifa Qatar 2022, a Argentina ampliou sua vantagem na liderança do Ranking Mundial Masculino da Fifa/Coca-Cola depois de garantir vaga na Copa do Mundo Fifa 2026.

A equipe comandada por Lionel Scaloni foi a primeira seleção da Conmebol a carimbar o passaporte para o próximo Mundial, que será disputado em Canadá, México e Estados Unidos.

A vitória sobre o Uruguai, em 21 de março, deixou a Albiceleste a um passo da classificação. A confirmação veio poucos dias depois, em 25 de março, com o tropeço da Bolívia diante da Celeste. Depois, a vaga garantida ainda foi celebrada em grande estilo com uma goleada por 4 a 1 sobre o Brasil, um de seus maiores rivais.

A própria Seleção Brasileira não teve alteração no *ranking*: a equipe canarinho continua na quinta posição e não perdeu pontos — na verdade, até pontou um pouco graças ao triunfo sobre a Colômbia, por 2 a 1, em 20 de março.

Em março, além da Argentina, outras três seleções garantiram presença na Copa do Mundo de 2026: Japão e Irã, que mantiveram suas posições no *ranking* (15ª e 18ª, respectivamente), e Nova Zelândia, que subiu três degraus, chegando ao 86º lugar, após vencer a Nova Caledônia e assegurar vaga no torneio de 48 seleções.

Mudanças entre europeus
A parte de cima do *ranking* teve alterações após os confrontos das quartas de final da Liga das Nações da Uefa, com a Espanha superando a França e assumindo a segunda colocação. A La Roja venceu a Holanda nos pênaltis, enquanto os Bleus passaram pela Croácia também nas penalidades.

Já Portugal, que eliminou a Dinamarca, caiu uma posi-



Foto: Divulgação/Fifa

A seleção da Espanha conseguiu passar a França depois do bom desempenho nos jogos realizados pela Liga das Nações

RANKING — TOP 10

- 1. Argentina: 1.886,16 pontos
- 2. Espanha: 1.854,64
- 3. França: 1.852,71
- 4. Inglaterra: 1.819,20
- 5. Brasil: 1.776,03
- 6. Holanda: 1.752,44
- 7. Portugal: 1.750,08
- 8. Bélgica: 1.735,75
- 9. Itália: 1.718,31
- 10. Alemanha: 1.716,98

ção e foi para sétimo, abaixo da Holanda. A Alemanha, por sua vez, encostou na Itália após dois confrontos recheados de gols contra adversários europeus.

Foco nos anfitriões da Copa
Entre os anfitriões da pró-

xima Copa do Mundo, o México subiu duas posições e agora é o 17º colocado, logo atrás dos Estados Unidos (16º), embalado pelo título da Liga das Nações da Concacaf. O Canadá alcançou a melhor posição de sua história no *ranking* da Fifa, subin-

do um degrau e chegando ao 30º lugar.

Seleções que mais subiram
Várias seleções apresentaram grande evolução após seus últimos compromissos. O Panamá (33º) avançou após vencer os Estados Unidos e

garantir vaga na final da Liga das Nações da Concacaf. Enquanto isso, Noruega (38ª), República Tcheca (39ª), Costa do Marfim (41ª) e Tunísia (49ª) foram recompensadas pelas vitórias consecutivas em março. Já o Paraguai (48º) subiu após bater o Chile e em-

patar por 2 a 2 com a Colômbia.

A maior ascensão no *ranking* foi de Mianmar (162º). Outras seleções fora do *top* 50 também ganharam cinco posições: Gabão (79º), Vietnã (109º), Zimbábue (116º) e Serra Leoa (124ª).

FEMININA

Estados Unidos e Reino Unido são candidatos a sediar Copas

Agência Estado

O presidente da Fifa, Gianni Infantino, anunciou que os Estados Unidos (que deve contar com a parceria do México) e o Reino Unido são os únicos candidatos a sediar as duas próximas edições da Copa do Mundo feminina, agendadas para 2031 e 2035.

O comunicado feito pelo mandatário foi divulgado durante a realização do 49º Congresso da Uefa, realizado em Belgrado, na Sérvia.

“Posso confirmar que, como parte do processo de licitação, recebemos uma proposta para 2031 e uma oferta — válida, devo acrescentar — para 2035. A de 2031 é dos Estados Unidos e potencialmente de alguns outros membros da Concacaf juntos. E a de 2035 é da Europa (Inglaterra, Irlanda do Norte, Escócia e País de Gales)”.

Infantino comentou sobre a importância da definição das próximas edições do Mundial

de seleções para a propagação do futebol feminino de uma forma geral. “O caminho está aí para que a Copa do Mundo aconteça em alguns grandes países a fim de impulsionar mais o movimento do futebol feminino”, disse.

Com a próxima edição (2027) programada para o Brasil, a Fifa considerou uma vitória poder definir a continuidade da competição até 2035. A US Soccer e a Federação Mexicana de futebol, que inicialmente apresentaram suas candidaturas para o Mundial de 2027, resolveram concentrar suas atenções para fazer uma organização de vulto em 2031.

Mark Bullingham, CEO da Associação de Futebol da Inglaterra (FA na sigla em inglês), manifestou o seu contentamento com o anúncio de sediar a edição de 2035 da competição feminina.

“Estamos honrados em ser o único licitante da competição de 2035. Sediar a primeira Copa do

Mundo desde 1966 com nossos parceiros nacionais será muito especial. O trabalho duro começa agora, para montar a melhor proposta possível até o final do ano”, afirmou.

O interesse do Reino Unido foi rapidamente apoiado no mês passado pelo primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, quando a entidade disse que estava formalmente buscando propostas.

Edições

A Copa de 2031 deve ser realizada em solo norte-americano, já que a Fifa recebeu uma proposta oficial, enquanto a de 2035 caminha para ser na Inglaterra, Irlanda, Escócia e País de Gales



Foto: Reprodução/Instagram

Presidente da Fifa, Gianni Infantino fez o anúncio dos candidatos em reunião na Sérvia

ARGENTINA

Messi pode bater recorde em 2026

Craque argentino segue motivado para participar de seu último Mundial, que será nos EUA, México e Canadá

Em 2006, o então técnico da Argentina, José Pékerman, sentiu que Lionel Messi havia tomado algumas decisões “imaturas” na partida anterior de seu time e deixou o jovem atacante no banco para o confronto das quartas de final com a Alemanha. A imagem de um Messi abatido, sentado, com o olhar escondido atrás de sua comprida franja — braços cruzados, olhando para o nada e com suas chuteiras jogadas de lado — foi vista ao redor do mundo.

Quatro anos depois, Diego Maradona estava tão ansioso para que seu intrigante camisa 10 marcasse que, toda vez que ele errava o alvo por pouco, acertava a trave ou via sua tentativa ser negada pelo goleiro adversário, o técnico se jogava no chão, cerrava os dentes e parecia pronto para arrancar os cabelos. Seu gol nunca aconteceu.

Então, na Copa do Mundo da Fifa 2014, Messi liderou a Albiceleste com coragem de leão até a final durante uma corrida em que o time foi devastado por lesões e passou por muitas mudanças, mas mostrou muito caráter. O jogo decisivo contra a Alemanha criou uma nova narrativa na qual parecia que Messi nunca conseguiria superar os limites do seu país.

Na Rússia 2018, a longa e desconsolada caminhada de Messi, seu olhar baixo e sua falta de vontade de interagir com qualquer um pareceram um episódio decisivo em uma história cujo fim de conto de fadas nunca se materializaria, enquanto a França desmantelava uma Argentina desarticulada nas oitavas de final.

Mas tudo isso mudou em 2022, quando a história de Messi produziu um desfecho espetacular. Ou melhor: era o fim mesmo?

Depois que a Argentina derrotou a França nos pênaltis, no Estádio Lusail, no Catar, e com dois gols de La Pulga na decisão e sete no total

durante o torneio, ele finalmente colocou as mãos no cobiçado troféu da Copa do Mundo, seu maior objetivo de carreira e sonho de vida.

Mais uma vez, sua caminhada pelo campo carregou um significado monumental, enquanto ele procurava sua família nas arquibancadas e acenava freneticamente para eles. Em uma explosão de emoção, enquanto sua esposa Antonela e os filhos Thiago, Mateo e Ciro se deleitavam, Messi disse: “Já deu”.

Messi agora se encontra em uma situação mais serena e estável do que ele poderia ter imaginado nos poucos meses anteriores ao triunfo no Catar. Como ele disse naquela época: “Da última vez, eu disse que, depois da Copa do Mundo, eu tinha que repensar uma série de coisas, sem saber o que iria acontecer. Veja o que aconteceu. Eu nunca imaginei que estaria jogando em outro lugar que não o Barcelona, mas isso mudou da noite para o dia. Tudo pode acontecer: as coisas mudam rapidamente no futebol. Acho difícil imaginar [jogar outra Copa depois de 2022], mas nada é definitivo”.

No entanto, vários fatores parecem ter reprimido esse pensamento. Sua chegada ao Inter Miami em 2023 não apenas significou uma mudança para uma das cidades-sede da Copa do Mundo da Fifa 2026, mas também tirou Messi do ambiente turbulento e de pressão do futebol europeu. Isso pode permitir que ele meça seus esforços com mais parcimônia, e a excelente fase da Argentina, que já garantiu sua vaga na competição do ano que vem, também ajuda nesse sentido.

“Ele tem experiência suficiente para saber se estará pronto para a Copa do Mundo”, disse o técnico argentino, Lionel Scaloni, em janeiro. “Da nossa perspectiva, ele sabe que a porta está aberta e é absolutamente vital. Temos que deixar o tempo seguir seu curso e espe-



Jogador está em fim de carreira, mas ainda tem futebol para brilhar pela Argentina em sua última Copa do Mundo



Messi e Scaloni na chegada a Buenos Aires após a Copa

rar que ele esteja lá, mas não é algo com que nos preocupamos agora porque sabemos que ele vê as coisas muito claramente”.

“O fato de ele ter vencido [uma Copa do Mundo] não mudará sua competitividade inata. Mas é verdade que isso lhe deu realização completa. Não há como duvidar dele agora. Ele fez isso, e daqui em diante ele pode olhar as coisas com uma nova perspectiva. Do ponto de vista físico, as coisas mudam, não apenas para Messi, mas para todos. Esse já foi o caso de outros que não jogaram na Copa do Mundo”.

Na preparação para o torneio do ano que vem, Scaloni já convocou uma série de jovens talentos, como Valentin Carboni, Alejandro Garnacho e Leonardo Balerdi, que se juntam a um elenco que não precisava de reformulação alguma. Os campeões da Copa América de 2024 permanecem irreprimíveis no topo do Ranking Mundial Masculino da Fifa/Coca-Cola, com nomes no auge, como Emiliano Martínez, Cristian Romero, Rodrigo De Paul, Enzo Fernández, Alexis Mac Allister e Julian Álvarez. Daquela turma, a única grande baixa foi Ángel Di María.

Messi, por sua vez, produziu momentos de mágica durante as recentes eliminatórias da Conmebol para a Copa do Mundo, com destaque para o *hat-trick* contra a Bolívia e seus dois gols contra o Peru, mas também houve momentos em que ele foi prejudicado por restrições físicas. Em uma partida eliminatória fora de casa contra o Brasil, uma lesão persistente o forçou a controlar seu ritmo em campo, enquanto uma lesão grave no tornozelo limitou sua participação na final da Copa América contra a Colômbia.

Messi terá 39 anos quando a Copa do Mundo da Fifa de 2026 chegar. Se ele participar da competição, estará no seu sexto torneio, algo que nunca foi feito antes, em-

Números

Messi já tem no seu currículo maior número de partidas, jogos como capitão e duas Bolas de Ouro em Copas do Mundo, mas ainda persegue outras marcas na sua última participação

bora ele possa ter que dividir o marco com o velho rival Cristiano Ronaldo — isso se Portugal se classificar e se o próprio CR7 permanecer no cenário internacional.

Claro, Messi já tem uma série de recordes da Copa do Mundo em seu currículo, incluindo número de partidas, jogos como capitão e suas duas Bolas de Ouro Adidas. Além do mais, se ele pudesse marcar mais quatro gols no evento, ele tiraria o atacante alemão Miroslav Klose do seu trono de maior artilheiro de todos os tempos na competição.

Como alguém que passou a carreira inteira elevando o sarrafo, sempre há recordes prontos para cair quando Messi está na conversa. Uma interpretação de sua caminhada icônica no campo de Lusail naquele dia apoteótico é que, realmente, ela pode ter significado o fim — o fim do pesadelo e a celebração de um sonho que se tornou realidade. No entanto, vários fatores garantiram que o caminho da Argentina e de Messi em direção à Copa do Mundo da Fifa 2026 permanecesse suave, tranquilo e sereno.

Nesse sentido, qualquer ideia prévia de que sua mente e corpo não poderiam ir muito mais longe parece bastante questionável diante dos fatos. Aquele grito do “já deu” agora não se escuta mais.



O meia argentino terá 39 anos quando a Copa do Mundo da Fifa de 2026 chegar, o que poderá ser a sua sexta competição

DOMINGO DE FUTEBOL

Sete jogos movimentam o Brasileirão

Fluminense, de técnico novo, enfrenta o Bragantino, no Maracanã, buscando reabilitação após derrota na estreia

Da Redação

O domingo de Brasileirão será marcado pela estreia de Renato Gaúcho no comando do Fluminense. O técnico retorna ao clube em que foi vice-campeão da Libertadores em 2008. O time das Laranjeiras joga contra o Red Bull Bragantino no Maracanã, às 16h, com transmissão do Premiere. O time de Guerreiros iniciou a Série A com derrota, diante do Fortaleza, por 2 a 0. O resultado foi responsável pela demissão de Mano Menezes.

Nas últimas sete vezes em que enfrentou o Touro Louco, o Fluminense saiu vencedor em cinco oportunidades. Já o time paulista ganhou uma partida, enquanto o outro duelo acabou empatado. Em 2024, as duas equipes empataram por 2 a 2 no Maracanã, pelo primeiro turno. Já no retorno, no Estádio Nabi Abi Chedid, em Bragança Paulista, os cariocas venceram por 1 a 0. Ao longo da história, o retrospecto é equilibrado. Os clubes estiveram frente a frente em 20 oportunidades, com oito vitórias do Flu contra seis do Red Bull Bragantino, além de seis empates.

O reencontro entre Renato e o Fluminense acontece em um momento estratégico para o clube. Após um início irregular na temporada, a expectativa é que o novo treinador consiga reorganizar o elenco e aplicar sua metodologia com eficiência. A direção espera que o treinador utilize sua familiaridade com o clube para potencializar o desempenho do time em campo, especialmente diante dos desafios do calendário apertado das competições nacionais e continentais.

Atlético-MG x São Paulo

Outro grande confronto de hoje é entre Atlético-MG e São Paulo. O confronto acontece às 16h, no Mineirão, em Belo Horizonte, com transmissão da TV Globo. Do lado dos paulistas, Lucas Moura e Oscar não devem atuar na partida desta tarde, enquanto o Galo não deve ter problemas para escalar o que tem de melhor.

Na primeira rodada, o Atlético-MG perdeu para o Grêmio por 2 a 1, fora de casa. Agora, diante do seu torcedor, a expectativa é de que o clube alcance sua primeira vitória na Série A. No Morumbi, o São Paulo não teve uma boa estreia: apenas empatou por 0 a 0, contra o Sport. Ao fim da partida, Luis Zulbeldía foi vaiado e chamado de burro pelo torcedor.

Atuando no Mineirão, o São Paulo não ganha do Atlético-MG desde fevereiro de 1991, há 34 anos. O último triunfo do Tricolor no estádio foi um 3 a 0, com gols de Eliel (duas vezes) e Flávio. Desde a reforma para a Copa de 2024, os clubes se enfrentaram na arena em cinco oportunidades.

Vitória x Flamengo

Vitória e Flamengo se enfrentam às 18h30, no Barradão, pela segunda rodada do Campeonato Brasileiro. A carga de 3.079 ingressos para a torcida rubro-negra foi esgotada em pouco mais de 24 horas. O Premiere fará a transmissão da partida, por meio



Foto: Marcelo Gonçalves/Fluminense

O Fluminense estreou no Brasileirão com derrota de 2 a 0 para o Fortaleza, mas, no meio de semana, venceu pela Sul-Americana e agora busca a reabilitação na competição nacional



Foto: Ricardo Duarte/Internacional

Internacional busca manter a invencibilidade contra o Cruzeiro; já o Sport Recife pega o Palmeiras



Foto: Paulo Paiva/Sport Recife

do sistema de *pay-per-view*. O serviço de *streaming* Globoplay também exibirá o duelo, pelas mídias digitais.

Depois da estreia do Flamengo com vitória na Libertadores, Filipe Luís vai ganhar quatro reforços para enfrentar o Vitória. Além de Gerson, também estarão disponíveis para o treinador Wesley, Plata e Arrascaeta. Na estreia no Brasileirão, o time carioca empatou por 1 a 1 com o Internacional, no Maracanã. Já o Vitória perdeu para o Juventude por 2 a 0, em Caxias do Sul.

Internacional x Cruzeiro

A partida entre Internacional e Cruzeiro está marcada para as 18h30, no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre (RS). A transmissão ficará a cargo do Premiere de maneira exclusiva. Em todas as competições, os dois times disputaram 87 jogos, com 29 vitórias do Cruzeiro, 26 empates e 32 triunfos do Internacional. Em Porto Alegre, houve 45 partidas, contabilizando nove vitórias para a Raposa, 10 empates e 26 triunfos para o Colorado.

Sport x Palmeiras

O jogo de hoje entre Sport e Palmeiras, na Ilha do Retiro, às 18h30, pela segunda rodada do Campeonato Brasileiro, com transmissão da Record, será também um reencontro entre os técnicos portugueses Pepa e Abel Ferreira, que se enfrentarão pela 10ª vez em suas carreiras, sendo apenas a segunda em solo brasileiro.

Ao todo os dois treinadores já estiveram lado a lado por quatro competições diferentes: Campeonato Português, Segunda Liga Portuguesa, Taça da Liga, além do único jogo pelo Brasileirão, disputado em 2023 e vencido por Abel Ferreira, com o Palmeiras batendo o Cruzeiro, então treinado por Pepa, por 1 a 0.

Outros jogos

Mirassol e Fortaleza jogam no Maião, casa do time paulista, às 18h30. O estádio é pequeno e tem capacidade para apenas 15 mil espectadores. O confronto tem transmissão do Premiere. O jogo entre Santos e Bahia será disputado às 20h30, no Estádio da Vila Belmiro, e terá transmissão do SporTV e do Premiere. O duelo é o primeiro jogo do Peixe em casa após voltar para a Série A.

Jogos de hoje

■ SÉRIE A

- 16h
Fluminense x Bragantino
Atlético-MG x São Paulo
- 18h30
Mirassol x Fortaleza
Internacional x Cruzeiro
Vitória x Flamengo
Sport x Palmeiras
- 20h30
Santos x Bahia

■ SÉRIE B

- 19h
Ferroviária x Remo
Volta Redonda x Cuiabá
- 20h
Avai x Novorizontino

Templo religioso localizado em Santa Rita foi construído no século 17

Foto: Reprodução/Acervo Digital do Iphan

ARQUITETURA

Beleza histórica na Zona Rural

Capela de Nossa Senhora do Patrocínio, também conhecida como Capela de São Gonçalo, reúne traços barrocos e renascentistas

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Ao longe, a abóbada em cimento armado com um pequeno zimbório e cruz lembram antigas catedrais não fossem seu tamanho reduzido e o verde do vasto canavial que se ergue, ao fundo, na várzea do Rio Paraíba. A Capela de Nossa Senhora do Patrocínio (ou Capela de São Gonçalo), único exemplar de igreja colonial rural em formato hexagonal da Paraíba e um dos poucos do Brasil, fica situada no antigo Engenho Una, município de Santa Rita, a 20 km da capital, e, apesar dos três séculos e da necessidade de restauração, ainda serve de espaço para a comunidade rural que vive no entorno.

Grifson Santana nasceu e se criou no local. Foi batizado e fez primeira comunhão na capela, onde hoje atua com a avó, Ana Maria Santana, na coordenação das atividades da comunidade religiosa. A construção colonial acolhe uma programação bem movimentada ao longo da semana, com estudos bíblicos, celebrações e orações, além de missa uma vez ao mês. O jovem católico de 21 anos, que se prepara para ingressar no curso superior de Produção Sucroalcooleira, só começou a despertar para o valor histórico e arquitetônico do templo quando começou a ser chamado para falar a alguns grupos de turistas que visitavam o local.

“Eu fui pesquisar um pouco da história da capela e comecei a me encantar pela beleza dela, pela sua arquitetura, e fui me aprofundando um pouco mais, porque, até então, nós da comunidade não temos esse conhecimento de quem foi o fundador ou em que ano ela foi construída. O que os moradores sabem são apenas histórias que ouviram”, relata Grifson, que, hoje, atua como guia para aqueles que desejam conhecer o espaço.

O jovem costuma falar da riqueza arquitetônica da capela, que se distingue de outras construções pelo formato hexagonal e a faz um dos poucos exemplares de templo rural desse formato no Brasil — a professora de Arquitetura da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Maria Berthilde Moura Filha identificou mais três capelas rurais com arquitetura semelhante na Bahia. Outros detalhes que não passam despercebidos são a beleza da portada em pedra calcária, com frontão formado por volutas e adornos nas extremidades, misturando traços barrocos com a rigidez de linhas retas; as portas em madeira trabalhada; o altar-mor ricamente ornamentado também em pedra calcária, assim como a pia batismal e as seis pilastras internas que sustentam o prisma da construção.

No alto da fachada do templo, a inscrição “1700” pretende indicar a data da edificação, mas os estudiosos levantam dúvidas sobre esse marco, pois seu construtor, o senhor de engenho e mestre de campo Mathias Soares Taveira, cuja lápide se encontra no interior da capela, faleceu em 1776, fazendo crer que a data registrada tenha sido um pouco posterior. Outra data aposta na fachada é 1913, que se refere à reforma feita por Antônio da Silva Melo e seu filho, proprietários do engenho à época, quando lhe foram dadas as feições renascentistas atuais e, provavelmente, foram edificadas as duas escadarias em alvenaria ao lado esquerdo da nave, que dão acesso ao coro e ao púlpito, em substituição às existentes na construção original. Além das características barrocas de influência europeia que tornam a capela distinta das demais situadas na várzea do Rio Paraíba, a cúpula circular apresenta seis aberturas em formato de estrelas que remetem à abóbada celeste. As imagens de Santo Agostinho, Nossa Senhora e São Gonçalo, padroeiro da comunidade, não aparentam ser originais, apesar de antigas.

O jovem guia afirma que há uma procura considerável de grupos para visitar o pequeno templo rural. “Chegam ônibus de estudantes e de turistas de várias localidades do Brasil e até de outros países, querendo saber um pouco da história. Eu me lembro de um grupo de cinco ou seis turistas estrangeiros que cantaram e ficaram muito encantados por conta do efeito da

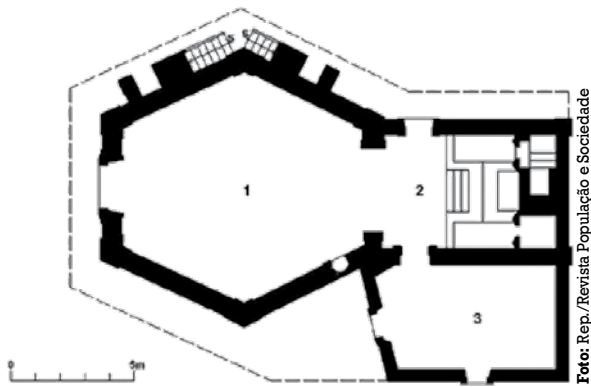


Foto: Rep. /Revista População e Sociedade

Igreja colonial é a única do estado em formato hexagonal

voz no interior da capela. Aquele foi um dia bastante emocionante para mim”, relata Grifson. Ele conta que fica lisonjeado em poder mostrar um pouco da história do lugar onde nasceu e se maravilha com o semblante dos visitantes ao notarem a diferença entre as fotos que veem na internet e as dimensões e a riqueza do patrimônio quando estão frente a frente com ele. Quem deseja conhecer o local pode agendar uma visita com Grifson Santana pelo telefone (83) 98152-5753.

Conservação e restauro

Quando o jovem observa mais de perto o estado de conservação da capela do antigo Engenho Una, o seu sentimento muda um pouco. Grifson relata rachaduras, instalações elétricas comprometidas e árvores crescendo na parte externa do teto da igreja, que provocam infiltrações a ponto de, quando a chuva é um pouco mais forte, o interior do templo se encher de água. “A gente fica feliz em ter uma capela como essa na nossa localidade, mas também carregamos o anseio de que ela seja restaurada. Algumas pessoas de mais idade da comunidade dizem assim: ‘Antes de eu morrer, eu ainda vejo uma reforma nessa capela’”, revela.

A Capela Nossa Senhora do Patrocínio (ou Capela de São Gonçalo) foi tombada em 1955 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na Paraíba (Iphan-PB). O processo de tombamento reconhece o valor arquitetônico e histórico do bem cultural, cuja conservação passa a ser considerada de interesse público, mas a responsabilidade continua sendo do proprietário do imóvel, que atualmente é a Cia Usina São João. Procura-

da, a empresa informou que foi firmada uma parceria com a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (Fecomércio) para pintura da capela.

O Iphan-PB, por sua vez, relatou que realiza vistorias periódicas de monitoramento ao patrimônio, sendo a última protocolada em outubro de 2022, quando foi identificada a necessidade de manutenção e recuperação de seus elementos. O instituto informou também que, desde o ano passado, vem realizando tratativas administrativas para elaboração de Planos de Ação voltados à manutenção tanto da Capela do Engenho Una quanto da Capela de Nossa do Socorro e da capela de Nossa Senhora das Batalhas, inseridas nos antigos engenhos distribuídos ao longo do estuário do Rio Paraíba, na cidade de Santa Rita.

Ecoturismo religioso

Grifson é o único de sua comunidade que se dispõe a apresentar um pouco do legado arquitetônico e histórico da capela àqueles que chegam para visitá-la. Foi ele que recebeu o professor Rafael Nascimento com uma turma de crianças e adolescentes do Centro Rural de Formação, do município vizinho de Cruz do Espírito Santo, para uma trilha de ecoturismo rural. O educador acredita que aliar o conhecimento sobre a história com as questões ambientais é um caminho para conscientização ecológica.

“São histórias que se entrelaçam, porque essa capela tem a ver com o período de ocupação do território com a colonização, com a escravidão e o avanço do monocultivo da cana de açúcar, que fez com que o que ainda temos de reserva florestal ficasse apenas numa área. Então a gente traz esse contexto para incentivar a valorização dessas áreas de nascentes e florestas, refletindo até quando isso vai existir”, explica Rafael.

Na visita, o professor faz questão de perguntar quantos conheciam aquele patrimônio e destacar a importância de sua preservação, para evitar que aconteça o que se pode ver logo em frente, onde estão as ruínas da Casa Grande do antigo engenho. Do mesmo modo, alerta para a necessidade da conservação das matas que ainda restam, sensibilizando para pequenas atitudes que podem partir de cada um. “E isso passa pela responsabilidade de, ao voltar para nossa comunidade, começar a ter um olhar diferente de cuidado com o meio ambiente, evitando jogar o plástico no chão, deixando de fazer queimadas para plantar ou de utilizar algum tipo de veneno na lavoura”, aponta o educador.

Contexto histórico

A solidez da alvenaria autoportante da Capela Nossa Senhora do Patrocínio também remete ao valor simbólico da construção e ao contexto histórico no qual foi construída, de uma sociedade rural colonial marcada pela intensa atividade econômica após a reconquista portuguesa do território anteriormente tomado pelos holandeses. É o que recorda a professora de Arquitetura Maria Berthilde Moura, em artigo publicado sobre o templo histórico.

“Em 1654, após as guerras que restabeleceram o poder português na região, muitos engenhos estavam destruídos, tendo início um período de reconstrução que se estendeu pela segunda metade do século 17. Inserido nesta realidade estava o Engenho Una, então denominado de São Gonçalo, cuja origem, provavelmente, foi uma sesmaria doada a João Afonso Pamplona, em 1586, junto à foz do Rio Una, que integra a bacia hidrográfica do Rio Paraíba”, relata a pesquisadora. O engenho perdeu o nome de São Gonçalo até o início do século 20, quando provavelmente recebeu a denominação de Nossa Senhora do Patrocínio.

Portada em pedra calcária e cúpula circular são alguns dos diferenciais da construção



Foto: Grifson Santana/Arquivo pessoal

João Melquíades

Boletins de guerra em forma de poesia popular

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Poesia, humor e informação misturavam-se nos folhetos, formato impresso da literatura de cordel que possibilitou a muitos poetas populares viverem do próprio ofício, com o paraibano João Melquíades, que adotou o título de “O Cantor da Borborema” e foi um dos primeiros a publicar suas composições, até então divulgadas somente de forma oral. Mais do que proporcionar às camadas populares uma alternativa para se informar sobre os fatos e resistir às adversidades, pesquisadores afirmam que os folhetos de cordel produzidos pelos chamados poetas-repórteres ganhavam mais credibilidade junto aos sertanejos do que as informações oficiais reportadas pelos jornalistas de “canudo”.

João Melquíades Ferreira da Silva nasceu em Bananeiras, em 7 de setembro de 1869, mas logo cedo tornou-se órfão de pai, ficando sob a tutela do avô materno. Segundo o também poeta popular Arievaldo Vianna, o menino teria fugido com um grupo de ciganos, encantado por sua música, sendo resgatado pela mãe somente dois anos depois. As aventuras do garoto não param por aí: como membro do Exército, combateu, em 1897, na Guerra de Canudos, participando ativamente da tomada das trincheiras às margens do Rio Cocorobó, um dos confrontos mais sangrentos que quase lhe custou a vida.

“Lembranças familiares, recolhidas num velho manuscrito por sua neta Lela Melchiades, a partir dos relatos de sua avó Senhorinha, informam que ele voltou traumatizado da Guerra e não gostava de tocar no assunto. Ficou muito chocado ao ver os cadáveres de mães carbonizadas e abraçadas aos filhinhos, naquilo que Euclides da Cunha batizou de ‘a nossa Ven-

deia’ ou ‘Troia sertaneja’”, informou Vian-na. Ao contrário do autor de “Os Sertões”, o poeta assistiu a tudo de perto, pois combatia na linha de frente do conflito.

Naquele mesmo ano, o paraibano foi promovido a sargento-mor e casou-se com Senhorinha Melquíades, com quem teve quatro filhos. Por essa época os pesquisadores de sua obra situam o início de sua produção poética, com versos sobre a açudagem do Sertão do Seridó. Ainda que se acredite que as memórias de Canudos tenham sido escritas logo após o término da guerra, o cordel só seria publicado em 1904, após outra passagem pelo *front*, como combatente na fronteira do estado do Acre com a Bolívia. A visão do poeta popular sobre o conflito nordestino alinhava-se à propaganda difamatória contra o beato Antônio Conselheiro da época, sob a orientação do Ministério da Guerra, mesmo reconhecendo a bravura dos sertanejos combatentes, como se percebe nos versos: “Escapa, escapa, soldado / Quem tiver perna que corra / Quem quiser ficar que fique / Quem quiser morrer que morra / Há de nascer duas vezes / Quem sair desta gangorra”.

Outras obras inspiradas em acontecimentos e personagens reais escritas pelo poeta e que chegaram até nós foram “Cazuza Sátyro, o Matador de Onças”, que o poeta e pesquisador Mário de Andrade considerou admirável e estupendo, “não porque esteja feito com espírito, mas pelo interesse extraordinário de quanto conta, pelo realismo, às vezes, duma firmeza homérica”.

Em “Vitória dos aliados: a derrota da Alemanha e a influenza espanhola”, publicado em 1918, o poeta começa tranquilizando os leitores sobre os rumos da Primeira Guerra Mundial: “Matuto, se estais com medo, / Podeis ficar descansados, / Que a balança da guerra / Pendeu para

os aliados / E os impérios centrais / Já estão desanimados”. Depois prossegue, narrando em versos, os acontecimentos, inclusive a participação brasileira no conflito armado entre as principais nações: “O Brasil já mandou gente / Vai mandar cem mil soldados / Todo jovem brasileiro / Voluntário e Sorteado / A Alemanha sem recurso / Não aguenta os aliados”. Sobre a pandemia de gripe que se alastrou rapidamente, também em razão da guerra, e causou a morte de cerca de 50 milhões de pessoas em todo o mundo, o poeta deu sua interpretação: “A influenza espanhola / É um mal tão perigoso / Para reprovar ao mundo / Que está muito orgulhoso / E os soberbos conhecerem / que há um Deus poderoso [...] Ninguém quer acreditar / No que o Apocalipse anuncia / Mas está acontecendo / As coisas de profecia / Falso profeta e guerra / Fome, peste e carestia”.

A dimensão religiosa presente na obra de Melquíades associa-se à religiosidade sertaneja da qual ele também é representante, mas também possui raízes em seu histórico familiar, mais especificamente no seu avô materno, o beato Antônio Simão, um ex-seminarista e fiel discípulo do Padre Ibiapina que, a seu pedido, construiu uma capela na serra. No folheto “Os homens da Cordilheira”, o poeta paraibano conta um pouco das vivências que teve no lugar: “Tu vês aquela capela / Do Olho D’água de Fora / Bem na testa da montanha / Que Manoel da Silva mora? / Dá uma história bonita / Que hás de saber agora. // Ali morava um beato / De nome Antônio Simão / Que vivia em penitência / Igual a um ermitão / Porque Padre Ibiapina / Deu-lhe esta obrigação // [...] Fez esta capela em nome / Da Virgem da Conceição / Aonde ensinava a ler / E pregava a religião / Aqui recebi das letras / Minha

primeira lição”.

Naquele local, Melquíades teria também lições de Geografia, História, Literatura e da “Bíblia” que se manifestam tão bem em folhetos como “A besta de sete cabeças”, em que usa passagens do livro do “Apocalipse” para interpretar a Primeira Guerra Mundial. A defesa do catolicismo romano é outro ponto forte que encontramos em folhetos como “As quatro moças do céu – fé, esperança, caridade e formosura” e “A rosa branca da castidade”, que pode ser caracterizado como uma literatura catequética. Na “Pe-leja dos protestantes com João Melchiades”, em que se contam ao menos cinco diferentes folhetos, o tema, recorrente da época, é o combate ao protestantismo.

A capacidade de instaurar o instante dramático dos personagens nos versos é um dos pontos que os estudiosos de sua obra mais destacam. Do folheto História do Valente Sertanejo Zé Garcia, escrito em 208 estrofes de seis versos (sextilhas), Arievaldo Vianna recolheu a avaliação do folclorista Câmara Cascudo: “Retrata deliciosamente o Sertão de outrora, com as pegs de barbatão, escolhas de cavalos para montar, rapto de moças, assaltos de cangaceiros, chefes onipotentes e vaqueiros afoitos, cantadores famosos e passagens românticas”.

Romance do pavão misterioso, um dos escritos mais populares da literatura brasileira de cordel, foi publicado por João Melquíades entre 1925 e 1929, mas é também o folheto sobre o qual se levanta a grande polémica acerca de sua autoria. Apesar da primeira edição impressa ter circulado com a assinatura do Cantor da Borborema, alguns pesquisadores afirmam que uma outra versão já havia sido escrita pelo também paraibano José Camelo de Melo (1885-1964), porém não publicada.

“Ao que parece, a polémica em torno da autoria só ganhou repercussão após a morte de Melquíades, em 1933. Depois que o folheto se consolidou como um estrondoso sucesso, tornou-se objeto de cópia de vários editores, que incitavam a polémica para facilitar a sua publicação sem pagar direitos autorais a nenhum dos dois poetas”, analisou Arievaldo. O romance em versos narra as aventuras de Evangelista, um rico comerciante turco, e de sua paixão por Creusa, uma bela condessa grega, presa pelo pai na torre do castelo. Para pedi-la em casamento, o jovem constrói um pavão mecânico capaz de voar até o local para capturá-la. O enredo inspirou a canção “Pavão Misterioso”, composta pelo cearense Ednardo e gravada por artistas como Belchior e Elba Ramalho. O biógrafo do Cantor da Borborema apresenta relatos de que, entre os poetas populares, não havia rivalidade, inclusive porque José Camelo era um dos parceiros com quem Melquíades viajava para fazer apresentações. Numa das cantorias, a polémica teria vindo à tona a partir de um embate amistoso, no qual Camelo teria afirmado: “O pavão tem duas asas / pode voar com nós dois”.

João Melquíades escreveu, ainda, folhetos como “Roldão no leão de ouro”, “Peleja de Joaquim Jaqueira com João Melquiades” e “Combate de José Colatino com o Carranca do Piauí”, no qual o poeta publica o soneto “Lágrimas fingidas”. Estima-se que ele seja autor de 36 títulos.

Aposentado como sargento devido a problemas de saúde, Melquíades mudou-se para João Pessoa, onde passou a viver e se dedicar à venda de seus folhetos e cantorias. Faleceu em 10 de dezembro de 1933, mas foi imortalizado na obra “Pedra do Reino”, de Ariano Suassuna, onde aparece como padrinho de crisma e mestre de cantoria dos per-

■
Matuto, se estais com medo, Podeis ficar descansados, Que a balança da guerra Pendeu para os aliados E os impérios centrais Já estão desanimados

sonagens Quaderna e seu parceiro Lino Pedra Verde.

Após a morte do poeta, seus folhetos passaram a ser editados pelo poeta e cantor Manuel Camilo dos Santos, que teria comprado da família os direitos de publicação, mas essa versão é contestada por Vladimir Melo, um dos bisnetos de Melquíades. Em correio eletrônico enviado a Arievaldo Vianna, o bisneto conta que Santana, filha mais longeva do poeta e que costumava passar a limpo os escritos do pai, “negou até o fim da vida que tivesse intencionalmente vendido os direitos autorais da obra de João Melquíades. Alegou nunca ter recebido nada e que apenas concordou com a publicação dos cordéis”. A disputa, que também envolvia os editores que já publicavam os escritos do cantor antes de sua morte, estendeu-se até que as obras se tornassem de domínio público, nos anos de 2010.

João Melquíades era natural de Bananeiras e iniciou a carreira de cordelista em 1904



Angélica Lúcio

Que falta o texto de Agnaldo Almeida nos faz!

“Há muito o que preservar de Agnaldo Almeida. Do jornalista em sua versatilidade bem-sucedida na imprensa e na televisão, na sua indiscutida influência, e, sobretudo, do homem que soube se comportar sobre todas as suas lides e projeções profissionais”. É assim que Gonzaga Rodrigues, decano do jornalismo paraibano, abre o prefácio do livro “Deu no jornal”, lançado no dia 24 de fevereiro passado, pela Editora A União.

Uma coletânea de colunas do jornalista Agnaldo Almeida, publicadas neste jornal, entre 2012 e 2013, a obra foi organizada por Naná Garcez, jornalista e mulher do autor. A data de apresentação do livro marcou o aniversário de um ano da morte de Agnaldo.

Participei do lançamento do livro, uma edição bonita e muito caprichada, ocasião em que pude parabenizar Naná Garcez pela iniciativa e reencontrar amigos queridos. Em todos, percebi o quão marcante foi a presença de Agnaldo em suas vidas.

Um exemplo do legado (afetivo e profissional) deixado por ele foi citado pela jornalista Beth Torres, que assina o perfil do autor na obra: “Ele não foi apenas um colega de profissão, foi um mentor que marcou profundamente minha trajetória no jornalismo. A sua dedicação à escrita, ao jornalismo investigativo e reflexivo, e seu profundo respeito pelo leitor servem como exemplo até hoje. Sua influência continua presente em todos aqueles que acreditam no poder da palavra e na força transformadora da comunicação”.



Coletânea de textos do jornalista foi lançada pela Editora A União, no dia 24 de fevereiro

Costumo folhear as páginas do livro “Deu no jornal” de forma aleatória, sem compromisso com a cronologia. Reler o que Agnaldo escreveu ao longo do tempo mostra que a prosa, quando é boa, nunca envelhece. Mes-

mo quando trata de assuntos que, de certo modo, estariam datados, o texto do colunista continua necessário; virou registro histórico.

Gosto também de resgatar na publicação o que Agnaldo escrevia sobre temas

comuns ao cotidiano dos jornalistas, como isenção, objetividade, a importância do contraditório. Abaixo, compartilho com os leitores algumas anotações que fiz:

Isenção – “Nunca me deparei com um jornalista isento. Convivi, sim, com gente séria, honesta, verdadeira, cruzando os mesmos batentes das redações com alguns mentirosos, levianos e irresponsáveis. Foi convivendo com uns e outros, que me veio essa convicção de que a isenção é um valor mítico e dissimulador. Os pretensos isentos sempre tinham, e têm até hoje, um interesse indefensável a defender”;

Objetividade – “A objetividade de uma notícia se caracteriza pela capacidade do jornalista relatar as informações de forma direta, sem rodeios. (...) Um texto objetivo não significa um texto pobre de informações, e sim um texto conciso que apresenta os fatos de maneira clara e organizada”;

Entrevista – “Numa entrevista, jornalista faz pergunta. O entrevistado responde e pode ser, sim, contraditado. Mas, arrogantemente ofendido, não. Numa entrevista, ninguém precisa morder ninguém”;

Contraponto – “Ouvir os dois lados de uma questão é boa regra profissional, mas não dispensa uma análise mais aprofundada sobre o conteúdo daquilo que se está publicando. Apenas registrar o dito e a contradição não vale muita coisa”.

O texto, a verve, o estilo e a verdade de Agnaldo fazem muita falta ao jornalismo paraibano. Que bom que a Editora A União decidiu transformar em livro suas colunas. Que venha logo o segundo volume!

angelicallucio@gmail.com

Tocando em Frente

Pop rock made in Brazil — VII

Não é novidade falar que o estado de Goiás é prolífero no quesito conhecimento, na MPB, como música sertaneja de raiz. O nome de José Pereira da Silva Neto (Goianina-GO, 1956–São Paulo-SP, 2024), mostra-nos que, mesmo antes de enveredar por esse caminho, ainda na primeira infância, ele, como o pai, a mãe e um tio, já participava de serenatas nas noites goienses. Era apenas o Zezinho, que costumava também se apresentar em emissora local, chegando a ganhar um programa especial (Pinguim de Gente), e que se tornaria intérprete e compositor. Nessas circunstâncias, o pai, acreditando que o filho poderia fazer algum sucesso na capital paulista, orientando-o a formar dupla com o irmão Ralf Richardson da Silva (Goianina-GO, 1961), mudou-se com a família para São Paulo. Ali, buscou e conseguiu uma chance para a dupla se apresentar na TV Bandeirantes (Clube do Anhangueira Mirim). A primeira apresentação pública da dupla mirim aconteceu em programa dirigido e apresentado por Vicente Leporace e rendeu-lhe dois discos 78 rpm: um em português, em que os irmãos foram creditados como Os Pássaros, e outro em inglês, com a indetificação de Charles & Ralf.

Antes de enveredarem pela música sertaneja, porém, formaram dupla, já atuando como Chrystian & Ralf, ensaiando passos no que chamamos de *pop rock made in Brazil*, quando, como já se sabe, não podiam aparecer em público. É dessa fase a gravação do hit “Don’t Say Goodbye” (creditado a Bryan, J. Saloman e Chrystian), que ganhou muita aceitação e notoriedade quando a música foi



Chrystian & Ralf conquistaram o público apaixonado por música sertaneja nos Anos 80

vinculada à trilha da novela global “Cavalo de Aço” (com participação do casal romântico Tarcísio Meira e Glória Menezes). São dessa fase outros sucessos, como “Tears” (Chrystian) “More Than You Know”, “Everywhere”, “Lies”, “Emotions in My Heart”.

O registro dessa fase estava feito, porém a dupla enveredou por caminhos outros, como a música romântica com viés sertanejo, sem, contudo, deixar-se levar pela novidade do tal

neja tem as suas raízes fincadas no *country* americano, a dupla consagrou o gênero com o sucesso “Saudade”, chegando a fazer parte da novela “Pacto de Sangue” (TV Globo, 1988).

Diversificando ainda mais o seu estilo, Chrystian & Ralf, em 1993, para comemorar os 10 anos de carreira, apresentaram-se no show “Viajantes da Canção”, com direção da atriz Marília Pêra no qual interpretavam músicas do repertório de Elis Regina e Dalva de Oliveira, com uma pequena incursão no clássico de Puccini, da ópera “Turandot”, *Nessun Dorma*, do repertório dos grandes tenores.

Firmando-se como “cantores de novelas”, novamente estão eles na trilha de “O Rei do Gado” (TV Globo, 1996), interpretando a música Mia Gioconda (Vicente Celestino), ao lado de Agnaldo Rayol.

No seu CD “Acústico”, de 1998, em gravação ao vivo no Teatro Mars, em São Paulo, a dupla assume o ecletismo estilístico, interpretando *pop*, *rock*, *soul*, *rhythm & blues*, *country* e “até” MPB...

A dupla, apesar do sucesso, desfez-se em 1999, após lançar o CD “Estação Paraíso”, pegando de surpresa os fãs e o meio artístico. Talvez a pressão do mercado fonográfico tenha-os feito repensar e, em 2001, voltaram a se unir, selando o retorno com o CD “De Volta”, o 15º da carreira deles. Em 2007, ainda gravaram outro CD ao vivo, o “Acústico 2”.

Após a morte de Chrystian, Ralf home-nageou o irmão em um show, desmentindo ter havido alguma desavença entre ambos quando da curta separação artística.

Como se diz que a nossa música sertaneja

REDES SOCIAIS

Trend acende discussão sobre direitos autorais

Apesar de populares, ilustrações no estilo Ghibli geradas por IA recebem críticas

Matt O'brien e Sarah Parvini
Associated Press

Fãs do Studio Ghibli, o renomado estúdio de animação japonês por trás de “A Viagem de Chihiro” e de outros filmes amados, ficaram encantados quando uma nova versão do ChatGPT permitiu que transformassem memes populares da internet ou fotos pessoais no estilo distintivo do fundador do Ghibli, Hayao Miyazaki.

No entanto, a tendência também destacou preocupações éticas sobre ferramentas de inteligência artificial (IA) treinadas em obras criativas protegidas por direitos autorais e o que isso significa para o futuro sustento de artistas humanos. Miyazaki, aos 84 anos, conhecido por sua abordagem de desenho à mão e narrativas encantadoras, expressou ceticismo sobre o papel da IA na animação.

O fabricante do ChatGPT, a OpenAI, que está enfrentando processos por violação de direitos autorais relacionadas ao seu *chatbot* principal, encorajou largamente os experimentos de “ghibliificação” e seu CEO, Sam Altman, alterou seu perfil na plataforma de mídia social X para um retrato no estilo Ghibli.

Em um artigo técnico, a empresa afirmou que a nova ferramenta adotaria uma “abordagem conservadora” na forma como imita a estética de artistas individuais.

“Adicionamos uma recusa que é ativada quando um usuário tenta gerar uma imagem no estilo de

um artista vivo”, disse. Mas a empresa acrescentou, em um comunicado, que “permite estilos de estúdio mais amplos — que as pessoas usaram para gerar e compartilhar algumas criações de fãs verdadeiramente encantadoras e inspiradas”.

O Studio Ghibli ainda não comentou a tendência.

Críticas de Miyazaki

À medida que os usuários postavam suas imagens no estilo Ghibli nas redes sociais, os comentários anteriores de Miyazaki sobre animação por IA também começaram a ressurgir.

Quando Miyazaki foi apresentado a uma demonstração de IA em 2016, ele disse que estava “completamente enojado” pela exibição, de acordo com imagens documentais da interação. A pessoa que divulgava a animação — que mostrava um corpo se contorcendo e se arrastando pela cabeça — explicava que a IA poderia “nos apresentar movimentos grotescos que não podemos imaginar”. Ela poderia ser usada para movimentos de zumbis, dizia a pessoa.

Isso levou Miyazaki a contar uma história. “Todas as manhãs, não nos últimos dias, eu vejo meu amigo que tem uma deficiência. É tão difícil para ele apenas fazer um *high five*; seu braço com músculo rígido não consegue alcançar minha mão. Agora, pensando nele, não consigo assistir a isso e achar interessante. Quem cria isso não tem ideia do que

é dor”, criticou Miyazaki. E ele completou: “Nunca desejaria incorporar essa tecnologia ao meu trabalho de forma alguma. Eu sinto fortemente que isso é um insulto à própria vida”.

Josh Weigensberg, parceiro no escritório de advocacia Pryor Cashman, disse que uma questão que a arte IA no estilo Ghibli levanta é se o modelo foi treinado a partir do trabalho de Miyazaki ou do Studio Ghibli. “Eles têm uma licença ou permissão para fazer esse treinamento ou não?”, provocou.

A OpenAI não respondeu a uma pergunta da reportagem sobre a existência de uma licença. Weigensberg acrescentou que, se um trabalho fosse licenciado para treinamento, poderia fazer sentido para uma empresa permitir esse tipo de uso. Mas, se esse tipo de uso está acontecendo sem consentimento e compensação, poderia ser “problemático”.

Conforme Weigensberg, há um princípio geral de que “estilo” não é prote-

gido por direitos autorais, mas, às vezes, o que as pessoas estão realmente pensando quando falam “estilo” poderia se traduzir em “elementos mais específicos, discerníveis e discretos de uma obra de arte”.

“Apenas parar [no argumento de que] ‘o estilo não é protegido pela lei de direitos autorais’ não é, necessariamente, o fim da investigação”, pontuou.

A artista Karla Ortiz, que cresceu assistindo aos filmes de Miyazaki e está processando outros geradores de imagem por IA por violação de direitos autorais, em um caso ainda pendente, chamou a situação de “mais um exemplo claro de como empresas como a OpenAI simplesmente não se importam com o trabalho dos artistas e os meios de vida dos artistas”.

“[A IA] está usando a marca Ghibli, seu nome, seu trabalho, sua reputação, para promover produtos (da OpenAI). É um insulto. É exploração”, sustentou Karla Ortiz.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Fui adiante (2) = segui + sofrimentos (2) = dores. Solução: acompanhantes (4) = seguidores.

Charada de hoje: Uma graviola (2), por mais rígida (2) que seja, poderia nos servir como material de curativo (4).



Ilustração: Bruno Chiossi



Foto: Divulgação Netflix

Eita!!!!

“Adolescência” em alta

Disponível na Netflix desde o dia 13 de março, a minissérie “Adolescência” segue pautando discussões presenciais e nas redes sociais. Com quatro episódios filmados em plano-sequência, a produção chama atenção não só pela qualidade técnica como também pelo papel social que exerce: o de alertar sobre os perigos da exposição de novas gerações às comunidades virtuais. O drama britânico, dirigido por Philip Barantini, narra uma investigação criminal contra Jamie Miller (Owen Cooper), de 13 anos, acusado de matar uma colega da escola. A minissérie já acumula 96,7 milhões de visualizações ao redor do mundo. Abaixo, confira produções audiovisuais que se assemelham à “Adolescência”:

“Elefante” (2003)

O longa de Gus Van Sant é inspirado na tragédia ocorrida na Columbine High School, em 1999. Na ocasião, estudantes abriram fogo contra colegas e professores. Após matar 13 pessoas, eles cometeram suicídio. Mas, em vez de focar na violência, o filme — vencedor da Palma de Ouro em Cannes — concentra-se no cotidiano dos personagens, explorando a fragilidade e a alienação às quais eles estão submetidos.

“Polytechnique” (2009)

Escrito e dirigido pelo canadense Denis Villeneuve, o filme conta a história do massacre da Escola Politécnica de Montreal, que deixou 14 mulheres mortas e outras 13 feridas, em 1989. O drama policial apresenta três pontos de vista: o do atirador (Maxim Gaudette), que conta seus motivos e culpa terceiros pelo que acontece; o de uma estudante chamada Valérie (Karine Vanasse); e o de um amigo dela, Jean-François (Martin Watier), também aluno da escola.

“Precisamos Falar sobre Kevin” (2011)

Dirigido por Lynne Ramsey, o filme retrata o drama de Eva Katchadourian (Tilda Swinton), uma escritora bem-sucedida que deixa suas ambições e sua carreira de lado após dar à luz ao filho Kevin (Ezra Miller). Agressivo e cruel, ele destrói a harmonia familiar e transforma a mãe em uma mulher infeliz e amargurada. A situação ainda piora, quando, aos 15 anos, Kevin comete crimes, levando Eva a questionar: será que ela já amou o filho? E o quanto do que Kevin fez é sua culpa?

“Infância Interrompida” (2024)

Com uma temporada em cartaz na Netflix, a série conta a história dos amigos Billy (Yasir Hassan) e Doug (Olle Strand), que, recrutados por uma gangue do bairro onde moram, enfrentam um mundo violento e percebem que são jovens demais para se proteger. A obra é um retrato emocionante do poder da amizade na infância e uma representação devastadora do que acontece quando uma sociedade falha em proteger aqueles que mais precisam.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

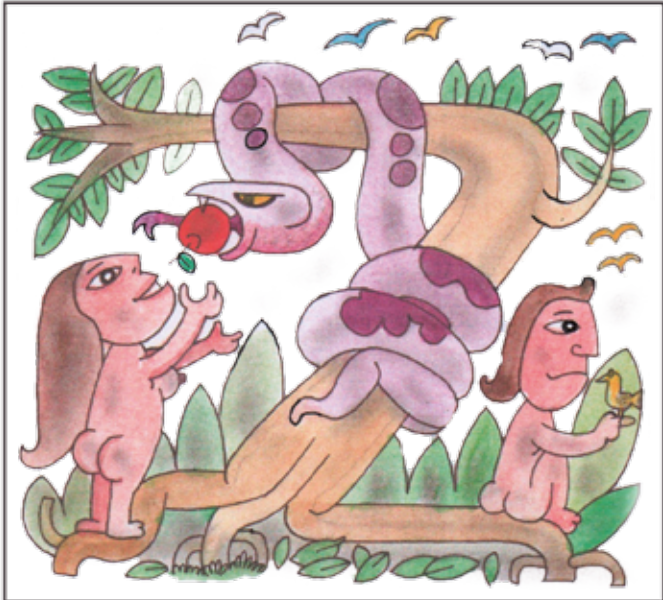
O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 - língua da cobra; 2 - olho de Adão; 3 - maçã; 4 - cabelo de Adão; 5 - linha; 6 - pássaro; 7 - manchinhas na cobra; 8 - galinho; e 9 - rabo da cobra.